



ESCOLA SUPERIOR  
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

## **A GRANDE REPORTAGEM NA ANTENA 1**

**Edgar da Silva Simões**

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Jornalismo

Trabalho realizado sob orientação da  
Professora Dr.<sup>a</sup> Anabela Sousa Lopes


Lisboa, junho de 2021

## **Declaração anti plágio**

Declaro ser o autor deste relatório de estágio, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer uma das suas partes) a outra instituição de ensino superior para a obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho plena consciência de que o plágio poderá levar à anulação do presente trabalho.

Lisboa, junho de 2021

O candidato,

  
\_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

À minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Anabela Lopes, por todo o apoio e disponibilidade ao longo destes meses.

À jornalista Rita Colaço, pelos ensinamentos que vou levar para a vida, pela forma como me recebeu e por todo o apoio que me deu ao longo dos meses de estágio.

Ao jornalista José Manuel Rosendo e Mário Galego, por serem profissionais inspiradores.

À jornalista Arlinda Brandão, pela disponibilidade, generosidade e apoio.

À Antena 1 e a todos que se cruzaram comigo durante os três meses de estágio.

Aos meus pais, irmãos e sobrinhos por serem um pilar inabalável.

À Jeni, pelo seu incansável amor e por estar presente em todas as horas.

## **Resumo**

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. A investigação resulta de três meses de estágio curricular na direção de informação da Antena 1 e tem como tema central a grande reportagem na rádio pública.

Antes de nos debruçarmos sobre o objeto de estudo deste trabalho, traçamos noções importantes sobre o serviço público, a rádio, a linguagem radiofónica e a reportagem. A literatura recolhida será essencial para, numa segunda fase deste estudo, situarmos a *Grande Reportagem Antena 1* no contexto da rádio pública. Iremos identificar a sua linha editorial, a forma como se organiza, a sua extensão digital e quem são os repórteres que lhe dão vida.

Na última fase da investigação, acompanhamos as rotinas de produção de ‘Diálogos entre a vida e a morte’ uma grande reportagem de Rita Colaço. Nesta etapa, e recorrendo à observação realizada na redação e no terreno, pretendemos perceber como é produzida uma grande reportagem com o selo Antena 1 e analisá-la enquanto peça jornalística. Queremos desconstruir a narrativa, revelando o jogo de elementos sonoros e sua função na criação da mensagem radiofónica.

Ao mesmo tempo que nos focamos na *Grande Reportagem Antena 1*, este trabalho pretende, em simultâneo, contribuir com reflexões significativas sobre a grande reportagem radiofónica e sobre o serviço público de rádio em Portugal.

**Palavras-chave:** jornalismo, grande reportagem, repórter, serviço público, rádio, Antena 1

## **Abstract**

This internship report was carried out within the scope of the Master's in Journalism, taught at School of Communication and Media Studies of the Polytechnic of Lisbon. The research is a result of three months of curricular internship in Antena 1's information direction and has as main theme the long report in the portuguese public radio.

Before focusing on the object of study of this work, we will outline important notions about public service, radio, radio language and long reportage. The collected literature will be essential to, in a second stage of this study, situate *Grande Reportagem Antena 1* in the public radio context. We will identify its editorial line, the way it is organized, its digital extension and who are the reporters that give it life.

In the last stage of the research, we followed the production routines of 'Diálogos ente a vida e a morte' a long report by Rita Colaço that we followed from the definition of the theme to the publication. In this phase, and using the observation made in the newsroom and in the field, we intend to understand how a Antena 1 long reportage is produced and analyse it as a journalistic piece. We intend to deconstruct the narrative, revealing the sound elements and their function in the creation of the radio message.

While focusing on *Grande Reportagem Antena 1*, this reserch aims, at the same time, to contribute with significant reflections on long radio report and on the radio public servisse in Portugal.

**Keywords:** journalism, long report, reportage, reporter, public service, radio, Antena 1

## Índice

Declaração anti plágio .....	II
Agradecimentos .....	III
Resumo .....	IV
Abstract .....	V
INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I - A rádio pública: ‘A estação do povo ao serviço do povo’ .....	11
1.1 - Da Emissora Nacional à Antena 1: breve história da instituição de acolhimento.....	11
1.2 - A rádio pública nos dias de hoje .....	13
1.2.1 - Estrutura da instituição.....	13
1.2.2 - Antena 1: O ‘navio almirante’ da informação da rádio pública .....	14
1.3 - A rádio pública e a missão de serviço público: do passado ao presente.....	18
1.4 - Descrição do estágio .....	22
1.4.1 - A escolha da Antena 1.....	22
1.4.2 - Calendarização .....	23
1.4.3 - Primeiro contacto com a instituição.....	24
1.4.4 - Trabalho realizado nos turnos.....	25
CAPÍTULO II - A rádio e a grande reportagem.....	28
2.1 - Rádio: o poderoso meio invisível.....	28
2.2 - Do éter para a digital: novos rumos da rádio .....	32
2.3 - Jornalismo Radiofónico .....	35
2.4 - Linguagem radiofónica .....	38
2.4.1 - Palavra .....	39
2.4.2 - Música .....	41
2.4.3 - Efeitos sonoros.....	43
2.4.4 - Silêncio .....	45
2.5 - Grande reportagem radiofónica .....	46
2.5.1 - Etimologia e princípios narrativos .....	46
2.5.2 - Reportagem: o género nobre.....	47
2.5.3 - Reportagem radiofónica.....	49
2.5.4 - Grande reportagem radiofónica.....	52

<b>CAPÍTULO III - <i>Grande Reportagem Antena 1</i></b> .....	<b>55</b>
<b>3.1 - Um passado de indefinições</b> .....	<b>55</b>
<b>3.2 - A filosofia do presente: dar voz aos silêncios</b> .....	<b>56</b>
<b>3.3 - <i>Grande Reportagem Antena 1</i>: programa ou formato?</b> .....	<b>60</b>
<b>3.4 - Expansão digital</b> .....	<b>61</b>
<b>3.5 - Quem é este ‘grande’ repórter?</b> .....	<b>63</b>
<b>CAPÍTULO IV - ‘Diálogos entre a vida e a morte’ - uma grande reportagem Antena 1</b> .....	<b>70</b>
<b>4.1 - Definição do tema</b> .....	<b>70</b>
<b>4.2 - Investigação</b> .....	<b>70</b>
<b>4.3 - Saídas para o terreno</b> .....	<b>73</b>
<b>4.4 - Montagem e Publicação</b> .....	<b>77</b>
<b>4.5 - Análise da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’</b> .....	<b>79</b>
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>91</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>96</b>
<b>Anexo 1 – Avaliação do estágio</b> .....	<b>97</b>
<b>Anexo 2 – Texto jornalístico imprimido para a leitura de um noticiário</b> .....	<b>99</b>
<b>Anexo 3 – Página da agenda da RDP</b> .....	<b>100</b>
<b>Anexo 4 – Página da agenda de planeamento</b> .....	<b>101</b>
<b>Anexo 5 – Página do documento requisitado ao Centro de Documentação</b> .....	<b>102</b>
<b>Anexo 6 - Mapa da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’</b> .....	<b>103</b>
<b>Anexo 7 – Lista de prémios atribuídos à <i>Grande Reportagem Antena 1</i></b> .....	<b>104</b>
<b>Anexo 8 – Esqueleto de ‘Diálogos entre a vida e a morte’</b> .....	<b>106</b>
<b>Anexo 9 – Entrevistas</b> .....	<b>107</b>
<b>Entrevista nº 1 - Rita Colaço, coordenadora da <i>Grande Reportagem Antena 1</i></b> .....	<b>107</b>
<b>Entrevista nº 2 – Maria São José e João Paulo Baltazar, direção de informação da Antena 1</b> .....	<b>119</b>
<b>Entrevista nº 3 – José Manuel Rosendo, repórter Antena 1</b> .....	<b>126</b>
<b>Entrevista nº 4 – Arlinda Brandão, repórter Antena 1</b> .....	<b>131</b>
<b>Entrevista nº 5 – Mário Galego, repórter e primeiro coordenador da <i>Grande Reportagem Antena 1</i></b> .....	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

Este relatório reflete sobre o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio académico do Mestrado em Jornalismo. A experiência curricular foi realizada na redação de informação da Antena 1, em Lisboa, entre janeiro e junho de 2020 <sup>1</sup> e teve como tema principal a *Grande Reportagem Antena 1*. Situar a grande reportagem no contexto da informação da rádio pública é o objetivo principal deste trabalho. Este objetivo, que responde à pergunta de partida: ‘onde está a grande reportagem na rádio pública?’ só será alcançado através da conclusão de várias etapas.

Num primeiro momento traçamos o perfil editorial da *Grande Reportagem Antena 1*: analisando a sua filosofia, a forma como está organizada e a sua extensão no digital. É também nesta etapa que respondemos à pergunta ‘quem é este ‘grande’ repórter?’. Para o conseguir, cruzamos as entrevistas realizados aos repórteres da Antena 1 com literatura recolhida sobre os desafios do jornalismo contemporâneo de forma a identificar quem é o jornalista que trabalha neste formato e quais os principais desafios que enfrenta.

Numa segunda fase, preocupamo-nos em conhecer e refletir sobre uma grande reportagem com o selo da Antena 1, desde a definição do tema à sua publicação. Em primeiro lugar, faremos uma descrição de todas as rotinas de produção de ‘Diálogos entre a vida e a morte’, um trabalho assinado pela jornalista Rita Colaço. Para num segundo momento analisarmos em pormenor a peça jornalística – interpretando a função prática do som na criação da mensagem radiofónica e os seus vários significados. Através deste trabalho de investigação pretendemos alcançar conclusões pertinentes sobre a *Grande Reportagem Antena 1* e sobre os repórteres que lhe dão forma. Paralelamente a este objeto de estudo, pretendemos refletir sobre a grande reportagem radiofónica enquanto género jornalístico e sobre o serviço público de rádio em Portugal.

Foram várias as dificuldades que enfrentámos ao longo deste trabalho. A maior terá sido encontrar literatura que se debruçasse especificamente sobre a rádio e a grande reportagem. No entanto, desde cedo encarámos a escassez de investigação como uma motivação para contribuir para os estudos sobre a rádio pública e sobre a grande reportagem radiofónica. Esperamos que a nossa experiência, os dados aqui apresentadas e os testemunhos dos profissionais que fazem grande reportagem possam fazer parte dessa contribuição. Apesar da escassez bibliográfica no

---

<sup>1</sup> O estágio foi interrompido de 13 de março a 8 de junho devido à pandemia.

que toca ao velho meio, em comparação com a televisão ou imprensa, a última década conheceu contribuições de grande relevância para o estudo do jornalismo radiofónico. Tendo por base as investigações de autores como Jacinto Godinho, Eduardo Meditsch, Luís Bonixe e Paula Cordeiro traçamos um caminho de investigação que circunscreve um género específico dentro do meio radiofónico: a grande reportagem.

À partida para esta investigação, foram várias as hipóteses que equacionamos: a grande reportagem é um programa que está a perder espaço no seio da rádio pública; a equipa que se dedica à *Grande Reportagem Antena 1* é cada vez mais reduzida; os repórteres têm pouco tempo para desenvolver trabalhos de maior profundidade como a grande reportagem; os repórteres estão cada vez mais presos na redação. Tendo em conta estas hipóteses definidas à priori, demos início a uma investigação que tinha em vista situar a grande reportagem no contexto da informação da Antena 1 e, em simultâneo, refletir sobre a grande reportagem radiofónica e o serviço público de rádio em Portugal. Para o conseguir, dividimos este trabalho em quatro capítulos.

No capítulo I é feita uma abordagem evolutiva da estação pública de rádio portuguesa, instituição de acolhimento para a realização do estágio. É nesta fase da investigação que fazemos uma descrição da forma como está estruturada a rádio pública atualmente. Neste capítulo situamos e definimos as raízes do serviço público: traçando uma evolução do conceito e definindo em que moldes se materializa no presente. Por fim, esta primeira etapa do trabalho compreende uma descrição dos três meses de estágio, onde são abordados a escolha da Antena 1, o primeiro contacto com a instituição e os vários trabalhos realizados nos turnos.

No capítulo II procuramos fazer uma introdução ao meio radiofónico e à grande reportagem. Numa primeira fase, e partindo da histórica emissão da Guerra dos Mundos de Orson Wells, viajamos no tempo até à era de ouro da radiofonia e caracterizamos a rádio enquanto poderoso meio invisível. Hoje, todas as estações “existem para além da sua versão sonora e hertziana” (Bonixe, 2013, p.247). É sobre este mote que vamos delinear os novos rumos digitais que a rádio percorreu nas últimas décadas. De seguida, procuramos explicar o jornalismo e a sua essência, ao mesmo tempo que o relacionamos com a rádio, um forte aliado capaz de reunir qualidades únicas no campo informativo. Ainda neste capítulo, é feita uma abordagem à linguagem radiofónica, o “conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio” (Balsebre,

2005, p.329). É sob a conceção de linguagem radiofónica de Armand Balsebre que analisaremos a importância de cada recurso expressivo e a sua utilização no contexto da rádio informativa.

É na fase final do capítulo II que nos vamos focar na grande reportagem. Numa primeira fase, desvendamos as origens etimológicas da reportagem assim como os princípios narrativos que a sustentam, para depois nos dedicarmos à reportagem enquanto ‘género nobre’ do jornalismo. Embora tenha sido conceptualizada na perspetiva do jornalismo impresso, a reportagem é adotada pelo meio radiofónico, onde se apresenta como “a melhor forma de contrariar o carácter breve e imediato da informação” (Bonixe, 2009, p.6). Com o contributo de Luís Bonixe, Susana Herrera Damas, João Paulo Meneses e Isabel Reis vamos abordar as características da reportagem na rádio para, por fim, chegarmos à grande reportagem radiofónica. No final do capítulo II fazemos uma distinção entre a reportagem e a grande reportagem na rádio, apresentando as especificidades que conferem à grande reportagem radiofónica uma autonomia diferenciada no contexto jornalístico. Para além de contar com o contributo de investigadores como João Paulo Meneses, este subcapítulo teve o contributo de Rita Colaço, José Manuel Rosendo e João Paulo Baltazar, repórteres da Antena 1 entrevistados no âmbito desta investigação.

O capítulo III é inteiramente dedicado ao objeto de estudo deste relatório de estágio: a *Grande Reportagem Antena 1*. Depois de um breve retrato sobre um passado repleto de indefinições, debruçamo-nos sobre o presente deste espaço informativo: a sua filosofia, a forma como se organiza e a sua extensão para lá do éter. Na última fase deste capítulo cruzamos a literatura recolhida com as entrevistas feitas aos repórteres da Antena 1 para responder à pergunta ‘quem é este grande repórter?’, onde vamos tentar perceber quem é o jornalista que faz grandes reportagens radiofónicas, quais os desafios e dificuldades enfrenta nos dias de hoje.

No capítulo IV procedemos a uma descrição de todas as fases de produção de ‘Diálogos entre a vida e a morte’, uma grande reportagem da jornalista Rita Colaço. Com base no trabalho de observação realizado durante o estágio, voltamos a percorrer todas as etapas deste trabalho: da definição do tema à publicação. No final deste último capítulo é feita uma desconstrução da peça jornalística, onde revelamos os elementos sonoros utilizados e o seu significado, ao mesmo tempo que interpretamos a função prática do som na criação da mensagem radiofónica.

## **CAPÍTULO I - A rádio pública: ‘A estação do povo ao serviço do povo’**

### **1.1 - Da Emissora Nacional à Antena 1: breve história da instituição de acolhimento**

Contar a história da rádio pública portuguesa é simultaneamente traçar a linha cronológica da radiofonia no nosso país. Foi na década de 20 do século passado que Portugal deu os primeiros passos para a concretização de um desejo antigo: a radiodifusão. As primeiras emissões experimentais remontam ao ano de 1928, quando Jorge Botelho Moniz e Alberto Lima Basto iniciaram a atividade através de um pequeno emissor de 10 watts, localizado na Parede, no distrito de Lisboa (Ribeiro, 2007). Três anos mais tarde, em 1931, os dois homens pioneiros fundavam “a primeira estação moderna”, o Rádio Clube Português (RCP) (Santos, 2005, p.138).

Na década seguinte, o Estado português começou a demonstrar interesse na radiodifusão e foi neste contexto que a 29 de janeiro de 1930 o governo promulgou o Decreto nº17 899, que conferia ao Estado “o monopólio dos serviços de radiotelefonía, radiodifusão, e outros que se relacionassem com a radioeletricidade” (Ribeiro, 2007, p. 176). Três anos depois, Salazar define o pagamento obrigatório de uma taxa de contribuição por todos os proprietários de emissores ou recetores radioelétricos. É também nesse ano que a segunda grande estação a emitir em Portugal começa a ganhar forma. Na primavera de 1933, a Emissora Nacional (EN) deu início às primeiras emissões experimentais. Começou a emitir para as colónias do Ultramar em 1934 e iniciou as emissões oficiais para o território português a 1 de agosto de 1935<sup>2</sup>.

Desde a sua criação, a Emissora Nacional tinha na cultura simultaneamente elitista e popular, e na identificação com o poder político os seus valores fundamentais, assumindo-se como um aparelho técnico e discursivo para a legitimação da ditadura (Cordeiro, 2004). Apesar de Salazar ter impedido a criação de uma estratégia unitária radiofónica de propaganda do regime, a Emissora Nacional não escapou ao controlo do Estado Novo. Todos os conteúdos da estação eram controlados e fiscalizados de modo a maximizar a eficácia propagandística, evitando a difusão de afirmações inconvenientes que fizessem os portugueses duvidarem do percurso do governo de Salazar (Ribeiro, 2007).

---

<sup>2</sup> Dados retirados da cronologia dos 80 anos da rádio pública, disponível em: <https://media.rtp.pt/80anosradio/historia/cronologia/> [Consultado a 3 de março de 2020]

No final da década de 30, o panorama radiofónico português estava dividido em dois formatos distintos. De um lado, a Emissora Nacional, com um registo mais fechado, identificado com o monólogo de um regime de partido político único: a União Nacional. Em sentido inverso, com um formato mais aberto, informal e de improviso, seguiam a Rádio Clube Português e a Rádio Renascença (Santos, 2005). Este foi o panorama que durou até ao 25 de abril de 1974.

A Emissora Nacional foi uma peça essencial para a revolução de abril. Os militares tomaram conta dos microfones da estação e implementaram mudanças significativas na estrutura e identidade da rádio. Como refere Maria Inácia Rezola, a Emissora Nacional tornou-se, no pós abril, a “estação do povo e ao serviço do povo” (Rezola, 2017, p. 4). As mudanças refletiram-se no afastamento dos elementos tidos como afetos à ditadura, bem como na suspensão dos vários programas conotados como a ideologia do regime, como os programas “Rádio Rural” ou “A Voz do Ocidente”, uma rubrica de propaganda anticomunista (Rezola, 2017).

É neste contexto que, em 1976, a Emissora Nacional passou a chamar-se Rádio Difusão Portuguesa (RDP), na altura apenas constituída por um canal radiofónico. Foi essa a designação da rádio pública até 1981, ano em que se estabeleceu como Antena 1. O alargamento era uma vontade manifestada pela instituição e acabou por se concretizar com a criação de mais duas estações, no final da década de 80. Em 1988, nasceu a RDP Internacional, fruto da necessidade de um elo de Portugal com as comunidades lusas espalhadas pelo mundo. E no ano seguinte, a Antena 2 deu início às suas emissões. Na década seguinte, assistiu-se ao nascimento da Antena 3, que começou a emitir em 1994. Quatro anos depois, a rádio pública criou o seu último projeto em FM até aos dias de hoje. A RDP África destinava-se aos Países de Língua Oficial Portuguesa e começou a emitir em 1996.

Em 1999, celebrou-se o Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora realizado entre o Estado e a Radiodifusão Sonora, S.A, que assumia a rádio e televisão pública como “o único ou principal fator de oferta cultural para muitos que não têm acesso a outros meios, sendo, por isso, um bem cultural de primeira necessidade” (Contrato de Concessão de

Serviço Público de Radiodifusão Sonora, 1999, p. 2)<sup>3</sup>. É também neste contrato que lhe é atribuída a função de serviço público, proporcionando à comunidade “bens ou serviços que se têm por essenciais e que é suposto não poderem ser prestados através da iniciativa privada e dos mecanismos de mercado” (Ibidem, p.2)<sup>4</sup>.

Foi já na entrada do novo século que se deu uma reestruturação da rádio e televisão públicas, que se fundiram dando origem à RTP – Rádio e Televisão de Portugal. Em 2004, RDP e RTP passaram a trabalhar em sintonia, partilhando recursos humanos, alguns programas e diversos serviços (Pacheco, 2010). Esta reestruturação incluiu ainda a mudança de instalações de ambos os serviços para uma nova sede, localizada na Avenida Marechal Gomes da Costa, em Lisboa. Atualmente, a RTP rege-se segundo os princípios do Código de Ética e Conduta da Rádio e Televisão Portuguesa<sup>5</sup>, basilares para o seu desempenho enquanto operadora de serviço público a nível nacional.

## **1.2 - A rádio pública nos dias de hoje**

### **1.2.1 - Estrutura da instituição**

O serviço de rádio pública tem hoje 86 anos e divide-se, no espectro nacional, em três canais – Antena 1, Antena 2 e Antena 3. A Antena 1, com uma vertente mais generalista, que se guia por um equilíbrio entre os conteúdos informativos e a forte aposta na música portuguesa<sup>6</sup>. A Antena 2, uma rádio essencialmente musical, com especial foco na divulgação de música erudita e *jazz*, que dedica também uma parte da programação a outras áreas culturais incluindo literatura, ciência, dança, cinema e artes plásticas<sup>7</sup>. O terceiro canal de serviço público de rádio, a Antena 3, pretende através de uma linguagem mais informal ser “a porta de entrada da cultura pop no universo do serviço público”<sup>8</sup>, comprometendo-se com a novidade da música e das artes.

---

<sup>3</sup> Contrato de Concessão disponível em:

[http://img.rtp.pt/wportal/grupo/governodasociedade/pdf/ccspradio\\_30junho1999.pdf](http://img.rtp.pt/wportal/grupo/governodasociedade/pdf/ccspradio_30junho1999.pdf) [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>4</sup> Informação disponível em: <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>5</sup> Código de Ética e Conduta da RTP, disponível em: [https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/Codigo-Etica-Conduta-da-RTP\\_1-Fev-2017-1.pdf](https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/Codigo-Etica-Conduta-da-RTP_1-Fev-2017-1.pdf)

<sup>6</sup> Perfil da Antena 1, disponível em: [http://www.rtp.pt/antena1/artigos/antena-1-perfil-de-canal\\_8513](http://www.rtp.pt/antena1/artigos/antena-1-perfil-de-canal_8513) [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>7</sup> Perfil da Antena 2, disponível em: [https://www.rtp.pt/antena2/geral/perfil-de-canal-antena-2\\_3142](https://www.rtp.pt/antena2/geral/perfil-de-canal-antena-2_3142) [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>8</sup> Perfil da Antena 3, disponível em: <https://media.rtp.pt/antena3/perfil-da-estacao/> [Consultado a 22 de abril de 2020]

Para além das emissoras nacionais, o serviço de rádio pública oferece também um conjunto de canais com um horizonte geográfico delimitado. É o caso das rádios presentes nas regiões autónomas: a Antena 1 Açores, a Antena 1 Madeira e a Antena 3 Madeira, que organizam a sua programação alternando entre conteúdos próprios e conteúdos das estações nacionais. Dentro deste espectro, existem também dois canais com maior incidência para lá das fronteiras nacionais. É o caso da RDP África, que emite para Lisboa, Coimbra e Faro, e para os países africanos de língua oficial portuguesa, combinando uma cobertura noticiosa com centrada em Portugal e nos PALOP com música essencialmente lusófona<sup>9</sup>. Outro canal com expressão para além-fronteiras é a RDP Internacional, uma estação de cariz generalista com uma proposta direccionada para a música, desporto, conteúdos de índole cultural, informação geral e das comunidades. A emissora que pretende ser “a rádio de referência para a generalidade do luso falantes” pode ser escutada, via satélite e internet, em qualquer parte do globo<sup>10</sup>.

Para além das emissoras FM, o serviço público de rádio engloba um conjunto de canais temáticos com transmissão exclusivamente online, disponível para audição no RTP Play<sup>11</sup> - plataforma online que permite ouvir as emissões, em direto ou em diferido, que comprova a aposta da empresa na área tecnológica. Ao todo, são oito as rádios online que podemos conhecer no site da RTP. Na sua maioria, destinam-se à divulgação de géneros musicais específicos, como acontece com a Antena 3 Rock, Antena 1 Fado, Antena 1 Lusitânia, Antena 2 JazzIn e Antena 2 Ópera. Fora do espectro musical, existem também a Antena 1 Vida e a Antena 1 Memória. A última *web* rádio do grupo RTP a ser criada foi a Rádio ZigZag que, em 2016, arrancou as emissões online com uma programação dirigida a um público-alvo dos 5 aos 9 anos.

### **1.2.2 - Antena 1: O ‘navio almirante’ da informação da rádio pública**

Centrando-me agora na redação de informação da Antena 1, que foi o meu meio durante os meses de estágio, irei estruturar aquilo que foi observado sobre a organização dos turnos, redações e editorias da informação pelos quais fui passando. A primeira antena da rádio pública assume uma forte preponderância interna no fluxo informativo, como afirma o diretor de informação João Paulo Meneses:

---

<sup>9</sup> Site da RDP África, disponível em: <https://www.rtp.pt/rdpafrica/> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>10</sup> Perfil da RDP Internacional, disponível em: [https://www.rtp.pt/rdpinternacional/servicos/rdp-internacional-perfil-de-canal\\_9131](https://www.rtp.pt/rdpinternacional/servicos/rdp-internacional-perfil-de-canal_9131) [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/> [Consultado a 22 de abril de 2020]

A primeira antena da rádio pública, o navio almirante, é o único meio da Rádio e Televisão de Portugal que tem um ciclo de noticiários 24 horas, sete dias por semana. Para assegurar este ciclo, a direção de informação tutela a colaboração de 60 jornalistas, contando com Lisboa, Porto e delegações. As delegações das ilhas excluem-se desta equação, pois têm um mecanismo autónomo.<sup>12</sup>

O funcionamento do ‘navio almirante’, responsável por garantir o ciclo de informação da rádio pública, é assegurado por cinco turnos em atividade, cada um deles constituído pelo editor e uma equipa de jornalistas. Os turnos são definidos pela direção e organizam-se pelas várias partes do dia, são eles: *Manhã 1*<sup>13</sup>, *Manhã 2*<sup>14</sup>, *Tarde*<sup>15</sup>, *Noite*<sup>16</sup> e *Madrugada*<sup>17</sup>.

Os turnos acima referidos têm metodologias de trabalho semelhantes. Antes do início do turno, há uma reunião de planeamento, em que o editor se encarrega de distribuir os temas por cada jornalista, com o objetivo de “antecipar o trabalho e evitar o risco de estar dependente dos acontecimentos ocorridos durante a faixa horária de trabalho” (Bonixe, 2012, p. 93). É nestas alturas que, como consegui testemunhar diretamente, surge muitas vezes a pergunta dirigida pelo jornalista ao editor: “queres sons ou “peça”?”. Esta foi uma dúvida que se repetiu ao longo dos turnos pelos quais fui passando, mas que, para João Paulo Meneses, é difícil de entender,

---

<sup>12</sup> João Paulo Baltazar, diretor de informação da Antena 1. Entrevista gravada no dia 24 de junho de 2020.

<sup>13</sup> A Manhã 1 tem um horário das 5h às 10h da manhã, o chamado *prime time* da rádio. A equipa, liderada pelo jornalista editor Frederico Moreno, tem a responsabilidade de garantir os noticiários de hora a hora e também as chamadas sínteses de notícias, um pequeno *briefing* noticioso com os títulos que os ouvintes vão conhecer, num formato mais longo, à hora certa. O primeiro noticiário produzido pelo turno vai para o ar às 7h e o último é o das 10h. Existem também dois espaços que estão à responsabilidade do turno. O espaço das 8h15, dedicado à transmissão de peças ou pequenas reportagens. E o espaço das 10h15, que é geralmente preenchido por conteúdos mais extensos como entrevistas ou grandes reportagens.

<sup>14</sup> O segundo turno do dia é o da Manhã 2. A equipa deste turno, liderada a partir da redação do Porto pelo jornalista editor Miguel Soares, tem um horário das 9h às 15h e é responsável por garantir os noticiários de hora e hora, sendo que o primeiro noticiário a ir para o ar é o das 11h.

<sup>15</sup> O turno da Tarde inicia os trabalhos às 14h e termina às 20h. A equipa deste turno trabalha integralmente a partir da redação de Lisboa, que conta com a edição do jornalista Nuno Rodrigues. Na Tarde, os noticiários têm edições de meia em meia hora, sendo que o primeiro a ser produzido pela equipa é o das 16h.

<sup>16</sup> Neste turno, a equipa de jornalistas entra ao serviço às 18h e sai às 00h, com o primeiro noticiário às 21h. A partir dos estúdios de Lisboa, o jornalista editor Miguel Soares, lidera uma equipa de jornalistas que produz noticiários de hora em hora.

<sup>17</sup> O último turno do dia, a Madrugada, começa às 23h e termina à 1h. Este turno conta apenas com a coordenação de um jornalista editor, função que atualmente está a cargo de Diogo Pereira.

já que apenas o repórter/jornalista está na posse de todos os dados e “só ele sabe qual o formato ideal para as transmitir” (2016, p.37). Tomada a decisão, cada jornalista deve elaborar as respetivas notícias, providenciando a execução da tarefa o mais rapidamente possível, cumprindo as *dead lines* (Gradim, 2000).

Depois de redigida, gravada e editada, a notícia passa por uma revisão por parte do editor que de seguida se encarrega de escrever um lançamento, “a frase imediatamente antes da entrada do som ou da peça”, e um rodapé, “o fecho do editor” que conclui o assunto antes de passar ao próximo. É também o editor que desenha o alinhamento, “a paginação dos diferentes conteúdos num noticiário” (Meneses, 2016, p.121). Para além dos noticiários à hora certa, fazem parte da grelha informativa as sínteses de notícias. Este segmento vai para o ‘ar’ às meias horas dos turnos da *Manhã 1* e da *Tarde* e são desenvolvidos por um jornalista destacado para a função durante o turno. As sínteses têm uma duração de dois a três minutos e, salvo raras exceções, são desenvolvidas numa configuração que em rádio se chama de ‘papel’, em que o jornalista lê apenas texto, sem lançar qualquer som complementar. Depois do último noticiário de cada turno, a equipa abandona a redação onde trabalhou e volta a reunir num outro espaço para fazer o planeamento do dia seguinte. É aí que, com as atenções viradas para a agenda mediática<sup>18</sup>, se discutem temas, partilham-se sugestões e agendam-se contactos/entrevistas.

Em todas as equipas, existe um jornalista destacado<sup>19</sup> para ‘dar apoio’. Este jornalista tem de estar em constante sintonia com o editor, ajudando-o a alinhar os sons que vão passar no ‘ar’ durante o noticiário, editando sons sempre que necessário e fazendo contactos com os repórteres exteriores. No final do turno, é este jornalista que fica responsável pela chamada ‘passagem de serviço’, um documento escrito que contém uma descrição pormenorizada de tudo o que foi feito durante o turno<sup>20</sup>. Este documento é enviado por e-mail à equipa inicia o turno seguinte, que fica com uma atualização completa daquilo que foi feito anteriormente, evitando repetições ou erros.

Todos os turnos trabalham num espaço comum, chamada de ‘redação avançada’. Em Lisboa, este espaço encontra-se no mesmo piso do estúdio onde é feita a emissão em direto e

---

<sup>18</sup> Ver em Anexo 3: Imagem da agenda.

<sup>19</sup> O jornalista que dá apoio ao editor altera de semana para semana, garantindo-se rotatividade na equipa.

<sup>20</sup> Indicação dos títulos dos vários noticiários e os respetivos sons lançados no ar, não faltando a referência a peças, rubricas ou reportagens emitidas durante o horário do turno.

os noticiários. Nessa redação, os jornalistas estão organizados numa mesa-redonda, devidamente equipada com um computador e um telefone fixo para cada profissional.

Na Antena 1 existem duas editorias: uma de Política e outra de Desporto, esta última responsável por colocar no ar três edições alargadas de informação desportiva (12h30h, 18h30 e 22h30), sínteses no turno da manhã (7h35, 9h35 e 10h35) e da tarde (15h35, 16h35, 17h35). A Antena 1 contempla também um espaço dedicado à grande reportagem – a *Grande Reportagem Antena 1*, motivo maior que me levou até à rádio pública. A ‘GR’, como é chamada no glossário da radiofonia, é coordenada, desde 2017, pela jornalista e repórter Rita Colaço.

A informação do primeiro canal da rádio pública não se cinge apenas aos noticiários, contemplando também pequenas rubricas diárias e espaços mais alargados de informação diária e semanal. Ao longo da emissão de segunda a sexta, existem diversas rubricas como o *Portugueses no Mundo*, um espaço de breves entrevistas a emigrantes portugueses, *Histórias da História*, um retrato de um facto histórico feito por um repórter, *Contas do Dia*, espaço de análise económica, *Índice AI*, informação diária sobre a bolsa, *Um Dia no Mundo*, uma crónica de actualidade, *Cinemax*, dedicada ao mundo do cinema, para além dos espaços dedicados a reportagens e entrevistas.

Para além dos espaços informativos enumerados anteriormente, existem ainda programas mais alargados de informação diária. É o caso da *Antena Aberta*, um espaço que contempla “um tema por dia, atual e relevante, analisado por especialistas e comentado pelos ouvintes da Rádio Pública”<sup>21</sup> e do *Portugal em Direto*, um magazine diário de informação regional, que “reforça a missão nobre do serviço público - estar mais próximo das pessoas, em todo o território nacional”.<sup>22</sup> Por fim, existem também programas de informação semanal, como o *Visão Global*, espaço dedicado à realidade internacional, ou *Os Dias do Futuro*, série de semanal que se foca nos investigadores, na inovação e nos projetos de desenvolvimento.

O desporto continua a ser uma aposta forte da Direção de Informação da Antena 1. Para além de produzir informação desportiva diariamente, a editoria de *Desporto* é responsável por transmitir o relato e os comentários dos jogos dos ‘três grandes’ do futebol português: Benfica, Porto e Sporting. Ainda no desporto, destaque para o fim de linha da *Tarde Desportiva*. O

---

<sup>15</sup> Informação disponível na sinopse do programa: <https://www.rtp.pt/play/p469/antena-aberta> [Consultado a 23 de abril de 2020]

<sup>22</sup> Maria São José, diretora de informação Antena 1. Entrevista gravada no dia 24 de junho de 2020.

programa quinquagenário, transmitido em direto todos os domingos, que fazia o acompanhamento das últimas notícias e resultados do futebol português, internacional e de outras modalidades, foi descontinuado em setembro de 2020. Esta decisão teve em conta o contexto específico causado pela pandemia.<sup>23</sup>

### **1.3 - A rádio pública e a missão de serviço público: do passado ao presente**

Para compreender o serviço público da rádio pública portuguesa, é importante recuar alguns passos na história, de forma a situar e conhecer as raízes do serviço público. De igual importância é perceber a evolução do conceito até aos dias de hoje e em que moldes se materializa no presente.

As primeiras linhas da história do serviço público escreveram-se em França, no final do século XIX, época de confluência marcada pelo surgimento de um novo posicionamento do Estado e pela procura de solidificação do direito público (Chevallier, 2010 *in* Santos, 2013). A alteração do papel e das responsabilidades estatais resultaram da incapacidade do movimento de liberalismo económico em satisfazer todas as necessidades do povo. O que levou a função administrativa do Estado a centrar-se no bem social, no final do século XIX (Santos, 2013). É nessa altura que, como afirma Sílvio Correia Santos na obra *Os Media de Serviço Público*, se desenvolve “um modelo de ação estatal mais interventiva, que incluía a prestação de serviços que o mercado não proporcionava às pessoas” (2013, p.4).

Alguns serviços de interesse geral começaram a ser realizados pelo Estado, que numa tentativa de renovar a sua própria existência, conforme Santos (2013), “passou a ser mais interventivo na dimensão quotidiana, a estar mais próximo dos cidadãos e a garantir a coesão social. “(p.4). Esta nova dinâmica de intervenção do Estado está na base do desenvolvimento organizacional moderno da própria sociedade e relaciona-se diretamente com a noção do coletivo. O bem comum já não era justificado pelo desígnio do Estado, mas sim pela vontade dos cidadãos, essa era a principal mudança da sociedade francesa, segundo Guglelli e Koubi (cit. *in* Santos, 2013, p. 9). Foi com base neste princípio que Leon Duguit desenvolveu a raiz doutrinal do serviço público no início do século XX. Duguit, considerado o pai da Escola do Serviço Público, identificava o serviço público com a prestação estatal de fins sociais e

---

<sup>23</sup> Notícia do Jornal Público <https://www.publico.pt/2020/09/10/sociedade/noticia/tarde-desportiva-antena-1-descontinuada-fim-50-anos-1931166> [Consultada em 12 de setembro de 2020]

justificava a existência do Estado, precisamente, pelo dever da prestação de serviços e não pela sua autoridade perante a sociedade.

Outra definição clássica do conceito foi desenvolvida pelo jurista francês Louis Rolland, que aponta três princípios fundadores do serviço público: continuidade, igualdade e adaptabilidade ou mutabilidade. Desconstruindo os três pilares que servem de base ao conceito de serviço público, a continuidade prende-se com a “continuação do tempo de um serviço que responde a uma necessidade coletiva permanente”. A igualdade à “garantia de acesso universal, independentemente de critérios geográficos, ou de estatuto social, e a exigência de um custo igual a todos os utilizadores”. Por fim, a mutabilidade centra-se na “adaptação da entidade prestadora à evolução das necessidades sociais” (Santos, 2013, pp. 10-12). Com o passar do tempo, e apesar da consensual dificuldade existente na definição de um conceito (Santos, 2013), o serviço público, herdeiro da tradição francesa, foi-se modernizando e alastrando pelas várias áreas da sociedade, mas o seu objetivo, segundo Sílvio Correia Santos, manteve-se intacto:

O conceito de SP é usado em várias esferas. De todo o modo, o objetivo de um SP é, geralmente, incontestado, independentemente da realidade que se observa. A sua essência reside na procura de resposta e de satisfação para uma necessidade comum. É essa a razão da sua existência e da garantia constitucional desses serviços. (Santos, 2013, p.10)

A esfera dos média é uma das que mais se associa ao conceito de serviço público. E dentro deste campo, a rádio teve um papel muito importante. Segundo Santos (2013) foi na primeira metade do século XX que nasceu o modelo de rádio pública que se viria a estabelecer como referência em toda a Europa. “A mens to keep the nation together, (...) radio became a source of national identity” (Kleinsteuber, 2011, p. 64 *in* Santos, 2013, p. 19). O aparecimento do Serviço Público de Rádio é constantemente associado à criação da *British Broadcasting Corporation*, BBC, em janeiro de 1927<sup>24</sup>, financiada através de dinheiros públicos e cujo carácter pioneiro acabou por servir de modelo orientador para diversos países europeus. Este modelo foi uma referência, em parte, para o nascimento da Emissora Nacional, mas divergiu na orientação que a própria rádio assumiu. Se por um lado, a BBC primava pela garantia de

---

<sup>16</sup> Informação disponibilizada pela *timeline* da BBC disponível em <https://www.bbc.co.uk/historyofthebbc/timelines/1920s> [Consultado a 22 de abril de 2020]

estação independente, nos primeiros anos a Emissora Nacional estava sob controlo ideológico e estatal por parte do Governo de Salazar.

Sílvio Santos (2013) faz a distinção, no âmbito dos *media*, entre os *media* estatais e os *media* de serviço público. Para o autor, “os *media* estatais não se guiam pelos princípios de independência ou imparcialidade” enquanto o foco do serviço público é o “interesse dos cidadãos e não o do estado enquanto entidade pública” (Santos, 2013, p18). O controlo dos *media* estatais persistiu até à queda dos regimes totalitários e o início da liberalização, um processo que vai dar origem a uma nova paisagem na realidade mediática e radiofónica. Em Portugal, a implementação do SPRT (Serviço Público de Rádio e Televisão) fez parte do processo de transição democrática.

Se não houver maturidade democrática não pode haver um verdadeiro serviço público. E o modelo democrático que construímos na Europa não existe sem o SPRT. Porque, ao contrário do que por vezes salta desta discussão, o posicionamento do SP deve ser de tal forma, que este faça falta ao mercado. Ele deve ser um fator de equilíbrio e também de elevação no sector (Santos, 2013, p. 2)

O panorama radiofónico em Portugal, segundo Paula Cordeiro (2004) no artigo *A rádio em Portugal: um pouco de história e perspetivas de evolução*, “alterou-se de forma gradual”, passando de um cenário predominantemente marcado pela existência de rádios sob poder do Estado para o crescimento de novos meios privados (2004, p.4). Desta forma, desenvolveu-se um sistema no qual coexistiam meios públicos e privados, que é definido pela Unesco como sendo a ecologia mediática ideal (Banerjee e Seneviratne, 2005 *in* Santos, 2013).

Atualmente, o Serviço Público de Rádio e Televisão expressa-se em três documentos distintos: na Lei da Rádio, no contrato de Concessão de Serviço Público atualmente em vigor e na Constituição da República Portuguesa. Na Constituição da República Portuguesa, segundo a alínea 5 do artigo 38º, “o Estado assegura a existência e o funcionamento de um serviço público de rádio e televisão”, sublinhando na alínea seguinte que os *media* públicos devem “salvaguardar a sua independência perante o Governo, a Administração e os demais poderes políticos, bem como assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes

de opinião”<sup>25</sup>. Já no ponto 1 do Artigo 5 da Lei da Rádio, está expresso que a rádio pública e os restantes operadores devem “colaborar entre si na prossecução dos valores da dignidade da pessoa humana, do Estado de direito, da sociedade democrática e da coesão nacional e da promoção da língua e da cultura portuguesas”<sup>26</sup>. Finalmente, no Contrato de Concessão do Serviço Público (2015) é possível detetar os princípios basilares do SP. Segundo a alínea a) da cláusula 15º, integram o serviço público de rádio:

Um serviço de programas nacional de carácter generalista, com opções diversificadas e uma forte componente informativa e de entretenimento, destinado a servir a generalidade da população, atento às realidades regionais e à divulgação de música portuguesa, seus interpretes e compositores, bem como às manifestações culturais, desportivas e outras, de grande interesse do público (Contrato de Concessão do Serviço Público, 2015).

O serviço público de rádio deve estar preparado para chegar a todo o território português, desempenhando um papel diferenciado e vital para a população do nosso país. Numa entrevista realizada no âmbito deste relatório de estágio, Mário Galego, jornalista da Antena 1, relata um episódio recente capaz de refletir a importância da missão nobre do serviço público de rádio em Portugal:

Em 2017, durante os grandes incêndios da Serra da Estrela, a rede de telemóveis foi ‘à vida’. A televisão e a internet foram ‘à vida’. Não havia comunicações. Apenas a rádio pública lá chegava. Dois presidentes da câmara afastaram-se do município, deram-nos declarações, gravamos com eles e transmitimos para que quem estivesse em casa, a ouvir telefonia, soubesse o que fazer. Houve muita gente que estava em perigo e que se não fosse a telefonia talvez a sorte delas teria sido outra. E foi aquele apelo, dado pela rádio, que salvou aquelas pessoas. As rádios todas podem fechar todas, esta nunca fecha.<sup>27</sup>

Atualmente, o serviço público de rádio está de mãos dadas com a digitalização e com o progresso tecnológico. No início do século XXI, o aparecimento da internet veio alterar o funcionamento do ecossistema mediático, fazendo com que os *media* procurassem apropriar-se das características mais atrativas da internet para ganharem e fidelizarem novos públicos (Canavilhas, 2013). Esta introdução da internet transformou o paradigma do serviço público, num serviço público 3.0, que culminou no fim do *Public Service Broadcasting* e no início do

---

<sup>17</sup> Informação recolhida em:

<https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx#art37> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>18</sup> Lei da rádio consultada em: <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2010/12/24800/0590305918.pdf> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>27</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Mário Galego, jornalista.

*Public Service Media* (Santos, 2013). O Estado português acompanhou essa evolução e adaptou o Serviço Público de Rádio e Televisão aos novos rumos tecnológicos, como podemos observar na cláusula 2 do Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio:

O serviço de rádio e televisão deve (...) estar presente nas diversas plataformas tecnológicas apropriadas à sua difusão, podendo contemplar serviços de programas, serviços audiovisuais a pedido, sítios e portais na internet e quaisquer outros serviços multimédia em diversas redes e plataformas de telecomunicações. (Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e Televisão, 2015).

A presença do serviço público de rádio no campo tecnológico é suportada pela atual direção de informação da Antena 1 que, desde 2015, olha para o digital como uma oportunidade de expandir os limites da rádio pública. A aposta na extensão digital materializou-se na exploração de redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*.

No seguimento desta adaptação do serviço público às potencialidades da web está a criação do RTP Play, em setembro de 2012. A plataforma digital dedica-se às emissões em direto de televisão e rádio e é, em simultâneo, uma base de arquivo de programas *on demand* dos vários conteúdos da empresa.

## **1.4 - Descrição do estágio**

### **1.4.1 - A escolha da Antena 1**

Quando tento justificar a escolha da Antena 1 e a grande reportagem na rádio como objeto de estudo vem-me à memória um dia e um local: 10 de abril de 2018, Anfiteatro da Parada, Universidade da Beira Interior. Decorria o primeiro dia das ‘Jornadas da Comunicação’, um evento de palestras dedicadas às diversas vertentes da área. Naquela manhã, o painel intitulava-se ‘Reportagem: o género nobre’. A convidada era Rita Colaço, repórter e jornalista da Antena 1, que viajou até à Covilhã para falar sobre um dos seus principais ofícios: a grande reportagem radiofónica.

Perante uma turma de terceiro ano da licenciatura em Ciências da Comunicação, a tela do auditório mostrava uma imagem do esqueleto sonoro de ‘O Pior Dia’ - uma grande reportagem que a jornalista produziu sobre os fatídicos incêndios de Pedrógão Grande. De áudio em áudio, a repórter desconstruiu toda a narrativa, justificando cada corte, efeito sonoro ou frase. Apenas com o recurso ao som conseguiu levar-me para dentro da história e criar, na minha imaginação, todos aqueles cenários cinzentos e de destruição. Recordo-me do entusiasmo, mas sobretudo da

inquietação que aquele trabalho me provocou. Pela imersividade sonora, pelo jogo de sobreposição de som e pela capacidade da repórter em colocar-me naquele lugar através de um único sentido. Inquietou-me a narratividade, com um misto de criatividade e perícia jornalística no casamento da palavra com o som. Inquietações essas que, dois anos volvidos, continuaram a crescer e que me fizeram trilhar o caminho até à Antena 1, estação diversas vezes premiada pela qualidade e inovação de grandes reportagens radiofónicas. Na bagagem levei a curiosidade em saber mais sobre o género e a sua produção, os repórteres que lhes dão vida e a forma como a rádio pública trabalha este formato.

#### 1.4.2 - Calendarização

O estágio curricular iniciou-se no dia 6 de janeiro de 2020. Inicialmente estava estipulado pela Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), juntamente com a RTP, que o estágio terminasse no dia 3 de abril, cumprindo a duração de três meses. No entanto, na primeira quinzena de março a pandemia despontou em Portugal e vi o meu estágio ser interrompido no dia 13 desse mesmo mês, não havendo condições para a sua continuidade. Depois de alguns meses de fortes incertezas e indefinições, retomei o estágio de 8 a 26 de junho de 2020, completando desta forma, as 400 horas obrigatórias.

Ao longo do estágio o horário nunca foi regular, visto que passei por vários turnos com diferentes cargas horárias, estagiando num regime diário de segunda a sexta. Em janeiro, o agendamento foi feito da seguinte forma: na semana de 8 a 17 fiquei a cargo da *Manhã 1*, com o editor Frederico Moreno. Na semana de 20 a 24, trabalhei com a *Produção Avançada*<sup>28</sup> com a jornalista Marta Pacheco, e de 27 a 31 do mesmo mês juntei-me ao *Portugal em Direto*. Fevereiro foi o mês dedicado ao acompanhamento, na íntegra, de toda a produção da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’, produzida pela jornalista Rita Colaço. Em março regressei ao turno da *Manhã 1*, com a edição de Frederico Moreno, até à interrupção, devido à pandemia, no dia 13 desse mês.

Depois de dois meses de confinamento, junho foi o mês de regressar. Restava-me três semanas para tirar o melhor partido do pouco tempo que me sobrava. Passei a primeira semana, de 8 a 12, no turno da manhã 1, novamente com a edição de Frederico Moreno. De 15 a 19 de junho, juntei-me ao turno da *Tarde*, com a editora Augusta Henriques. E de 22 a 26 do mesmo

---

<sup>28</sup> Turno que dá apoio à Manhã 1.

mês fui integrado na editoria de *Desporto*, com a edição de João Gomes Dias. Para a última semana agendei as entrevistas exploratórias presenciais. Os entrevistados foram a direção de informação, João Paulo Baltazar e Maria de São José, que decidiram ser entrevistados em conjunto, e os jornalistas Arlinda Brandão, José Manuel Rosendo, Mário Galego e Rita Colaço.

### **1.4.3 - Primeiro contacto com a instituição**

Na manhã de dia 6 de janeiro apresentei-me nas instalações da RTP em Lisboa, na Avenida Marechal Gomes da Costa. Não conseguia disfarçar a ansiedade e o nervosismo que me deixaram a noite em branco, mas a curiosidade e o entusiasmo de construir o meu caminho naquela que é a primeira antena do serviço público eram mais fortes. À porta, a voz tremelicou no primeiro ‘bom dia’. Era Isilda Sanches, jornalista e dona de uma das minhas vozes favoritas da rádio portuguesa, que retribuiu com um sorriso de boas-vindas. Era um bom prenúncio para os meses de estágio. O porteiro indicou-me o caminho para a *Academia RTP* para receber as primeiras indicações, junto de outros estagiários que ali começavam o seu primeiro dia. Depois da entrega de um *kit* de boas-vindas, foi-me dado um documento que continha um nome de utilizador e uma palavra-chave para aceder ao sistema informático da RTP. O mesmo documento determinava a minha orientadora de estágio: Maria de São José, subdiretora de informação. Seguiu-se uma pequena visita guiada às instalações, que passou pelos espaços exteriores, refeitórios, estúdios e que culminou na redação da Antena 1.

É nesta redação *open space*, localizada no andar acima dos estúdios radiofónicos, que trabalham a editoria de *Desporto*, jornalistas que fazem trabalho de investigação e a direção de informação. Foi aí que fui apresentado aos elementos da direção da informação da Antena 1: João Paulo Baltazar, diretor, José Guerreiro e Maria de São José, subdiretores. Foi a subdiretora que se encarregou de fazer uma pequena introdução sobre o funcionamento da seção informativa da rádio. Depois da apresentação sucinta dos mecanismos da informação Antena 1, foi a minha vez de me apresentar - descrevi o meu percurso académico, a minha ligação com a rádio e com o jornalismo radiofónico, e apresentei o meu tema de investigação.

Ao ficar a par do tema que iria trabalhar durante o estágio, Maria de São José decidiu encaminhar a função de orientadora para a coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*, a jornalista Rita Colaço. A falta de presença da jornalista na redação naquele dia, por razões profissionais, adiava o planeamento do estágio para uma reunião a realizar na manhã seguinte. No dia 7 de janeiro, reuni-me com Rita Colaço, a minha nova orientadora. Depois de aclarar o

que pretendia para o meu tema de investigação, a jornalista garantiu que iria ter a possibilidade de acompanhar todo o processo de uma grande reportagem durante os três meses, desde a definição do tema à sua publicação. Nessa altura existia uma grande indefinição quanto ao tema da próxima grande reportagem. Apesar de algumas incertezas, ficou acordado que durante o mês de fevereiro iria fazer o acompanhamento a tempo inteiro da grande reportagem, trabalhando em sintonia com a jornalista Rita Colaço. Foi também nesta reunião que se procedeu ao agendamento do meu estágio para o mês de janeiro, articulado com o auxílio de Maria de São José.

O meu primeiro dia ‘oficial’ de estágio só chegaria no dia 8 de janeiro. A *Manhã 1*, o turno responsável por dar as primeiras notícias do dia aos portugueses, foi a porta de entrada na informação da rádio pública. Jornalisticamente falando, não poderia ter acontecido numa melhor altura. Na noite anterior, o Irão tinha atacado as bases americanas no Iraque, desencadeando assim uma guerra política com os Estados Unidos. Os ecos deste acontecimento fizeram-se ouvir e deram-me a oportunidade de presenciar o ritmo frenético de uma redação a trabalhar em contrarrelógio. Foi a partir daquela manhã que as correrias, os telefonemas, o ruído dos teclados, o estúdio e a régie passaram a fazer parte dos meus dias. ‘Bem-vindo ao admirável mundo novo’, pensei.

#### **1.4.4 - Trabalho realizado nos turnos**

A azáfama do primeiro dia repetiu-se nas duas semanas que passámos na *Manhã 1*. A atualidade internacional fervia com o conflito entre Israel e Estados Unidos e com o aparecimento da ainda desconhecida Covid-19. Por cá, o início da instrução ao caso Tancos e o incontornável Luanda Leaks preenchiam a agenda nacional durante as primeiras semanas do ano. Devido ao grande fluxo de notícias, foi notória a sobrecarga de trabalho nos jornalistas. A equipa, formada pelo editor Frederico Moreno e por cinco jornalistas, era manifestamente reduzida para a importância do turno. Exemplo claro disso é o facto de não existir nenhum membro da equipa ‘solto’ para sair em reportagem, caso seja necessário.

Com pouco tempo para ‘respirar’, os jornalistas e o editor mostraram alguma dificuldade em acompanhar o meu trabalho. Ainda assim, foi com a ajuda da equipa da *Manhã 1* que dei os primeiros passos no programa de edição de som, o *Dalet Plus*, e também no *APENPS*, ferramenta utilizada para escrever notícias, alinhar noticiários, consultar contactos e receber

*press releases* das agências de notícias. Graças à equipa, a minha adaptação às duas ferramentas essenciais para a redação foi bastante rápida e intuitiva.

O trabalho que realizei neste turno foi em grande parte delegado pelo editor Frederico Moreno. O jornalista começou por me pedir uma peça por dia sobre os mais variados temas que marcavam a atualidade. As peças teriam de conter um lançamento do editor, o corpo da notícia (com RM's ou não) e um fecho do editor. Sempre que havia disponibilidade no final dos turnos, o jornalista disponibilizava-se a ouvir os nossos trabalhos e a fazer as devidas correções. Frederico Moreno reforçou aspetos importantes a ter em conta numa notícia de rádio, como a utilização de frases curtas e simples, a capacidade de síntese e a importância do arranque, que tem de captar a atenção do ouvinte. Outra função que desempenhámos na *Manhã 1* foi a monitorização dos noticiários das rádios informativas concorrentes, como a Rádio Renascença ou a TSF. Depois de ouvir o noticiário, escrevia uma pequena síntese na ferramenta AENPS, que enviava posteriormente ao editor. Foi também neste turno que tive oportunidade de fazer tradução de entrevistas e dar voz a várias dobragens para os noticiários.

Foi também na *Manhã 1* que acompanhámos o despoletar da Covid-19. No dia em que surgiu o primeiro caso em território português, a minha tarefa foi realizar uma peça com sons sobre o acontecimento.<sup>29</sup> Ainda neste turno, e incentivado pela coordenadora Rita Colaço, comecei a produzir as minhas sínteses de notícias<sup>30</sup>. Escrevia os textos na plataforma APENPS e, antes da hora certa, imprimia a síntese e dirigia-me para o estúdio de modo a fazer a leitura, que era feita apenas uma vez, simulando que estaria em direto.

A experiência no turno da manhã ensinou-me que a proatividade teria de ser uma das palavras de ordem durante o estágio. Foi este valor que tentei colocar em prática em todas as equipas pelas quais fui passando, como a *Produção Avançada*. O segundo turno da minha passagem pela Antena 1 trabalha em sintonia com a *Manhã 1* e conta com a presença da jornalista Marta Pacheco. A principal função da *Produção Avançada* é produzir conteúdos para a *Manhã 1*, como entrevistas, peças ou reportagens. O meu trabalho neste turno foi ajudar a jornalista com os contactos, agendamento de entrevistas e reportagens. Também neste turno

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/edgar-sim-es-3/peca-1-caso-de-covid-19-em-portugal/s-QziMg5JqNbg> [Consultado a 11 de abril de 2021]

<sup>30</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/edgar-sim-es-3/sintese-de-noticias> [Consultado a 20 de julho de 2020]

tive a oportunidade de trabalhar a realização de peças, como a que realizei sobre o projeto ‘Livros com Valor’<sup>31</sup>.

Foi na *Produção Avançada* que saí pela primeira vez em reportagem com a jornalista Marta Pacheco. O destino foi o Teatro São Luiz, sala de espetáculo que ia acolher a estreia de ‘Professor’, uma peça da autoria de Lígia Soares. Dois dias antes da estreia, fomos conhecer os protagonistas e a histórias por detrás deste trabalho. O objetivo era fazer uma reportagem, com o máximo de 1’35”, para ser transmitida nos noticiários da *Manhã 1* do dia de estreia, 23 de janeiro. Apesar de não nos ter sido dada a possibilidade de conduzir entrevistas ou fazer captação de sons, assim que chegámos à redação, a jornalista transferiu-nos todo o material recolhido no terreno. Com esse material, realizei a minha primeira reportagem, onde apliquei os meus conhecimentos de escrita e montagem sonora”<sup>32</sup>.

No *Portugal em Direto*, desde cedo confessei à jornalista Arlinda Brandão a minha vontade de alargar a experiência de reportagem. A repórter deu-me liberdade de definir um tema que pudesse ser incluído no programa diário. Optei por contar a história dos ‘Urban Rollers’, um grupo de patinadores não profissionais que se reúnem todas as semanas para ‘rolar’ pelas ruas da capital. Entrei em contacto com o grupo, através das redes sociais, e agendei as entrevistas para o dia 6 de fevereiro, no jardim do Campo Grande, em Lisboa. No terreno, e acompanhado pela jornalista, tive a oportunidade de entrevistar os protagonistas e fazer captação de sons. Este material deu origem à minha reportagem ‘A rolar por Lisboa’<sup>33</sup>. A versão da repórter foi transmitida em antena no *Portugal em Direto* no dia 5 de março, e também foi publicada no site da RTP<sup>34</sup>.

Trabalhei apenas uma semana na *Tarde*. Este turno tem um ritmo ainda mais frenético que a *Manhã 1*, pois dado o horário em que opera, lida com uma maior carga de notícias. O trabalho que desenvolvi assemelhou-se ao da *Manhã 1*, uma vez que ao nível das rotinas são turnos que

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/edgar-sim-es-3/peca-livros/s-705LVeNQcaj> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>32</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/edgar-sim-es-3/peca-professor> [Consultado a 22 de julho de 2020]

<sup>33</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/edgar-sim-es-3/reportagem-urban-rollers> [Consultado a 20 de julho de 2020]

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/pais/urban-rollers-lisboa-de-patins-a-rolar-pelos-bairros-da-capital\\_a1209592](https://www.rtp.pt/noticias/pais/urban-rollers-lisboa-de-patins-a-rolar-pelos-bairros-da-capital_a1209592) [Consultado a 20 de julho de 2020]

têm um mecanismo idêntico. Por iniciativa própria continuei a produzir sínteses de notícias e noticiários.<sup>35</sup>.

Um dos turnos que não podia deixar de conhecer era o *Desporto*, dado ser uma área que faz parte da minha vida e na qual me sinto muito confortável. Nesta equipa senti mais liberdade para trabalhar proactivamente e maior confiança por parte de editores e jornalistas. Durante a semana que por lá vivi, o meu trabalho foi sobretudo fazer pesquisa que servisse de apoio ao trabalho dos jornalistas, retirar sons de conferências de imprensa e fazer entrevistas por telefone. Realizei uma entrevista telefónica a Paulo Meneses, Presidente do Paços de Ferreira.

Na *Grande Reportagem Antena 1* fui desafiado pela coordenadora Rita Colaço a desenvolver um trabalho de longo formato, não sobre a eutanásia, mas sobre um dos protagonistas de ‘Diálogos entre a vida e a morte’, Rogério Santos. Com todo o material recolhido a meu dispor, desenvolvi uma grande reportagem de 18’02’’ minutos que se foca no impacto que a esclerose lateral amiotrófica tem na vida dos doentes. ‘ELA, por Rogério Santos’<sup>36</sup> foi produzida e editada em paralelo ao desenvolvimento da grande reportagem realizada pela jornalista Rita Colaço.

## **CAPÍTULO II - A rádio e a grande reportagem**

### **2.1 - Rádio: o poderoso meio invisível**

We know now that in the early years of the twentieth century this world was being watched closely by inteligencies grater that man’s, and yet as mortal as his own.

Orson Wells em *A Guerra dos Mundos* (1938)

No dia 30 de outubro de 1938, as palavras lidas por Orson Wells ressoavam ao microfone da rádio americana CBS (*Columbia Broadcasting System*) e marcavam o início da adaptação radiofónica do romance *A Guerra dos Mundos*, escrito em 1889 por H. G. Wells. O teatro radiofónico, adaptado por Howard Koach e dirigido por Orson Wells, conta a história de uma invasão marciana ao planeta terra que, incluindo a telefonia no enredo, “revelou ao mundo algumas das potencialidades do rádio como meio de expressão que não haviam sido claramente

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/edgar-sim-es-3/noticiario-17-junho> [Consultado a 20 de julho de 2020]

<sup>36</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/edgar-sim-es-3/ela-por-rogerio-santos/s-ouKUGSfVPE4> [Consultado a 22 de março de 2021]

percebidas” (Meditich, 2008, p.3). Este programa transmitido na telefonia resultou numa situação de pânico generalizado, levando mais de seis milhões de americanos a tomarem como real a ficção que estavam a ouvir nas ondas da rádio. Antes de abordarmos as potencialidades do meio radiofónico, que ganharam uma nova forma depois da emissão de *A Guerra dos Mundos*, é importante rebobinar a fita de modo a conhecermos a origem do meio e o seu contexto histórico. Este exercício de regresso ao passado vai-nos permitir compreender melhor o meio, tendo em conta que a sua compreensão deve considerar todos os contextos socio-culturais (Cordeiro, 2004).

Foi em 1870 que o físico inglês James Clark Maxwell demonstrou teoricamente a que as ondas eletromagnéticas se propagavam no espaço. A teoria rapidamente passou à prática graças ao trabalho do alemão Henrich Hertz que, em 1888, comprovou empiricamente a invenção desenhada dezoito anos antes, através do desenvolvimento de aparelhos de emissão e receção de ondas de rádio. Esta novidade na transmissão de sons por ondas de rádio frequência ganhou vida na transição do século XIX para o século XX, dando resposta à necessidade de comunicação à distância entre dois pontos. As primeiras transmissões por ondas eletromagnéticas foram desenvolvidas no início do novo século e são frequentemente atribuídas aos pioneiros Guglielmo Marconi e Reggie Fassedden. O italiano Marconi destacou-se por viabilizar o uso do telégrafo sem fio, enquanto o canadiano Fassedden foi o responsável por inaugurar a primeira transmissão de voz por ondas eletromagnéticas, corria o ano de 1906. Esta transmissão fazia nascer a rádio enquanto técnica de comunicação à distância (Meditich, 1999). Técnica essa que esteve em destaque durante a Primeira Guerra Mundial, onde amadores faziam experiências de transmissão com fins militares. Como sublinha Eduardo Meditsch na obra *A Rádio na Era da Informação* “o uso do sem fio para este tipo de comunicação, nas duas primeiras décadas do século, só era feito por amadores, e não despertara nenhum interesse comercial ou estatal que levasse à sua institucionalização” (Ibidem p.23).

Só a partir da década de 20 assistimos à instalação das primeiras estações de radiodifusão. Neste ramo, os Estados Unidos foram o país pioneiro, fundando importantes emissoras como a NBC (National Broadcasting Company), a CBS (The Columbia Broadcasting System) ou a ABC (American Broadcasting Company) (Lopes, 1982, p.65). Nos primórdios do século XX, e desde o início do século XV, era a imprensa que assumia a hegemonia dos *media*, através de uma comunicação linear - de *um* para *muitos*. Esta tipologia de comunicação individualizada e acessível apenas à comunidade alfabetizada, deixava de parte uma grande

percentagem da população mundial, que não sabia ler. O aparecimento da rádio enquanto meio de comunicação permitiu assim ressuscitar a natureza intimista e interpessoal da comunicação, como defende o teórico Marshall McLuhan.

Radio affects most people intimately, person-to-person, offering a world of unspoken communications between writer-speaker and the listener - that is the immediate aspect of radio. A private experience. (McLuhan, 1964, p. 327)

O autor canadiano, na obra *Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem*, sublinha a força do meio radiofónico em estabelecer uma conexão com o homem, criando aquilo a que chamou de ‘experiência privada’. Ao contrário do individualismo criado pela imprensa, a rádio – através da sua acessibilidade e universalidade - passou a assumir um papel unificador e de partilha (McLuhan, 1964). A rádio destina-se a todos, aos mais, mas também aos menos letrados. No entanto, para McLuhan são os que não sabem ler os que mais beneficiam da experiência radiofónica, devido ao facto de a informação ser produzida na oralidade e através de um único sentido: a audição. O concretizar desta relação entre homem e meio deve-se, segundo o mesmo autor, ao facto de a rádio ser um ‘meio quente’. Quer isto dizer que, devido à sua exclusividade sensorial, a rádio torna a comunicação mais intensa e menos fragmentada (McLuhan, 1964).

É durante as décadas de 30 e 40 que a rádio inaugura a sua ‘época de ouro’. Neste período o meio assume uma posição dominante no campo dos média, não só graças ao espetro informativo, mas sobretudo devido ao campo da propaganda e entretenimento. Durante esta fase, a rádio “nadou em recursos económicos e desenvolveu como nunca as suas potencialidades, como centro das atenções de artistas e intelectuais” (Meditsch, 1999 p.25). Na primeira metade do século XX, a rádio era um objeto presente em todos os lares e com um poder de alcance que fazia chegar a emissão a praticamente todos os pontos do globo. Esta ideia de omnipresença baseava-se num sistema que “considerava os indivíduos como parte de uma massa atomizada que responde de forma imediata aos estímulos da comunicação social” (Cordeiro, 2003, p.58) criando assim uniformidade na receção de mensagens.

Com o fenómeno de massificação, a rádio deixava progressivamente de ser uma experiência para amadores. O meio profissionalizou o seu discurso e utilizou o seu poder de mobilização para fins políticos. Foi a rádio que assumiu um papel preponderante na construção da máquina propagandística, sem ela, “nem Mussolini, na Itália, Hitler na Alemanha, ou o

general De Gaulle em França, teriam conseguido desempenhar o seu papel com tanta relevância.” (Cordeiro, 2003, p.58). O meio radiofónico mudou de identidade e alterou o panorama mediático, até então dominado pela imprensa, tornando-se a rádio a principal fonte de informação, vencendo o seu concorrente direto pelo seu cariz imediato e facilidade de receção (Ibidem, p. 55). A rádio vencia distâncias, físicas e culturais, e estava ao alcance de todos. Estava em todo o lado, em simultâneo – uma ubiquidade que fascinava o teórico Rudolf Arnheim:

This is the great miracle of wireless. The omnipresence of what people are singing or saying anywhere, the overleaping of frontiers, the conquest of spatial isolation, the importation of culture on the waves of the ether, the same fare for all, sound in silence. (Arnheim, 1936, p.14) ‘

‘As invisíveis asas das ondas’ (sonoras) de que fala Rudolf Arnheim em *Radio: an art of sound* conduzem-nos para o poder exclusivo da invisibilidade da linguagem radiofónica, que, sublinha Eduardo Meditsch, transporta o meio “entre a fantasia e a realidade sem que sejam violadas as suas leis” (2008, p. 5). Um dos maiores exemplos históricos capaz de ilustrar o poder invisível do meio, e a sua possibilidade de criação de imagens sonoras, é a famosa emissão de Orson Wells sobre a invasão marciana. Através das ondas invisíveis da rádio, a sociedade entregou-se de forma inconsciente ao novo meio e criou a ilusão de uma realidade criada em estúdio, concretizando aquilo que Eduardo Meditsch chamou de “pecado original da mídia”, onde foi revelado “todo o poder da magia do meio” (2008, p.3).

O domínio da rádio apenas seria interrompido pela chegada da televisão. Com a TV, o ouvinte passou a ser também telespectador. O consumidor já não precisava de recorrer à imaginação para criar as imagens sonoras sugeridas pelo velho meio, uma vez que os cenários visuais passaram a estar diante do seu olhar. A novidade do ‘pequeno ecrã’ e a sua rápida transformação num meio de comunicação de massas provocou um efeito avassalador na rádio. “Profissionais, programas e fontes de financiamento foram transferidos em massa para o novo veículo, a tal ponto que a rádio parecia ter chegado ao fim.” (Meditsch, 1999, p. 25). O anúncio prévio da morte da rádio acabaria por se tornar um contributo para a sua reinvenção, que aconteceu sobretudo a nível tecnológico. A rádio desenvolveu novas formas de “conservação, manipulação e reprodução do som” (Meditsch, 1999, p.26) – resultando no surgimento da Frequência Modulada (FM) na sua emissão, que melhorou a qualidade sonora e diminuiu os

custos de transmissão. Por outro lado, as substituições das válvulas nos aparelhos recetores pelos transístores revolucionaram a receção do meio, “tornando a rádio efetivamente portátil” (Ibdem, p.26).

Autores como Bonixe (2013) e Meditsch (2008) defendem que a rádio, nos moldes acima descritos, já não existe. A mudança materializou-se numa passagem do éter para outros espaços e concretizou um desejo de Bertold Brecht, autor que nos inícios do século passado lamentava que a rádio “além de transmitir, não recebesse. (...) que fizesse o ouvinte não apenas ouvir, mas também falar”. Que meio fabuloso seria “(Brecht, 2005: 35 in Meneses, 2016).

## **2.2 - Do éter para a digital: novos rumos da rádio**

Se no século XX as rádios ‘morriam’ no éter, hoje todas elas “existem para além da sua versão sonora e hertziana” (Bonixe, 2013, p.247). A transposição do meio para lá das fronteiras sonoras deve-se, sobretudo, a uma exploração do melhor que a internet tem para oferecer (Cordeiro, 2004). Na *web*, a rádio assume um novo conceito: “vê-se, escuta-se, (...) e participa-se” (Herrerros, 2003, p.1). O meio ‘invisível’ passou a ser uma definição do passado – hoje, a rádio tem uma imagem e uma identidade visual. Hoje, “a rádio é multimédia e multiplataforma” (Bonixe, 2013, p.248).

A construção da realidade na rádio hertziana segue o código genético do meio, tendo no som o seu principal elemento expressivo. Mas a rádio na internet está a dar lugar a uma visão mais multifacetada do ponto de vista da expressividade, fazendo uso da palavra escrita, da imagem, da infografia ou do vídeo. São estes os elementos que complementam a comunicação radiofónica, que deixou de ser exclusivamente sonora para absorver novas linguagens e discursos, como defendem Paula Cordeiro e Nádia Paulo:

(...) com a internet, a linguagem na rádio deixa de ser apenas sonora, passando a ser também textual e imagética. A web trouxe para a rádio novas linguagens, criando um discurso multimédia e hipertextual. Estes dois aspetos permitem adicionar novos conteúdos, que não eram possíveis on-air. (Cordeiro, P. & Paulo, N. 2017, p.121)

A rádio já não faz apenas parte do império do ouvido, como defendia Rudolf Arnheim (1936). Na *web*, o meio radiofónico abrange elementos textuais e visuais, e adiciona novos conteúdos que não são transmitidos na rádio hertziana. No entanto, existem autores que

defendem que, no digital, a rádio perde a sua identidade. É o caso de Eduardo Meditsch, que afirma que “se tiver imagem junto não é mais rádio, se não emitir em tempo real (o tempo da vida real do ouvinte e da sociedade em que está inserido) é fonografia, também não é rádio” (Meditsch, 2001, p.5).

Para além de multimédia, a rádio hoje é multiplataforma (Bonixe, 2013). Para além de estar presente no FM, a rádio habita o espaço digital, onde pode ser escutada *on air* ou *on demand*. O meio radiofónico expandiu-se para a web “procurando desta forma combater a concorrência da televisão e ultrapassar as limitações espaciais relacionadas com a difusão hertziana” (Canavilhas, 2013, p.3). A extensão para a web gerou mudanças no consumo e modificou a receção radiofónica. Se antes da internet falávamos no conceito de ‘recetor’ – onde a rádio ‘obrigava’ o ouvinte a seguir uma programação sequencial - hoje podemos falar no conceito de ‘usuário’, “pela forma como o ouvinte/utilizador toma uma atitude ativa de pesquisa e consumo dos conteúdos” (Cordeiro, 2004, p.9).

Hoje é o utilizador que controla o que o meio lhe oferece e define a sua própria ordem sequencial (Reis, 2011). É ele quem escolhe aquilo que quer ouvir, personalizando a sua experiência no meio. Ouve o que quer, quando quer, e ao ritmo que quer – tendo a possibilidade de interagir com o meio. A participação aplica-se a esta ‘nova vida’ da rádio na internet, na medida em que, para além de poder definir aquilo que ouve, o ouvinte consegue ter um papel ativo na interação com o meio. De forma a consolidar a relação do rádio com o público, tem existido uma preocupação por parte da rádio em explorar novos canais para chegarem aos ouvintes, que se materializa na aposta nas redes sociais (Pereira, 2012). Plataformas como o *Facebook*, o *Twitter* ou o *Youtube*, passaram a oferecer ao ouvinte a possibilidade de consumir, partilhar e comentar conteúdos das rádios. Esta presença da rádio em vários terrenos do digital veio potencializar a ubiquidade do meio, concretizando a definição de Pavlik (2014) para o conceito: “qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real” (Pavlik, 2014, p.160).

Para além de ampliar a omnipresença da rádio, a internet ofereceu ao ‘velho meio’ a capacidade de armazenamento. Os conteúdos transmitidos no ‘ar’ ficam guardados no website das estações, onde são carregados todos os conteúdos – os comuns ao meio tradicional e outros propositadamente concebidos para a internet. Desta forma, o *website* das rádios passou a

oferecer conteúdos que unem o som, a escrita e a imagem de modo a responder às solicitações do consumidor (Cordeiro, 2004).

A preponderância da internet na conjectura mediática provoca algumas opiniões distintas quanto à sua essência. Se há autores que olham para a internet como um suporte de distribuição, há autores rejeitam por completo esta definição. É o caso de João Canavilhas (2001) que afirma ser “um completo desperdício tentar reduzir o novo meio a um simples canal de distribuição de conteúdos já existentes” (2001, p.2). Seja como for, aquele que foi em tempos uma ameaça à subsistência do meio acabou por abrir novos caminhos de expansão para a rádio. Permitiu que o meio radiofónico se reorganizasse, adaptando-se às novas tendências digitais e tecnológicas, desenhando o futuro em função de uma nova audiência composta pela geração digital (Balsebre, 2013).

Este conjunto de mutações da rádio acontecem no seio da ‘cultura de convergência’, conceção batizada por Henry Jenkins (2006). O autor olha para a convergência como a melhor forma de compreender as mudanças nos média que ocorreram durante as últimas décadas. O facto de os meios tradicionais, como a rádio e a imprensa, terem sido ‘forçados’ a coexistir com um meio emergente como a internet, não significa que tenham sido substituídos, significa sim que as suas funcionalidades e o seu estatuto foram alterados (Jenkins, 2006, p.14). No entanto, para Jenkins (2006) a convergência é mais do que simplesmente uma mudança tecnológica. Ela reconfigura a relação das tecnologias existentes, das indústrias, mercados, géneros e audiências. A convergência “*alters the logic by which media industries operate and by which media consumers process news and entertainment*” (Jenkins, 2006, p. 16). Foi precisamente o que aconteceu com a rádio, que viu a sua lógica de funcionamento alterada pela chegada da internet.

A adaptação da rádio ao meio digital também está diretamente relacionada com o conceito de ‘*mediamorphose*’- processo que resulta na transformação dos meios de comunicação numa determinada sociedade. Segundo este conceito introduzido por Roger Fidler (1997) as novas tecnologias não implicam uma substituição irreversível de um meio tradicional por um novo, mas encaminham para uma acumulação de mutações na estrutura de determinado meio de comunicação. Tendo por base este conceito de mutação dos média de Fidler (1997), o Observatório da Comunicação Português desenvolveu um estudo intitulado de *Radiomorphosis* (2016). Esta investigação procurou explorar as metamorfoses que a rádio alcançou no novo contexto digital e chegou a uma conclusão concisa “a rádio não muda, mas antes adapta-se às

mudanças” (OberCom, 2016, p.7). Desta forma, podemos afirmar que a migração da rádio do éter para o digital não sentenciou o fim do ‘velho meio’, mas originou uma abertura à mudança e renovação.

### **2.3 - Jornalismo Radiofônico**

Muitos foram os investigadores que procuraram explicar o jornalismo e a sua essência. Nelson Traquina (2004) foi um desses investigadores. Numa definição elementar, afirma que o jornalismo é a resposta a uma pergunta que muita gente faz todos os dias – “o que aconteceu/ está a acontecer no mundo? No meu país? Na minha “terra”? (Traquina, 2004, p.20). No seguimento da explicação de Traquina, o jornalismo responde à necessidade dos cidadãos se manterem informados sobre aquilo que os rodeia. Ao fazê-lo, cumpre a sua finalidade – “fornecer aos cidadãos a informação que precisam para serem livres e se autogovernarem” (Kovach e Rosenstiel, 2004, p.16). Neste exercício, o jornalismo dá forma à sua relação inseparável com a democracia e com a liberdade, informando o seu público sem censura.

Para ser exercido, o jornalismo deve respeitar os vários princípios que compõem o código deontológico da profissão. Um dos mais importantes é referido por Bill Kovach e Tom Rosenstiel na obra *Os Elementos do Jornalismo* e prende-se com a veracidade dos factos. Para os autores, “a primeira obrigação do jornalismo é para com a verdade” (Kovach e Rosenstiel, 2004, p. 36). Espelhando o real, o jornalismo refere-se a “objetos, pessoas e estados de coisas do mundo que se identificam relevantes e atuais” (Correia, 2009, p. 5). Desta afirmação de João Carlos Correia, extraímos duas características basilares no jornalismo: relevância e atualidade. Os produtos jornalísticos têm de ser relevantes, no sentido em que devem repercutir o mundo das audiências, e atuais, no sentido em que devem ser transmitidos no menor tempo possível desde o acontecimento ao momento em que chega ao público, transportando assim uma noção de urgência. Desta forma, o jornalismo encarrega-se de construir a perceção que a sociedade tem do mundo. Construção essa que resulta da transformação de acontecimentos em notícias, “a parte da comunicação que nos mantém informados das alterações nos acontecimentos, questões e personagens do mundo exterior” (Kovach e Rosenstiel, 2004, p.20). A notícia, tida como o “género básico do jornalismo” (Sousa, 2001, p.232) valoriza a velocidade de transmissão e é um bem perecível, que facilmente se deteriora no tempo. Numa época em que “o tempo se tornou um bem mais escasso” (Correia, 2009, p.15) as notícias valorizam cada vez mais o imediatismo e reforçam o fator temporal como o “eixo central do campo jornalístico”

(Traquina, 2002, p.149). É neste contexto que o meio radiofônico surge como um forte ‘aliado’ do jornalismo, capaz de reunir qualidades únicas no campo informativo, como refere Eduardo Meditsch:

A rádio continua a ser um dos meios de comunicação de massa mais rápidos no campo informativo, e a ausência de elementos estáticos em sua linguagem facilita a sua maneabilidade, permitindo uma ubiquidade e uma instantaneidade, tanto na emissão quanto na recepção, ainda não alcançados por nenhum outro meio. (Meditsch, 1999, p.209)

À rapidez da metodologia jornalística, a rádio acrescenta velocidade na transmissão, “quase numa luta contra o tempo, que se trava segundo a segundo” (Cordeiro, 2003, p. 54). Esta capacidade de a rádio acompanhar em permanência o ritmo da sociedade ocorreu, segundo McLuhan (1964), depois do aparecimento da televisão, nos anos 50, numa tentativa do meio se redefinir e reafirmar. Auxiliada pela flexibilidade do próprio meio, a rádio potenciou as suas características técnicas e tecnológicas e tornou-se cada vez mais “exigente ao nível da constante atualização dos acontecimentos” (Bonixe, 2012, p. 55). A mudança na narrativa informativa da rádio transformou o meio naquilo que Marshall McLuhan chamou de ‘sistema nervoso de informação’ (McLuhan, 1964). O meio radiofônico passou a transmitir o máximo de informação sobre o maior número de acontecimentos, num menor espaço temporal. Este fluxo de informação conduziu à brevidade enunciativa e ao imediatismo das suas mensagens, privilegiando o relato de acontecimentos em direto (Bonixe, 2012). Graças à sua portabilidade, quer na emissão quer na recepção, a rádio tornou-se no primeiro instrumento jornalístico a proporcionar o direto. Uma inovação no campo jornalístico que revolucionou o conceito de atualidade e acentuou “a simultaneidade, a instantaneidade e a imediaticidade entre a emissão e a recepção de uma mensagem” (Sousa e Aroso, 2003, p.11). Para além de potenciar estas características, o direto ofereceu à rádio uma condição de ‘vivacidade’, provocando um forte efeito de realidade e empatia com o público.

Até ao aparecimento da rádio, o discurso jornalístico, baseado na tecnologia da escrita, era um discurso originalmente diferido. O novo meio, pela primeira vez, permitiu a exacerbação do ideal de “dupla contemporaneidade do jornalismo” (Meditsch, 1999, p. 202). Isto é, permitiu o relato em tempo real de acontecimentos atuais, possibilitando que a enunciação e o acontecimento externo se desenrolassem em simultâneo. Esta característica revela-se cada vez

mais importante numa sociedade de informação cada vez mais acelerada graças à internet. Os membros da comunidade jornalística querem “as notícias tão “quentes” quanto possível, de preferência “em primeira mão”” (Traquina, 2002, p. 148). A rádio, através da sua função eletrónica, consegue contribuir para a necessidade momentânea do jornalismo, como explica Eduardo Meditsch:

A sua função electrónica – tem o efeito de alargar a função social do jornalismo. O vivo inclui o momento presente no campo da noticiabilidade. O conhecimento do absolutamente efémero, até então desprezado por uma tradição letrada que possuía como principal parâmetro de validação a posteridade, revela-se cada vez mais fundamental para a sobrevivência numa sociedade que se move em velocidade crescente. (Meditsch, 1999, p.208)

A rádio encontra-se refém da sua relação com o tempo, acompanhando a velocidade das sociedades contemporâneas descrita por Meditsch. Esta relação temporal leva o mesmo autor a olhar para a rádio como um “guerrilheiro da informação” – que se molda em tempo real, em função dos acontecimentos, num nível “inatingível pelos meios que, paradoxalmente, contam com uma estrutura maior”. (Meditsch, 1999, p.102).

Em Portugal, a maioria das rádios informativas possuem noticiários de hora a hora e sínteses de notícias às meias horas, como é o caso da Antena 1. Esta atualização constante permite à rádio “captar acontecimentos que, para outros *media* com periodicidade mais alargada, não terão a mesma importância” (Bonixe, 2012, p. 50). De um bloco informativo para o outro, os jornalistas têm de acompanhar em permanência os desenvolvimentos da informação, procedendo a alterações nos noticiários: “A atualização é tão relevante na rádio que, como critério de notícia, se sobrepõe a todos os outros [...] se surgir desenvolvimento relevante, este não só será o lead como condicionará a forma como a notícia é escrita” (Meneses, 2016, p.30).

A informação radiofónica mobiliza-se por estar em cima do acontecimento. Na rádio, o elogio ao atual é materializado pelo constante “acompanhamento da vida, dos acontecimentos e da sua evolução” (Bonixe, 2012, p. 49) através de um discurso que atinge a “isocronia com o tempo da vida real” (Meditsch, 1999, p.204). A ideia da rádio enquanto elemento simultâneo com a vida quotidiana é também partilhada por Adelino Gomes, que compara o papel social do meio radiofónico ao do sino de uma aldeia:

Sempre me conformei com a rádio naquilo a que poderia chamar uma espécie de torre sineira. A rádio é como o sino da nossa aldeia. Que dá as horas, as meias horas, os quartos de hora. Que celebra os nascimentos, os batizados, os casamentos, as mortes, os funerais, os fogos e os alertas. (TSF, 2020)<sup>37</sup>

A metáfora de Adelino Gomes é representativa do poder da rádio e manifesta em si as características da informação radiofónica enumeradas por Angel Faus Belau (Belau, 1981 in Bonixe, 2012, p. 49): atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. O ‘sino da aldeia’ é um reflexo da atualidade pois está emparelhado com os acontecimentos da vida real. É universal pois dirige-se a todos os cidadãos da ‘aldeia’. Cumpre a periodicidade através das várias emissões de noticiários ao longo do dia. E finalmente, tem um poder de alcance no sentido em que se faz ouvir por toda a parte, realçando o seu poder de difusão e ubiquidade.

#### **2.4 - Linguagem radiofónica**

Cada meio de comunicação é definido pelas suas características e particularidades, e o meio radiofónico não foge à regra. “Na rádio tudo é som” (Meneses, 2016, p.53), e é a natureza uni sensorial, elemento de contacto entre o meio e o ouvinte, que define a sua narrativa. A narrativa radiofónica é assim o produto sonoro que “espelha, constrói e recria a realidade sonora que nos envolve, devolvendo-nos aos ouvidos os sons do mundo” (Reis, 2011, p.166).

A reconstrução da realidade que a rádio nos oferece “não é uma construção oral, mas sim sonora” (Bonixe, 2012 p .43). Inicialmente, o discurso radiofónico reproduzia os códigos da linguagem verbal, numa estrutura que se aproximava da linguagem falada (Cordeiro, 2003). Mas com o progresso tecnológico arrastaram-se várias mudanças ao nível do formato, que evoluiu de uma comunicação oral para um produto sonoro que contempla vários recursos expressivos. É a união desses elementos que formam a linguagem radiofónica, definidas por Armand Balsebre (2005) como “o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio (...)” (2005, p .329).

---

<sup>37</sup> Adelino Gomes no programa ‘A paixão da rádio: 50 anos de Fernando Alves’, disponível em: <https://www.tsf.pt/programa/seroes-inquietos/emissao/a-paixao-da-radio---50-anos-de-radio-de-fernando-alves-12436360.html> [Consultado a 20 de setembro de 2020]

O conceito de linguagem radiofónica de Balsebre (2005) aplica-se à rádio na sua globalidade. No entanto, existe alguma discordância quanto à aplicação deste conceito no jornalismo radiofónico. Eduardo Meditsch assume essa voz divergente, erguendo uma fronteira entre a arte radiofónica – “a arte de combinar silêncios, ruídos, músicas e palavras” (1999 p. 154) e o jornalismo da rádio informativa. Para o autor, “os recursos de linguagem utilizados pelo jornalismo na rádio parecem a muitos de uma lamentável penúria quando comparados com o esplendor alcançado por aquela forma de arte” (Meditsch, 1999, p.141). O investigador considera que o mundo sonoro construído pelo jornalismo radiofónico é incomparavelmente mais pobre que o universo sonoro construído pela arte radiofónica. Esta discrepância deve-se, lembra o autor, à ética jornalística que “limita a manipulação da realidade referente” (1999, p.172) pelo que na rádio informativa os sons não podem ser recriados artificialmente. Desta forma, para Meditsch, na rádio informativa “a música, os ruídos e o silêncio exercem um papel subsidiário em relação à palavra” (1999, p.173).

Em sentido oposto, Ana Isabel Reis considera que o conceito de linguagem radiofónica se aplica à rádio no seu todo e ao jornalismo radiofónico em particular (2011 p. 167). Para a autora, a mensagem jornalística na rádio, apesar de depender em grande escala da escrita e da verbalidade, recorre à música, aos sons e ao silêncio para captar e manter a atenção do ouvinte, oferecendo a imagem sonora ao conteúdo noticioso. É sob a conceção de linguagem radiofónica de Balsebre (2005) que analisaremos, durante os próximos subcapítulos, a importância de cada recurso expressivo radiofónico especificando a sua utilização no contexto da rádio informativa.

#### **2.4.1 - Palavra**

A palavra é um dos instrumentos de expressão do ser humano. Na socialização humana, este veículo assume duas formas de comunicação: escrita e oral. É na comunicação oral que a palavra adota uma identidade sonora, dando origem à ‘palavra falada’ - a *spoken word* que Rudolf Arnheim afirmou ser a espécie sonora mais notável (Arnheim, 1936, p. 27).

A relevância da palavra reflete-se na rádio, onde se forma a “palavra sonora” – elemento central da linguagem da rádio informativa (Meditsch, 1999, p.174). A palavra na rádio transmite a linguagem natural da comunicação interpessoal, mas exclui a visualização do interlocutor, dando origem àquilo que Armand Balsebre chama de uma ‘nova’ palavra - a palavra imaginada (Balsebre, 2005). Esta palavra é assim definida pois, para o autor, aquilo a que ela se refere é uma recriação feita pelo ouvinte. O autor acrescenta: “não podemos esquecer que a linguagem

radiofónica é uma linguagem artificial, e que a palavra radiofónica, ainda que transmita a linguagem natural da comunicação interpessoal, é a palavra imaginada, fonte evocadora de uma experiência sensorial mais complexa” (Balsebre, 2005, p.330). É a palavra que estimula a imaginação do ouvinte e permite a recriação de diferentes significados. O concretizar desta recriação está dependente da qualidade da escrita, conforme sublinha Reinhold Hortsman:

(...) o ouvinte é praticamente cego. (...) A escolha das palavras certas vai permitir ao ouvinte ver, tocar, cheirar e até provar – imaginando. É esta capacidade de estimular a imaginação que faz a diferença na arte de escrever para rádio. (Hortsman, 1991 in Meneses, 2016, p.20)

As palavras que ouvimos na rádio informativa têm origem, na sua maioria, na escrita. No entanto, esta particularidade artificial da linguagem radiofónica informativa não pode ser notada pelo ouvinte. Para isso, o jornalista deve adotar o seu texto para a oralidade, procurando ser “coloquial, natural, aproximando o seu texto à linguagem de todos os dias” (Sousa e Aroso, 2003, p.21).

Para além de assumir um compromisso com uma linguagem oralizada, o texto jornalístico na rádio deve ser construído de forma que o ouvinte consiga descodificar a mensagem imediatamente. Apesar de vivermos numa era em que é possível voltar atrás na emissão e ouvir espaços noticiosos *on demand* graças às possibilidades da internet, o jornalismo radiofónico continua a ser talhado para o momento. O ouvinte de rádio hertziana não consegue “deter-se sobre o enunciado, repetir a leitura ou mesmo determinar a velocidade da enunciação” (Meditich, 1999, p.177) por isso exige-se que o texto jornalístico radiofónico seja “claro, conciso e concreto” (Sousa e Aroso, 2003, p.21).

A fragilidade efémera das mensagens radiofónicas obriga o jornalista de rádio “a uma dialética permanente entre originalidade e redundância” (Meneses, 2016, p.17). Na redação de peças jornalísticas em rádio, o jornalista usa a chamada técnica da espiral, em que recorda sucessivamente o ouvinte qual a informação que está a passar – “recuperando dados, fazendo sucessivas referências a protagonistas e locais” (Sousa e Aroso, 2003, p.22). Segundo os autores Sousa e Aroso, o texto jornalístico exige “uma linguagem clara, concisa, precisa e simples, embora rica e variada, educada e agradável ao ouvido” (Sousa e Aroso, 2003, p.22). Unindo estas particularidades, o jornalista facilitará a perceção que o ouvinte terá em relação aos seus enunciados – sejam eles notícias, reportagens ou peças.

Depois de escrito, o texto jornalístico ganha uma forma sonora através da leitura ao microfone. A maneira como o jornalista usa o seu instrumento vocal pode influenciar a transmissão da informação, dando-lhe sentido. A voz é polissémica, e é através dela e da sua entoação que o jornalista “pode configurar uma determinada mensagem, de maneira que ela produza um determinado sentido, um determinado efeito, uma determinada sensação” (Sousa e Aroso, 2003, p.14). O timbre, o tom e a intensidade dada pelo jornalista à sua voz podem ajudar a estabelecer a aproximação do interlocutor com o ouvinte. Para Armand Balsebre, “vozes mais graves dão a sensação de presença ou proximidade, enquanto as mais agudas provocam a sensação psicológica de distância” (2005, p. 330). Para além de ajudar a criar proximidade com o ouvinte, a voz do jornalista pode ser um meio de significação. Eduardo Meditsch (1999) explica que a voz do locutor funciona igualmente como “signo idexical que informa o programa e a emissora em que o ouvinte está sintonizado” (p.180). A voz do jornalista de rádio é um instrumento que consegue transmitir ao ouvinte qual o programa que está a ouvir e em que rádio é que está sintonizado, sendo a vocalização, como explica Meditsch, “inseparável da presença institucional” e vice-versa (Ibidem).

#### **2.4.2 - Música**

Na rádio, a música é um elemento que assume uma autonomia própria. Enquanto elemento expressivo, a música “estimula a produção imagino-visual de paisagens ou situações de tensão dramática, ou ainda de cores claras ou escuras, adquire um significado na rádio de uma força expressiva transcendental” (Balsebre, 2005, p.329). A música radiofónica, para Balsebre (2005), assume duas funções básicas: expressiva e descritiva. Expressiva, quando “o movimento afetivo da música cria “clima” emocional e “atmosfera sonora”. Descritiva, quando “o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato” (2005, p.333).

A linguagem radiofónica oferece à música a possibilidade de se assumir como uma forma de expressão autónoma, relacionando-se ao mesmo tempo com a palavra (Bonixe, 2012). É a relação entre estes dois elementos, palavra e música, que oferece à mensagem radiofónica um significado superior ao uso isolado. A forma como o ouvinte interpreta um texto isolado é diferente da interpretação dada a um texto acompanhado de uma música de fundo (Balsebre, 2005).

Esta conceção não se baseia em programas de cariz informativo, mas de entretenimento e dramatização. No entanto, a música também está presente no campo do jornalismo radiofónico. Segundo Luís Bonixe, “a música tem feito parte de uma nova estética da informação radiofónica ao ser incluída como base sonora para a leitura de títulos dos noticiários” (Bonixe, 2012, p.46). Os noticiários radiofónicos iniciam-se com um indicativo que anuncia o início do programa. Em determinadas rádios, depois desse indicativo, o jornalista editor faz a leitura dos títulos noticiosos sobrepondo a voz um fundo musical que acompanha o seu texto. Este elemento musical presente nos noticiários representa, para Armand Balsebre, uma conotação simbólica de dinamismo, novidade, autoridade profissional e credibilidade (Balsebre, 2005).

Para além de estar presente nos noticiários, a música na rádio informativa pode fazer parte do conteúdo de peças e a reportagens jornalísticas. Nestes casos, o elemento musical presente deve cumprir a função indexal com a realidade (Crisell, 1994). É por isso que no campo do jornalismo radiofónico, o uso da música é mais limitado. Eduardo Meditsch considera que a música só faz parte do conteúdo jornalístico quando “esta notícia algo diretamente relacionado com ela (um espetáculo, a morte de um compositor) ou funcionando como ruído indexal do lugar onde se encontra o repórter” (2001, p. 173).

Para Eduardo Meditsch (1999) a música no jornalismo tem duas funções. A função fática “ao afirmar, manter e cortar a comunicação”. E a função metalinguística, na medida em que “a roupagem musical do programa sinaliza aos ouvintes a presença de um momento informativo na programação, distinto dos demais momentos” (1999, p. 173).

Podemos afirmar que a música assume um papel importante na linguagem jornalística radiofónica. Se por um lado consegue servir de base musical para a leitura do texto jornalístico, por outro “consegue induzir imagens da realidade, recriando simbolicamente espaços e tempos com maior ou menor apoio da palavra” (Sousa e Aroso, 2003, p.15). Apesar de reconhecerem a importância da música no campo jornalístico, Sousa e Aroso alertam que a sua utilização pode ser problemática pois “a música é mais polissémica e comunica mais sensações e sentimentos do que a voz isolada” (2003, p.15).

### 2.4.3 - Efeitos sonoros

Outro elemento da linguagem radiofónica é o efeito sonoro. Na conjuntura da expressividade radiofónica de Balsebre (2005) os efeitos sonoros têm dois objetivos. A sua utilização pode cumprir a função ornamental, ‘decorando’ a peça sonora, mas também serve para representar a realidade referencial objetiva. O autor justifica que “é a sucessão de planos sonoros mais ou menos distantes que nos dão a ilusão espaço onde se localizam os objetos. É a partir disso que o ouvinte constrói a noção de perspectiva que contribui para gerar a impressão de realidade” (Ibidem, 2005, p.333).

No entanto, Balsebre (2005) considera que os efeitos sonoros não têm o poder exclusivo de descrição, produzindo a visualização de paisagens sonoras. Eles introduzem significativas conotações. Por isso, o autor divide os efeitos sonoros entre ‘ambiente’ – nos quais se incluem os ruídos, como sons de carros, comboios ou fábricas – e ‘atmosfera’ – em que se incluem os sons que sugerem uma tonalidade psicológica, transmitindo sentimentos como mistério, alegria ou tristeza. O autor espanhol sublinha que o sentido conotativo do efeito sonoro será dado pela justaposição ou sobreposição deste com a palavra ou a música. Balsebre usa um exemplo ilustrativo “o efeito sonoro da chuva, pode tanto informar a condição do tempo, como estimular, pela associação de ideias, que o ouvinte construa uma imagem de um ambiente subjetivo intimista, solitário” (2005, p.333).

Do subsistema dos sons fazem parte os sons não icónicos, ou ruídos, onde não nos é permitido identificar a fonte que os emite, e os sons icónicos, que produzem uma imagem acústica capaz de remeter o ouvinte para uma determinada realidade (Oliveira, Santos & van der Kellen, 2021, p.157). A junção do efeito sonoro com a palavra acentua o reforça a verbalização e que cria uma redundância na mensagem que ajuda o ouvinte a assimilar o seu significado. Esta redundância pode ser exemplificada, no campo de jornalismo radiofónico, através de uma reportagem feita no exterior. Neste caso particular, o ouvinte espera “escutar sons ambientes próprios de uma rua (carros a passar, pessoas a falar, etc)” (Bonixe, 2012, p.39). Este elemento sonoro define-se como som ambiente, pois é captado a partir da realidade envolvente. É ele que permite ao ouvinte a “criação mental de uma imagem do que sucedeu ou está a suceder” (Sousa e Aroso, 2003, p. 16). O som é assim um elemento com um forte valor expressivo, como defendem Oliveira, Santos e van der Kellen (2021):

O som liga, cria relações. Tem o poder orientador no espaço. Preenche imagens. Dá dimensão aos lugares vazios. É fluxo e, como tal, exprime o tempo. Sugere identidades. (Oliveira et al., 2021, p.150)

Para além dos efeitos sonoros, a linguagem do jornalismo radiofónico vive do uso do ‘som’ enquanto registo direto ou gravado de palavras de terceiros. Na rádio informativa, o som tem um importante papel editorial pois ele pode ser “justificação para a difusão ou não de uma notícia” (Bonixe, 2012, p.47). O som é assim um elemento que tem valor-notícia para a informação radiofónica, conforme sublinha Luís Bonixe:

A procura por declarações, e a sua inserção nas peças radiofónicas, atribui “realismo”, cor e dinâmica à notícia do mesmo modo que representam um importante valor-notícia da informação radiofónica. Ter declarações dos protagonistas dos acontecimentos pode significar, para o jornalismo radiofónico, fazer ou não uma notícia. (Bonixe, 2012, p.46)

Hoje, a rádio valoriza cada vez mais o poder de um bom som, sobretudo numa era em que são “cada vez mais fáceis de obter com a banalização do telefone, a miniaturização do gravador (até no telemóvel e o acesso a milhões de fontes na internet” (Meneses, 2016, p.54). O alinhamento noticioso contempla, muito frequentemente, a simbiose entre o texto do jornalista e o uso de declarações sonoras de terceiros. Esta estrutura permite complementar aquilo que o jornalista está a noticiar, através “das vozes das fontes de informação em registos magnéticos (RM’s) ou registos digitais (RD’s)” (Sousa e Aroso, 2003, p.14). A citação radiofónica introduzida pelo jornalista vai assim atribuir verosimilhança à informação que está a transmitir.

Segundo Sousa e Aroso, a introdução de RM’s apenas se justificam se forem de carácter informativo, contribuindo para “aclarar a informação ou chamar a atenção” (2003, p.49). Quando as citações surgem em forma de RM, o jornalista tem o dever de contextualizar o conteúdo do som, identificando o protagonista, antes e depois da sua reprodução. Para isso, recorre ao uso de *raccords* – fios condutores que dão lógica e coerência ao discurso radiofónico. Para além do seu valor noticioso, o RM deve apresentar uma boa qualidade sonora que não prejudique a perceção do ouvinte. Só se justifica a inclusão de um RM sem qualidade sonora quando o valor noticioso é superior.

Para João Paulo Meneses (2016) o som pode desempenhar três funções básicas na informação radiofónica: informar, credibilizar e introduzir ritmo/emotividade (2016, p. 53).

Segundo o autor, o som assume um carácter informativo quando é um complemento valioso em relação ao texto do jornalista - quando tem um importante valor noticioso associado. Para além de oferecer novos elementos ao ouvinte, o som credibiliza, na medida em que elimina as dúvidas sobre a veracidade da informação veiculada. Caso o som não cumpra as duas funções anteriores, o autor sugere que se valorize o ritmo, que se materializa pela introdução de um registo de voz diferente. Mesmo que não acrescente nada de novo face ao que se conhece do assunto, se o som tiver uma carga de credibilidade e emoção, deve ser utilizado. Neste contexto, como afirma Meneses (2016) o som no jornalismo radiofónico explica o ‘como’ e o ‘porquê’, tendo em conta a estrutura básica das notícias. Ao interlocutor é pedido que exprima sentimentos e pontos de vista, enquanto ao jornalista pede-se que faça a notícia. Para isso, o seu texto deve responder às restantes questões – ‘quem’, ‘o quê’, ‘onde’ e ‘quando’ (2016, p.54).

#### **2.4.4 - Silêncio**

O silêncio na rádio é um espaço temporal em que não existe troca de informação do emissor para o recetor. Neste intervalo, o fluxo sonoro é interrompido, oferecendo espaço ao ouvinte para intervir. Essa intervenção diz respeito à criação de sentido e de imagens mentais que dependem do discurso e da imaginação. Assim, o silêncio é importante na rádio pois vai permitir ao ouvinte “concretizar as palavras, visionando a cena descrita à sua maneira” (Cordeiro, 2003, p.52). Para Yaguana Pousa (2013) o silêncio está carregado de significado e “pode simbolizar um sem fim de imagens: ausência, vazio, esperança, fim, início, dor, medo...” (Yaguana Pousa, 2013 *in* Oliveira et al., 2021, pp.157-158).

Segundo a conceção de Balsebre (2005) o silêncio faz parte do sistema não sonoro da mensagem radiofónica e assume-se como um importante elemento para rádio enquanto meio de expressão. O autor espanhol defende que, na rádio, o silêncio tem três funções: delimita núcleos narrativos, constrói um movimento afetivo e funciona ainda como elemento distanciador. Delimita núcleos narrativos pois faz parte da linguagem verbal, feita de palavras, silêncios e pausas. Constrói movimentos afetivos pois, para Armand Balsebre o silêncio é a língua dos sentimentos, sendo que, “quanto mais intenso foi o sentimento menos palavras poderão defini-lo” (2005, p.334). É um elemento distanciador na medida em que proporciona a “reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa” na interpretação da mensagem radiofónica. (Ibidem, p.334).

Apesar da importância do silêncio enquanto elemento não sonoro, a rádio tem menosprezado o seu papel, procurando outras texturas sonoras para o substituir. Luís Bonixe sustenta este argumento recorrendo a um exemplo ilustrativo “quando a rádio acompanha um determinado acontecimento e nele ocorre um minuto de silêncio em memória de alguém, a tendência é para preencher esse “vazio” com uma música, palavra ou até interromper a emissão em direto” (2012, p.41).

## **2.5 - Grande reportagem radiofónica**

### **2.5.1 - Etimologia e princípios narrativos**

No presente capítulo compreendemos uma abordagem à grande reportagem na rádio enquanto género jornalístico. Antes de nos debruçarmos sobre o principal tema deste trabalho, importa, numa primeira fase, desvendar as origens etimológicas da reportagem, procurando aclarar a sua origem bem como os princípios narrativos que a sustentam.

A origem de ‘reportar’ – ação da reportagem - vem do latim *reportare*, que significa anunciar, trazer ou levar uma mensagem. A palavra resulta da junção de ‘portare’, que se traduz no português pela palavra ‘transportar’, com o prefixo ‘re’ – prefixo que indica uma repetição do movimento. Assim, reportar é ‘trazer novamente’ ou ‘levar de volta’ - é uma ação em que “alguém ou algo transporta algo a outrem” (Godinho, 2009, p.22). No entanto, a reportagem não aponta apenas para uma noção de transporte. Inerente ao ato de reportar está a o ato de anunciar - em grego, ‘angellô’. O reportar anuncia algo – é uma primeira impressão comunicada de um acontecimento (Godinho, 2009). Esta comunicação existe através do relato - que vem do latim ‘relatus’- e que também pode significar ‘carregar’ – no sentido de transportar até à memória, de recordar. Portanto, “o reportar anuncia e relata o que se passou” (Godinho, 2009, p.24). Este relato de acontecimentos, presente na narrativa da reportagem, é procedente ao princípio do diretamente testemunhável, postulado por John Carey (1996). Na reportagem “existe uma ligação íntima entre o olhar e a palavra” (Godinho, 2017, p.187) por isso, a prática desta ação exige que o repórter procure aquilo que pode ser diretamente observado.

A essência da reportagem também está associada ao antigo vocábulo grego *legein*. Para desconstruir o significado da palavra *legein*, Jacinto Godinho ecoa Heidegger, que define este termo como algo que se “expõe sem intermediários” (2009, p.24), como se esse ‘algo’ estivesse efetivamente presente. Esta condição é crucial para a reportagem. Enquanto narrativa, a reportagem não dá apenas conta dos acontecimentos - ela configura um “dispositivo especial

que permite estender a básica matriz corporal da experiência”, mobilizando o indivíduo, fazendo com que este viaje com os acontecimentos” (Godinho, 2017, p.192). Esta mobilização, construída através da realidade observada pelo repórter, dá a possibilidade ao indivíduo de reviver os acontecimentos, como se os tivesse presenciado na primeira pessoa.

Jacinto Godinho (2017) explica também que associado ao conceito de *legein* está a ação de colocar e posicionar. Esta associação representa, para a reportagem, duas vias. Por um lado, o colocar relaciona-se com o ato de “enumerar coisas, factos, dados, incidentes”, reunindo tudo numa “trama de acontecimentos”. Já o posicionar está associado ao ato de juntar dados, “compondo-os e dispondo-os para alguém”. É esta dupla ação que vai aproximar a experiência narrativa do ‘contar’. “Contar uma história é alinhar esses dados de maneira que em conjunto ganhem sentido para outrem” (2017, p.193). Em suma, a reportagem carrega, na sua essência, uma narrativa de acontecimentos devidamente estruturada de modo a fazer sentido para alguém. Este dispositivo narrativo respeita o princípio do diretamente testemunhável e rege-se pelo *legein* – transportando o indivíduo para a ação.

A reportagem é um dispositivo de mobilização que permite ao leitor/ ouvinte/ espectador repetir os passos do repórter. É um contar, mas fazendo com que o leitor “calce os sapatos” e repita os movimentos do repórter. É esta a experiência que a reportagem permite, uma forma de experimentar os acontecimentos, num processo, numa duração, como se fosse o próprio leitor a recolher e reunir os dados para melhor os conhecer. (Godinho, 2017, p. 194)

Através da narrativa da reportagem, o repórter faz o leitor, o espectador ou o ouvinte repetir os seus movimentos, tornando-o parte integrante da história. Esta é, independentemente do suporte em que se insere, a essência da reportagem.

### **2.5.2 - Reportagem: o género nobre**

No contexto jornalístico, a reportagem é recorrentemente intitulada de ‘género nobre’. Se a notícia é o género básico do jornalismo, a reportagem é o “género por excelência” (Sousa, 2001, p.259). Este estatuto deve-se a um conjunto de fatores que diferenciam este género jornalístico dos restantes.

Ao contrário da notícia, a reportagem não se orienta segundo uma estrutura fixa - como a pirâmide invertida. Este género jornalístico permite liberdade expositiva e uma maior profundidade no tratamento de um tema ou de uma história. A reportagem é, para Anabela Gradim, “uma prosa de grande fôlego que conta uma história com o máximo de pormenores

possíveis, incluindo muitas notas de cor local” (2000, p.67). A reportagem é uma tarefa que exige um grande envolvimento sensorial da parte do repórter. Este género extrai do jornalista toda a sensibilidade “a escutar, a observar, a cheirar, também a tocar. A pensar e a partilhar” (Oliveira et al, 2021, p.152).

Para além da observação direta e da narração de elementos diretamente testemunháveis, que permite ao recetor repassar pelos acontecimentos, a reportagem pode também absorver outros géneros jornalísticos na sua narrativa. Elementos da “entrevista, da notícia, da crónica, dos artigos de opinião e de análise (...)” (Sousa, 2001, p.259) podem ser incluídos na estrutura deste género jornalístico, cimentando o seu carácter híbrido.

Para Jorge Pedro Sousa fazer uma reportagem significa, sobretudo, contar uma história – “é um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar (...)” (2001, p.259). Já Joaquim Vieira considera que a reportagem deve ser “uma exposição colorida em que o repórter deve reconstituir, com imaginação e criatividade, através de uma múltipla gama formal, uma parte do mundo que nos rodeia” (2007, p.124). Contudo, o propósito da reportagem não se deve desviar do objetivo nuclear do jornalismo - informar. A reportagem “facilita a plena descodificação da informação e o uso mais eficaz da mesma” (Coelho, 2015, p.74) enquanto conta uma história. Informar ao mesmo tempo que se conta. A compatibilidade destas duas ações não é comprometida, já que no jornalismo “contar histórias e informar não são atos contraditórios”, portanto os dois elementos devem “ser encarados como dois pontos num processo contínuo de comunicação (...)” (Kovach e Rosenstiel, 2004, p. 153).

Os géneros jornalísticos não têm fronteiras rígidas (Sousa, 2001, p. 231) e a reportagem não é exceção. Graças a uma liberdade estrutural intrínseca à génese da reportagem, o jornalista pode recorrer a elementos que se encontram fora do espectro jornalístico – como a ficção ou o romance. A aproximação do jornalismo com estas áreas concretizou-se na década de 60 do século passado e culminou no nascimento do *New Journalism*. Este estilo, também chamado de jornalismo literário, foi eternizado pelo seu fundador Tom Wolfe e por nomes como Ernest Hemingway ou Gabriel Garcia Márquez. No jornalismo literário, o repórter “mergulha na história e nas suas personagens, envolve-se – descrevendo pessoas e lugares com a proximidade de um romance” (Coelho, 2015, p. 73).

Afirma Jacinto Godinho (2017) que alguns jornalistas não resistem a aproximarem-se da estética literária, “recorrendo às técnicas narrativas literárias para depois publicaram reportagens tão densas e pormenorizadas que rivalizam com os filmes” (2017, p.197). A verdade é que reportagem e a ficção têm um elo que as une. Ambas são narrativas que se estruturam a partir do pedido do *legein*, ou seja, “conduzem os indivíduos para uma vasta e ubíqua visão testemunhal dos acontecimentos” (2017, p.198). Para Tom Wolfe a reportagem consegue ser compatível com a literatura, absorvendo as suas técnicas narrativas e estilísticas, sem abdicar da ética jornalística. Citado por Pedro Coelho (2015) o fundador do *New Journalism* não vê incompatibilidades na prática de um jornalismo com traços literários.

É possível escrever não ficção com precisão, utilizando as técnicas associadas ao romance e aos contos literários (...) É possível ao jornalismo utilizar diversos métodos literários em simultâneo (...) para resgatar a atenção do leitor quer intelectual quer emocionalmente (apud Soares, 2011, p.219 in Coelho, 2015, p.74)

Jacinto Godinho (2017) reconhece a existência da narração jornalística num estilo literário, mas admite que esta correlação pode vir a ter consequências para a prática do jornalismo. Segundo o autor, ao existir uma tendência para ficcionar a realidade, a credibilidade dos factos pode vir a estar em causa podendo ferir um dos pilares da profissão. Se é verdade que a forma de narrar é uma forte ligação, não é menos verdade que existe uma barreira intransponível que separa a reportagem da ficção - o código deontológico do jornalismo. Esta norma que rege a profissão e se orienta pela verdade e verosimilhança, não permite recriar a proximidade da ação com a mesma liberdade da ficção (Godinho, 2017).

### **2.5.3 - Reportagem radiofónica**

A reportagem, ainda que tenha sido inicialmente conceptualizada na perspetiva do jornalismo impresso, é adotada por outros meios de comunicação – como a rádio. No meio radiofónico, a reportagem representa “a melhor forma de contrariar o carácter breve e imediato da informação” (Bonixe, 2009, p.6). Para além de ser um complemento à informação radiofónica, este género assume novas potencialidades graças às especificidades da rádio. Citando as autoras Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005), Susana Herrera Damas (2007) aponta uma definição de reportagem na rádio:

Un modelo de representación de la realidad que, a partir del monólogo radiofónico, persigue narrar y describir hechos y acciones de interés para el oyente, proporcionándole un contexto de interpretación amplio en los contenidos y un uso de fuentes rico y variado en los recursos de producción, y cuidado y creativo en la construcción estética del relato. (Martínez- Costa y Díez Unzueta, 2005, p. 114 in Damas, 2007, p.91)

Segundo as autoras, a reportagem na rádio é um modelo de representação da realidade, que narra e descreve os acontecimentos de interesse ao ouvinte. Este carácter narrativo-descritivo (Herrera Damas, 2007) permite uma interpretação ampla dos conteúdos e contempla um uso rico e variado dos recursos expressivos do meio, proporcionando ao ouvinte uma interpretação subjetiva e ampla. Partindo da definição de Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) iremos de seguida abordar as especificidades da reportagem no meio radiofónico.

Quanto ao conteúdo, a reportagem na rádio não tem uma ligação direta com a atualidade como tem, por exemplo, a notícia que integra um noticiário. Este género tem uma grande liberdade temática, podendo abordar qualquer tipo de assunto, com um maior nível de interpretação e contextualização. O que a reportagem na rádio perde em atualidade, ganha em profundidade. Esta profundidade consegue-se através da investigação – ação inerente à prática jornalística – que depende do tema e da envergadura da reportagem em questão. Seja ele qual for, o repórter tem de “ouvir as pessoas com ligação ao assunto, pesquisar tudo para conseguir compreender e, depois, relatar os factos tal como eles são” (Oliveira et al., 2021, p.152).

Quanto à transmissão, a reportagem na rádio pode ser feita em direto, mas, regra geral, este género é transmitido em diferido (Herrera Damas, 2007). A emissão em diferido permite ao repórter trabalhar uma estrutura narrativa mais elaborada, fazendo uma seleção mais precisa de textos e vozes (Ibidem, 2007).

Susana Damas divide as reportagens de rádio em dois tipos: elementar e de investigação. As reportagens elementares, de contornos mais básicos e simples, são geralmente transmitidas nos noticiários e não devem exceder os 2 ou 3 minutos. Já as reportagens de investigação, ou grandes reportagens, são formatos mais completos e profundos, cuja extensão pode estender-se até aos 60 minutos (2007, p.101).

Na rádio a reportagem está também inerente a uma presença do repórter *in loco*. “Reportagem é tudo aquilo que não pode ser feito em estúdio (...) é o que é feito no local onde

os factos se acontecem” (Meneses, 2016, p.114). Este género radiofónico “não consente a imobilidade da secretária” (Oliveira et al., 2021, p.151) exigindo uma deslocação onde o acontecimento toma lugar. No terreno, e de microfone no punho, o repórter tem o desafio de “transformar os acontecimentos em som” (Bonixe, 2012, p.47). Esta transformação atinge o ideal quando “o fio afetivo da narração consegue reproduzir a atmosfera sonora que transporta quem a escuta para esse lugar do acontecimento” (Oliveira et al, 2021, p.152) - recriando a realidade. Para conseguir processar o real (Godinho, 2017) a reportagem na rádio narra e descreve ao ouvido do recetor, fazendo uso de elementos expressivos, mas sem deixar de parte a intencionalidade informativa, que está sempre no núcleo do género (Herrera Damas, 2007, p.92).

Segundo Susana Damas (2007) principal diferença entre a reportagem e os restantes géneros radiofónicos informativos é a maior variedade de recursos que o repórter pode dispor (2007, p.98). Para além de ter a possibilidade de definir o tema, as fontes que entrevista, como escreve e como combina os sons, o repórter tem a possibilidade de se apropriar de todos os elementos que constituem a linguagem radiofónica – conciliando a voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio (Basebre, 2005). As possibilidades de criação artística na reportagem radiofónica são assim superiores em relação a outros géneros informativos do meio. Neste sentido, a faceta mais ‘criativa’ do repórter pode mais facilmente vir a destacar-se. Faceta essa que, para Susana Herrera Damas, é legitimada por duas razões. A primeira prende-se como o facto de só o repórter estar autorizado a configurar a estrutura que entender, dado que foi ele que investigou sobre o tema. E a segunda prende-se com a própria génese do género reportagem que, segundo a autora, é livre em termos estilísticos (Herrera Damas, 2007, p.97). Podemos assim afirmar que uma das características mais vincadas da reportagem na rádio é liberdade temática, compositiva e estética. Estes traços presentes na narrativa oferecem à reportagem radiofónica mais cor, aproximando-se esteticamente de géneros como o documentário (Vivaldi, 1987 in Herrera Damas, 2007, p .98).

Ao contrário do que acontece na televisão ou na imprensa, a reportagem na rádio conta as histórias através de um único sentido. O repórter de rádio tem o encargo de “construir imagens para o ouvido, através da voz e de sons” (Oliveira et al., 2021, p.152). É através da matéria-prima da rádio, o som, que o jornalista estimula a imaginação do ouvinte, envolvendo-o numa experiência imersiva. A simbiose criada pelos recursos expressivos da linguagem radiofónica

vai potenciar a criação de paisagens sonoras no ouvinte “proporcionando-lhe uma vivência do acontecimento, à distância (...) através de um único sentido” (Reis, 2011, p.168).

#### **2.5.4 - Grande reportagem radiofónica**

A grande reportagem radiofónica apresenta técnicas e processos de produção específicos que lhe conferem uma autonomia diferenciada no contexto jornalístico. João Paulo Meneses (2016) foi um dos poucos autores portugueses a fazer uma distinção entre a grande reportagem e reportagem na rádio. Para o autor, a grande reportagem na rádio não tem uma relação direta com a atualidade, ela é, muitas vezes, “aquilo que se pode designar por “atualidade fabricada””. Ou seja, é a grande reportagem que constrói a atualidade, colocando na agenda mediática o tema que desenvolveu. Quanto à duração, este género tem uma duração grande, que ronda os trinta minutos. No que à estrutura narrativa diz respeito, a grande reportagem orienta-se por uma estrutura flexível, obedecendo “a uma lógica bastante diferente da “pirâmide invertida””. Cabe ao repórter definir a forma como conta a história, construindo uma narrativa rica em elementos textuais e sonoros de modo a captar a atenção do ouvinte. Segundo João Paulo Meneses, “desenvolver 30 minutos (ou mais...) de texto e sons exige criar pontualmente focos de interesse, (pequenos leads), para segurar a atenção do ouvinte (2016, p.114). Estes ‘focos de interesse’ devem ser desenvolvidos pelo repórter ao longo da grande reportagem, de modo a revitalizar a atenção de quem ouve, e podem ser apresentados de variadas formas.

No âmbito do jornalismo radiofónico, o adjetivo ‘grande’ antes da palavra reportagem não implica somente uma ideia de extensão na sua estrutura temporal – que geralmente ultrapassa os 30 minutos. Tal como a reportagem, a grande reportagem é construída a fim de envolver o ouvinte na experiência narrativa, no entanto, para a jornalista Rita Colaço, os modos de produção da grande reportagem radiofónica são distintos.

Uma grande reportagem não é uma reportagem grande. Quem faz a primeira vez grande reportagem muitas vezes acaba por cair nesse erro, ou seja, usar os modos de produção da reportagem na grande reportagem. Que é o quê? Texto- som - texto - som, com a única diferença: o texto é maior e o som também é maior. Muitas vezes esquecem-se de contar uma história. Fundamentalmente, a diferença entre uma reportagem e uma grande reportagem de rádio é a oportunidade que o grande formato nos dá de contar uma história. De respirar mais e contar melhor.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*.

A grande reportagem na rádio alarga as possibilidades oferecidas pela reportagem para contar uma história. Fá-lo, segundo a jornalista Rita Colaço, recorrendo ao mundo da criatividade. Para a repórter, criatividade e grande reportagem são “linhas que se cruzam”. Para a repórter Arlinda Brandão, “um jornalista ao longo do tempo vai acumulando registos daquilo que vai lendo, dos filmes, do teatro, da música” e são todos estes elementos que Mário Galego, jornalista entrevistado para este trabalho, leva para a grande reportagem: “temos de ser um bocado de tudo para termos o mundo dentro de nós” defende. Para contar uma história, o repórter joga com um leque enorme de elementos: “a literatura, a música, a poesia, o futebol, as condições de habitabilidade, o governo, tudo.”<sup>39</sup>

Este género permite ao repórter uma maior liberdade no ‘embrulho’ de sons, na combinação dos elementos da linguagem radiofónica que leva quem escuta para o lugar do acontecimento. Para além do texto e do som, o ‘puzzle’ sonoro da grande reportagem contempla, regra geral, um recurso a sonorizações (introdução de música e/ou efeitos especiais). É na grande reportagem radiofónica que o som reforça a sua função estética, conseguida através da sonoplastia, a ‘arte de modelar os sons’, que procura a “harmonia dos elementos significativos, articulando-os num conjunto tão atraente quanto representativo” (Oliveira et al., 2021, p.152). As sonorizações são pouco associadas à informação, mas no caso da grande reportagem elas acarretam uma intenção, por parte do repórter “de composição, de acrescento, de reforço de mensagem, para ajudar a conquistar/prender a atenção do ouvinte” (Meneses, 2016, p.57).

Um dos elementos mais utilizados na sonorização de uma grande reportagem é a música. Colocar música numa grande reportagem requer ponderação e critério por parte do repórter. Como defende Oliveira et al, “sonorizar não é acrescentar música”. A utilização do elemento musical introduz uma subjetividade emotiva, por isso, a música na grande reportagem deve “trazer valor e ajudar a construir o sentido” (Oliveira et al., 2021, 158). Para os mesmos autores, a utilização deste elemento na grande reportagem só é válida se ela for um elemento constituinte da história e se for utilizada sem o objetivo de provocar emoção no ouvinte.

---

<sup>39</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Mário Galego, jornalista.

Para o jornalista José Manuel Rosendo, entrevistado no âmbito desta investigação, a distinção entre a reportagem e a grande reportagem na rádio prende-se com a complexidade e a densidade dos temas que abordam.

Uma coisa é fazer uma reportagem sobre a ligação fluvial entre as duas margens do tejo. Fazem-se duas ou três viagens, fala-se com gente e tens a reportagem feita. Dedicás talvez um dia, dois dias. A grande reportagem busca sobretudo assuntos mais complexos, mais afastados da nossa realidade diária. Assuntos em que se tem dificuldade em arranjar gente para falar sobre eles. Isso obriga-nos a uma dedicação maior, temos de mergulhar naquela realidade, que dedicar tempo, recursos, temos de fazer investigação.<sup>40</sup>

A grande reportagem radiofónica exige que o repórter assuma um maior compromisso com a investigação e que dedique mais tempo a mergulhar na história. História essa que vai ser contada a partir dos sons captados no local (Oliveira et al., 2021). A exclusividade sonora do meio facilita o ‘mergulho’ do jornalista na realidade envolvente e a consequente aproximação aos protagonistas. Segundo o diretor de informação da Antena 1, João Paulo Baltazar, a grande reportagem na rádio tem a vantagem de conseguir retratar temas de grande intimidade.

Pela sua exclusividade sonora, a grande reportagem na rádio permite abordar temas delicados e falar com protagonistas que se calhar não dariam a cara se estivessem na televisão por exemplo. Eu fiz na minha vida reportagens que provavelmente não teria conseguido extrair das pessoas o que extrai se tivesse uma câmara de filmar ligada. Há temas de grande intimidade em que só consegues convencer as pessoas a falar porque está ali um gravador e tu nem dás por ele.<sup>41</sup>

A inexistência de uma objetiva apontada ao rosto dos protagonistas, torna-os visivelmente mais ‘à vontade’. Na grande reportagem radiofónica, o microfone é o único ponto de ligação entre o repórter e o protagonista, e a sua presença, já por si discreta, vai-se tornando praticamente invisível ao longo do tempo. Este foi um dos aspetos observados na grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’ que acompanhámos no âmbito do presente relatório de estágio.

Na rádio, a grande reportagem diferencia-se do mesmo género jornalístico em outros suportes. “Um ouvinte aproxima-se mais de uma história em rádio do que em televisão ou

---

<sup>40</sup> Ver em Anexo: Entrevista a José Manuel Rosendo, jornalista.

<sup>41</sup> Ver em Anexo: Entrevista a João Paulo Baltazar, diretor de informação da Antena 1.

imprensa” defende Rita Colaço, “é um meio mais imersivo. É essa a mais-valia da grande reportagem em rádio” prossegue a repórter entrevistada no âmbito deste trabalho. No meio radiofónico, o ouvinte está concentrado apenas num sentido, que é a audição. Esta exclusividade sensorial vai diminuir a distração do ouvinte, que vai envolver-se com mais facilidade na história que lhe está a ser contada aos ouvidos. Para Arlinda Brandão, a grande reportagem na rádio sente-se e vive-se de outra forma: “Quando ouvimos uma história a ser contada na rádio, não ficamos fora dela, somos parte dela”.

### **CAPÍTULO III - Grande Reportagem Antena 1**

#### **3.1 - Um passado de indefinições**

A *Grande Reportagem Antena 1* é hoje uma marca da rádio pública portuguesa, distinguida com vários prémios e menções honrosas de jornalismo<sup>42</sup>. Mas a verdade é que não tem existido uma linha orientadora consistente para este formato ao longo dos anos. Conta o jornalista Mário Galego que, até 1997, as grandes reportagens não tinham regularidade nos lançamentos, nem existia um espaço na grelha dedicado àquele formato. “Passavam de vez em quando (...) quando havia material fazia-se, mas isso era raro” - conta o jornalista – “muitos programas fixos passavam grandes reportagens lá dentro, mas não eram identificadas como tal”. Para o repórter, esta indefinição quanto ao formato deve-se à identidade que a rádio pública assumia desde o início dos anos 80 que, para o jornalista, “tinha uma formatação muito de autor e uma informação também de autor”<sup>43</sup>.

A primeira intenção de mudança no que à grande reportagem diz respeito foi levada a cabo por Luís Ochoa, que assumiu a direção de informação da Antena 1 em 1998. O então diretor desafiou Mário Galego a produzir mais trabalhos de reportagem, com maior regularidade e preocupação estética. No ano seguinte, em 1999, o jornalista encarregava-se apenas de produzir grandes reportagens com um formato médio que rondava os 15 minutos. Ainda sem um espaço na grelha da estação, este formato era transmitido, não regularmente, no *Portugal em Direto* – programa de informação regional com emissão diária.

---

<sup>42</sup> Ver em Anexo: Lista de prémios *Grande Reportagem Antena 1*.

<sup>43</sup> É importante contextualizar que rádio e o jornalismo viviam realidades completamente distintas quando comparadas com os dias de hoje, existia “menos agilidade, comunicações muito limitadas e uma internet arcaica, extraordinariamente lenta e pouco disponível” (Alcântara, 2021, p.249).

Só em 2005, e a pedido do diretor de informação Fausto Coutinho, a Antena 1 passa a ter um programa inteiramente dedicado à grande reportagem. O intitulado *Espaço Reportagem* marcou, pela primeira vez na história da rádio pública, a regularidade na produção de grandes reportagens. Era um programa transmitido semanalmente e tinha 15 minutos de duração. A assegurar a coordenação deste espaço estava o jornalista Mário Galego – que objetivava os temas, os indicativos, os lançamentos e a estética do programa. Após a regularidade semanal, passou a existir uma periodicidade quinzenal – ainda na primeira década de 2000. É nesta fase que este espaço informativo passa a intitular-se *Grande Reportagem Antena 1* – designação que mantém até hoje.

Fazendo uma retrospectiva do caminho percorrido pela *Grande Reportagem Antena 1*, a repórter Arlinda Brandão, que já trabalhou com várias direções na rádio pública, afirma que o formato tem atravessado vários “altos e baixos”. “Algumas direções deram maior prioridade à grande reportagem, outras deram menos” defende. Mas para a jornalista na Antena 1 há 26 anos, existe um problema que tem sido cada vez mais evidente no presente: a falta de jornalistas nas redações. “As redações não têm capacidade de fornecer jornalistas para a grande reportagem” afirma Arlinda Brandão.

Num exercício semelhante de olhar para o passado, José Manuel Rosendo considera que, em termos de qualidade a grande reportagem Antena 1 tem “mantido um bom nível (...) aparecem bons repórteres a fazerem trabalhos com ângulos que são interessantes”. Mas falando em quantidade, o repórter diz que tem sido insuficiente: “é pena não haver mais”. O jornalista lamenta ainda que a rádio pública continue a dedicar pouco tempo aos assuntos que vão aparecendo na atualidade: “às vezes ficam apenas por umas declarações, por uma entrevista ou por umas linhas”.

### **3.2 - A filosofia do presente: dar voz aos silêncios**

A *Grande Reportagem Antena 1* é, desde 2017, coordenada pela jornalista Rita Colaço. Para além de produzir grandes reportagens, a jornalista define o calendário de temas a tratar em antena e faz o acompanhamento das grandes reportagens desenvolvidas pelos repórteres, colaborando na produção e pós-produção destes trabalhos. A repórter, voz da estação pública desde 2003, é também responsável por fazer a articulação entre os repórteres e a direção de informação. A partir do momento em que assumiu a pasta, a jornalista pretendeu alterar a filosofia que orientava este formato. Rita Colaço queria transformar a *Grande Reportagem*

*Antena 1* num formato diferenciado, capaz de aliar a urgência e dos temas a uma preocupação estética bem vincada.

Quis introduzir algumas inovações na forma de contar, e fazer passar muito isso para os repórteres. Novas formas de narrativa, de gravação, de testar o som. (...) Mas sobretudo, o meu sonho era que a *Grande Reportagem Antena 1* pudesse ser uma referência no campo da rádio em Portugal. Ou seja, um conteúdo que não se afirma apenas pelas histórias que conta, mas também pela maneira como o faz. Aliar a criatividade à urgência dos temas.<sup>44</sup>

A *Grande Reportagem Antena 1* tem procurado inovar na forma como trabalha a sua matéria-prima, o som. A busca pela inovação tem colhido frutos ao longo dos últimos três anos. Exemplo disso é a grande reportagem ‘Com Olhos de Ouvir’<sup>45</sup>, produzida em 2018 por Rita Colaço, em parceria com a iNova Media Lab, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa. Este trabalho, inédito na rádio portuguesa<sup>46</sup>, foi desenvolvido através da tecnologia de som binaural - que permite ao ouvinte simular uma experiência na primeira pessoa.

Como abordamos nos capítulos anteriores, a imaginação é um dos requisitos dos ouvintes de rádio. Por isso também neste formato existe uma preocupação em transformar os momentos vividos pelo repórter em sons. “Temos de pensar numa fotografia e desconstruir as suas camadas para as reproduzir na rádio (...) isso é dar imersão aos ouvintes.” afirma a jornalista Rita Colaço, que quer que a *Grande Reportagem Antena 1* consiga levar o ouvinte até à ação, “como se estivesse sentado ao lado da pessoa que lhe está a contar a história”.

Para além de se destacar pela imersividade das suas narrativas, a *Grande Reportagem Antena 1* destaca-se também pelos temas que desenvolve: “(...) os grandes temas, histórias do país e do mundo, trabalhos em detalhe”. Para a coordenadora, este formato apresenta uma união entre as histórias e a informação, seguindo a mesma linha de pensamento de Kovach e Rosenstiel, para quem “contar histórias e informar não são atos contraditórios. Devem antes ser encarados como dois pontos num processo contínuo de comunicação” (Kovach e Rosenstiel,

---

<sup>44</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*.

<sup>45</sup> Grande reportagem “Com olhos de ouvir” disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/pais/grande-reportagem-antena1-com-olhos-de-ouvir\\_a1099575](https://www.rtp.pt/noticias/pais/grande-reportagem-antena1-com-olhos-de-ouvir_a1099575) [Consultado em 10 de dezembro de 2020]

<sup>46</sup> A grande reportagem, assinada pela repórter Rita Colaço e pelo sonoplasta Paulo Castanheiro, foi distinguida com o prémio “Melhor Inovação Digital” na 1ª edição dos prémios SAPO de Media Digital.

2004, p. 153). Para a coordenadora, o *jackpot* da *Grande Reportagem Antena 1* é, mais do que trazer ‘notícia’, oferecer uma reflexão profunda sobre determinado tema.

Para mim uma grande reportagem não tem de necessariamente trazer notícia. Se trazer, tanto melhor. Mas se trazer, mais do que a notícia, a reflexão profunda, sobre o tema e aquela história de vida acho que isso é muito mais enriquecedor. Por isso é que eu às vezes numa grande reportagem prefiro estar concentrada apenas numa história de vida, porque aquela história vai-me conduzir para os subtemas do tema geral.<sup>47</sup>

Na estação pública, os temas deste formato podem surgir em função da atualidade, do interesse de um jornalista por um determinado assunto ou até de sugestões que chegam à rádio por parte dos ouvintes. João Paulo Baltazar é assertivo quando questionado se cabe a este espaço acompanhar os temas que estão na agenda mediática. Para o diretor de informação “a grande reportagem não tem uma relação direta com a atualidade”. Também a coordenadora Rita Colaço não tem problemas em afirmar que não se orienta pela agenda mediática, preferindo dar prioridade a “temas, olhares e reflexões novas sobre assuntos que estão nas franjas da sociedade”. Na mesma linha de pensamento está a repórter Arlinda Brandão, jornalista na Antena 1 há 26 anos, que defende que a rádio pública tem uma preocupação especial em “dar voz a quem não tem voz”.

A linha editorial da *Grande Reportagem Antena 1* contempla, sobretudo, uma necessidade de dar voz aos ‘silêncios’, a pessoas que não têm oportunidade de se fazerem ouvir na sociedade. O autor Rizard Kapuscinski (2008) olha para esta ação como uma obrigação moral da classe jornalística: “Estas pessoas nunca se revoltarão. Por isso precisam de alguém que fale por elas. Esta é uma das obrigações morais que temos quando escrevemos sobre esta parte infeliz da família humana”. (Kapuscinski, 2008, p.32). Esta ‘obrigação’ que sublinha Kapuscinski leva a que, muitas vezes, o jornalismo consiga ser uma ‘arma’ capaz de alterar o curso dos acontecimentos. Maria de São José, subdiretora de informação da Antena 1, recorre a um exemplo de uma grande reportagem que, para além de voltar a colocar um assunto no mapa mediático, provocou consequências práticas na vida dos intervenientes:

---

<sup>47</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*.

Recordo-me da grande reportagem sobre o Bairro da Jamaica<sup>48</sup> - “Jamaika também é Portugal”, da Rita Colaço. Aquela situação passou a estar sobre os holofotes. Já tinha sido notícia, já tinha sido falada, mas estava absolutamente adormecida. E a Rita voltou a colocar o tema daquele bairro na agenda. Depois do lançamento da grande reportagem houve avanços e realojamentos de muitas das famílias daquele bairro.<sup>49</sup>

‘Jamaika também é Portugal’ foi um dos trabalhos da *Grande Reportagem Antena 1* que conseguiu criar efeitos na sociedade. É nesse jornalismo que a coordenadora Rita Colaço acredita: “um jornalismo com consequências, no sentido em que podemos mudar alguma coisa, não o mundo, mas o pequeno mundo daquelas vidas que se encontram naquela história”. A jornalista considera que as histórias da *Grande Reportagem Antena 1* devem conseguir carregar, mais do que informação, a reflexão, tornando-as “mais enriquecedoras para quem ouve e até para o próprio jornalista” defende. A preocupação social e humanitária presente nos temas da *Grande Reportagem Antena 1* tem valido a conquista de vários prémios e menções honrosas à estação pública, atribuídos por instituições como a AMI ou Unesco<sup>50</sup>.

Mas não é só em território nacional que a *Grande Reportagem Antena 1* se tem destacado. Este formato tem procurado histórias que vão além das fronteiras nacionais. Neste campo, o repórter José Manuel Rosendo, jornalista na rádio pública desde 1993, tem-se destacado pelas várias grandes reportagens feitas no Médio Oriente. Em 2019, na última grande reportagem assinada pelo jornalista naquela zona do globo, intitulada ‘Iémen, o lado Houthi da guerra’<sup>51</sup>, José Manuel Rosendo procurou retratar a sombra do grupo xiita do nordeste do Iémen. Para o repórter, aquela realidade tem escapado aos holofotes mediáticos: “não está presente na nossa informação, se está é porque houve um atentado ou um combate armado que provocou muitos mortos, e ficamos por aí”.

---

<sup>48</sup> Grande reportagem “Jamaika também é Portugal” disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/grande-reportagem/grande-reportagem-antena-1-jamaika-tambem-e-portugal\\_a1012621](https://www.rtp.pt/noticias/grande-reportagem/grande-reportagem-antena-1-jamaika-tambem-e-portugal_a1012621) [Consultado em 10 de dezembro de 2020]

<sup>49</sup> Ver em Anexo: Entrevista Maria de São José, subdiretora de informação da Antena 1.

<sup>50</sup> Ver em Anexo: Lista de prémios da *Grande Reportagem Antena 1*.

<sup>51</sup> Grande reportagem “Iémen, o lado Hothi da guerra” disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p309/e421128/grande-reportagem> [Consultado em 10 de dezembro de 2020]

### 3.3 - *Grande Reportagem Antena 1*: programa ou formato?

Uma das primeiras conclusões a que chegámos ao longo desta investigação foi que a *Grande Reportagem Antena 1* não é um programa, mas sim um formato. A observação realizada diariamente dentro da estação confrontou-nos com essa realidade, mas o esclarecimento chegou na entrevista ao diretor João Paulo Baltazar. “Não há um programa chamado grande reportagem. Existe a intenção de ter um espaço regular de grande reportagem (...) que nós temos tentado, sem sucesso, manter como um formato quinzenal” afirma. A falta de periodicidade no formato deve-se, em grande parte, à escassez de profissionais na rádio pública.

Atualmente, a *Grande Reportagem Antena 1* não tem uma equipa ou uma editoria que trabalhe exclusivamente neste formato e que consiga cumprir a regularidade nos lançamentos. Este formato conta apenas com a colaboração regular de uma única jornalista – Rita Colaço – que, para além de outras tarefas, está responsável por coordenar a *Grande Reportagem Antena 1*.

Quando a atual direção de informação tomou posse, em 2015, a *Grande Reportagem* era transmitida em antena todas as segundas-feiras, às três da tarde, e tinha uma duração de 15 a 20 minutos. Mas confrontado com a obrigatoriedade de apresentar semanalmente um trabalho de reportagem, e dada a escassez de recursos, o diretor de informação João Paulo Baltazar concluiu que “a qualidade oscilava muito”. Neste sentido a direção decidiu “sacrificar a regularidade em prol da qualidade”<sup>52</sup>, trabalhando num formato mais extenso – a rondar os 30 minutos – que procurasse uma maior profundidade, sem ceder à pressão de produzir segundo uma periodicidade definida. A *Grande Reportagem Antena 1* é transmitida em antena, quando existe material, às terças-feiras às 10h15, com repetição às 19h15.

Assim, dado a falta de uma equipa que garanta regularidade e a “algumas dificuldades de gestão de antena”, nas palavras do diretor, a direção de informação decidiu trabalhar no formato grande reportagem como trabalha no formato grande entrevista – dando primazia à qualidade em detrimento da periodicidade.

Trabalhando em moldes claramente limitados, estará a *Grande Reportagem Antena 1* a salvaguardar a missão de serviço público? Para Maria São José, subdiretora de informação, a

---

<sup>52</sup> A decisão da direção reflete-se no número de grandes reportagens produzidas por ano. Se em 2014, a Antena 1 transmitiu um total de 40 grandes reportagens, em 2019 esse número foi reduzido para mais de metade (18).

relação do formato com a missão de serviço público está intacta: “existe uma intenção clara de termos um produto diferenciado, que respire fundo e que reflita” afirma. No entanto, para a coordenadora Rita Colaço, o serviço público exige mais. “Obviamente que em primeiro lugar temos de informar as pessoas, os noticiários não podem deixar de existir. Mas as pessoas querem e precisam de conteúdos exclusivos, diferenciados e que surpreendam.”. A jornalista deixa mesmo uma pergunta no ar: “As pessoas pagam uma taxa de radiodifusão pelo serviço público, mas será que estamos a dar a refeição à pessoa que pagou? Ou estamos apenas a prestar os serviços mínimos?”.

O repórter José Manuel Rosendo também considera que a missão de serviço público não está a ser inteiramente cumprida e aponta outro problema para o efeito: a forma como se vendem os conteúdos da rádio pública.

Atualmente num mundo tão mediático como o nosso, para conseguires chegar as pessoas, para além do produto que tens, tens de o vender noutras plataformas, seja nas redes sociais, seja em entrevistas nos jornais, seja a rádio a vender a TV e a TV a vender a rádio. Aqui temos essa possibilidade e infelizmente isso funciona muito mal.<sup>53</sup>

O repórter defende que a articulação entre a rádio e a televisão não está a ser bem conseguida e que isso tem consequências negativas para os conteúdos da Antena 1. Na mesma linha de pensamento segue o jornalista Mário Galego, que afirma que a rádio tem de saber oferecer os conteúdos aos ouvintes: “o grande drama desta rádio não é perder os ouvintes. Eles estão lá. Tens é de saber dar. Se não souberes dar, a rádio vai perder de certeza”. Aliada à falta de meios e a lacunas na divulgação de conteúdos existe, para o jornalista, um grave problema de gestão: “tu não pões um jovem que vem das universidades a fazer uma grande reportagem como não pões um microfone que tem 50 anos a fazer o noticiário principal” afirma o jornalista, apontando responsabilidades aos gestores da instituição: “não há meios, não há gente, e a gente que há é má gestora. Isso é gravíssimo” lamenta Mário Galego.

### **3.4 - Expansão digital**

“O digital é bom porque te permite arquivo e partilha (...) dá sete vidas à rádio”<sup>54</sup>. As palavras são de João Paulo Baltazar, diretor de informação que levou a *Grande Reportagem*

---

<sup>53</sup> Ver em Anexo: Entrevista a José Manuel Rosendo, jornalista.

<sup>54</sup> Ver em Anexo: Entrevista a João Paulo Baltazar, diretor de informação.

*Antena 1* para lá do universo hertziano. A expansão no digital faz-se através de uma aposta em dois caminhos: *podcast* e redes sociais.

O *podcast*<sup>55</sup> da *Grande Reportagem Antena 1*<sup>56</sup> está disponível na plataforma *online* RTP Play, onde estão disponibilizadas para audição todas as grandes reportagens exclusivas desde 2011. No mesmo dia em que uma grande reportagem é transmitida em antena, fica automaticamente disponível para audição *on demand*, sendo armazenada no *podcast*. Qualquer utilizador com acesso à internet pode ter acesso a mais de 300 episódios disponíveis para audição gratuita na plataforma.

Segundo dados do Reuters Digital News Report, relativo a 2020, o *podcast* é um fenómeno que continua a exponenciar-se. Só no último ano, 38% dos portugueses consumiu podcasts no mês anterior ao período em análise (mais 4 pontos percentuais que em 2019). O consumo português apenas é ultrapassado pela Espanha e pela Irlanda. Ainda de acordo com os resultados do relatório, verificamos que a tendência é para o suporte se afastar do meio radiofónico: “cada vez mais o *podcasting* sai da esfera da rádio, sendo abandonada a lógica inicial de *podcasting* como uma forma de redistribuição de conteúdos produzidos para os formatos tradicionais” (Reuters, 2020, p.49).

A aproximação da rádio com os ouvintes tem sido concretizada com a ajuda do *podcast*, mas também das redes sociais. Uma proximidade que leva Joaquim Fidalgo (2009) a defender que a internet colocou os media e os jornalistas mais próximos e acessíveis ao seu público, desenvolvendo “uma interatividade nunca antes conseguida” (pp.14-15). Esta interação, ainda que virtual, é, para Rita Colaço, um sinal de que a rádio hoje fala cada vez mais com o seu público. “Antigamente, havia a carta do leitor – que era enviada para o jornal e posteriormente publicada. Mas depois não havia troca de correspondência. Acho que a rádio está cada vez mais próxima das pessoas. A internet e as redes sociais fizeram essa aproximação.”, defende a jornalista. Também Mário Galego louva o contributo do *podcast* para a *Grande Reportagem Antena 1*: “há vinte anos punha uma grande reportagem no ar e ela morria ali. Quem ouviu, ouviu. Hoje com o *podcast* podes voltar a ouvir quando quiseres”.

---

<sup>55</sup> O conceito *podcasting* foi introduzido, pela primeira vez, pelo jornalista Bem Hammserly numa crónica escrita em 2004 para o jornal The Guardian<sup>55</sup>. O termo resulta da junção das expressões inglesas *iPod* e *Broadcasting* e é definido pela Digital News Report (2019) como “*an episodic series of digital audio files, which you can download, subscribe to, or listen to via a range of technologies (RSS feed, podcasting apps)*”.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p309/grande-reportagem> [Consultado em 10 de dezembro de 2020]

No campo das redes sociais, a *Grande Reportagem Antena 1* está presente no Facebook. A página foi criada no dia 7 de abril de 2014 e conta com 4704 ‘gostos’<sup>57</sup>. O objetivo da página prende-se com a partilha de hiperligações para a audição das grandes reportagens, publicação de promoções em formato de vídeo e interação com os ouvintes. A gestão da página de *Facebook* da *Grande Reportagem Antena 1* é feita pela coordenadora Rita Colaço.

Antes da grande reportagem ir para o ar, eu faço a sua promoção. Não só em antena, como também nas redes sociais. Para além de jornalista e repórter, sou gestora das redes sociais – faço o trabalho de designer gráfica, trato de toda a imagem do nosso Facebook, escrevo as publicações e produzo os clipes de vídeo.<sup>58</sup>

Apesar de ter uma forte presença no mundo digital, a Grande Reportagem Antena 1 não tem uma equipa multimédia que faça a gestão dos conteúdos disponibilizados *online*. Para o diretor, João Paulo Baltazar, o ideal era conseguir ter uma equipa inteiramente dedicada a fazer o casamento entre a rádio e a web. Mas mais uma vez confrontado pela falta de recursos humanos e técnicos, a direção de informação decidiu confiar na coordenadora Rita Colaço para o desempenhar de funções. João Paulo Baltazar sublinha a “consciência multimédia muito sólida e viva” da repórter que, para além de estar envolvida na produção e pós-produção das grandes reportagens, “trabalha a dimensão da produção dos trabalhos nas redes, com o recurso às ferramentas que domina”.

### 3.5 - Quem é este ‘grande’ repórter?

Para trabalhar um formato com o da grande reportagem radiofónica, o jornalista deve estar bem preparado de modo a executar este ofício da melhor forma. Para o jornalista José Manuel Rosendo, os pilares profissionais de um ‘grande repórter’ “são os mesmos que um jornalista que não sai da redação”, mas salienta que a liberdade e a disponibilidade são dois aspetos cruciais para um jornalista que faz grandes reportagens. Qualidades que vão além do âmbito profissional e às quais Arlinda Brandão acrescenta o fator humano.

O fator humano é essencial, porque, eu costumo dizer que os grandes repórteres estão na reportagem como estão na vida. Se na nossa vida gostamos de ser corretos, de ter princípios, na grande reportagem também o devemos fazer. Devemos informar com rigor, não há espaço para a mentir na reportagem. (...) Temos de ter princípios para conseguir chegar às pessoas. Temos de respeitar

---

<sup>57</sup> Dados referentes ao dia 10 de dezembro de 2020.

<sup>58</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*.

uma ética, uma deontologia e acima de tudo, devemos respeitar a dignidade humana.<sup>59</sup>

Para contar uma história, o repórter não pode ser cínico e sem sentimentos. Tem de respeitar os seus intervenientes. Ser dotado de curiosidade, mas ter princípios para conseguir chegar às pessoas, respeitando a deontologia e a ética profissional. O humanismo é um traço bem vincado na identidade do ‘grande repórter’ Antena 1. Como Kapuscinski (2008) afirma na sua obra *Os Cínicos Não Servem Para este Ofício*, o cinismo é uma atitude incompatível com qualquer atividade jornalística. “Pessoas más não podem ser bons jornalistas. Se formos boas pessoas podemos tentar entender os outros, as suas intenções, a sua fé, os seus interesses, as suas dificuldades, as suas tragédias.” (Kapuscinski, 2008, p.30). Para Rita Colaço, ser a ‘boa pessoa’ que Rizard Kapuscinski se refere, significa eliminar as barreiras entre o ‘grande repórter’ e o protagonista, ser “uma folha em branco”, mostrando vontade de “calçar o sapato dos outros para entender melhor o mundo”.

A natureza deste formato exige que os ‘grandes repórteres’ sejam uma parte integrante das histórias. Os jornalistas envolvem-se no meio e procuram uma maior proximidade com os protagonistas - tanto a nível presencial como emocional. É por isso que, para Arlinda Brandão, o repórter “é um elemento participante na reportagem”. Tendo sempre a preocupação de se envolver de forma isenta e com rigor, o repórter busca uma proximidade que exige um misto de empatia e tolerância. Para Mário Galego, esta proximidade está ligada uma paixão intrínseca pelas pessoas e pelas histórias: “eu gosto muito das pessoas. Gosto que me contem histórias - para as poder ouvir na rádio, para as contar aos outros” conta o jornalista. O repórter relata um episódio que aconteceu em 2019, quando acompanhou Marcelo Rebelo de Sousa numa visita a São Tomé e Príncipe:

Tinha um dia livre e aproveitei para conhecer a ilha. Conheci uma pessoa que tinha uma viatura, paguei-lhe e ele levou-me a conhecer São Tomé. Meti-me dentro do carro dessa pessoa, sempre com o microfone a gravar. Levou-me a conhecer a ilha toda, dando-me a conhecer a sua perspetiva e o seu olhar. Fomos a uma escola, a uma farmácia, a um mercado. Às coisas onde as pessoas iam.

---

<sup>59</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Arlinda Brandão, jornalista

O jornalista assume que quando chegou ao fim da viagem não ouviu a gravação. Mas quando regressou a Portugal percebeu que aquele conteúdo podia originar uma história. A disponibilidade, o olhar atento e a empatia criada com aquela pessoa originaram ‘Felisberto ao volante da Liberdade’<sup>60</sup>, uma grande reportagem assinada pelo jornalista.

Para além do fator humano e da faceta de ‘caçador de histórias’, o ‘grande repórter’ de rádio deve conhecer bem o meio e trabalhar em função dos recursos expressivos que a rádio lhe oferece – a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio (Balsebre, 2005). “Ser jornalista de rádio implica cultivar contar através da voz e gostar de sons” (Oliveira et al, 2021, p.154). Mas mesmo os bons jornalistas de rádio podem não se conseguir destacar neste formato, realça João Paulo Baltazar, sublinhando a importância do domínio completo das potencialidades da rádio:

Um bom jornalista pode fazer boas peças jornalísticas, mas podem não ser necessariamente grandes reportagens radiofónicas, no sentido completo. Há o lado humano, da sensibilidade, e há o lado do gosto pelo meio e pelo conhecimento técnico do meio. A rádio é som. Por mais que agora possa ter imagem. Quando se tem a paixão, o gosto e o conhecimento pelo som, os recursos oferecidos pelo meio são aproveitados.<sup>61</sup>

Segundo o diretor de informação da Antena 1 nem todos os jornalistas têm as apetências necessárias para desenvolver este formato. João Paulo Meneses considera que os jornalistas mais experientes “terão mais facilidades (...) em conceber, pesquisar, desenvolver e estruturar em estúdio um trabalho destes” (2016, p.115). Mas estará a experiência diretamente associada à grande reportagem? Para a jornalista Arlinda Brandão a grande reportagem “acarreta uma grande responsabilidade” defendendo que “quando abordamos determinados assuntos temos de ter maturidade para não ceder a certas pressões”, por isso o ‘grande repórter’ precisa, segundo a jornalista, de ter “estofo”. Apesar de concordar que a experiência é um fator importante, Rita Colaço defende que um jornalista que tenha valores e “respeito pelo próximo” irá conseguir “contar a história mesmo que não tenha muita experiência”. “A grande reportagem poderá precisar de afinações, de alguns pormenores,” mas “tudo isso vai sendo afinado ao longo do tempo, eu ainda estou a afinar” confessa a repórter. Já José Manuel Rosendo considera que o

---

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p309/e420059/grande-reportagem> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>61</sup> Ver em Anexo: Entrevista a João Paulo Baltazar, diretor de informação Antena 1

salto de um jornalista com pouca experiência para a grande reportagem pode comprometer o trabalho final. “Costumo dizer às pessoas jovens: não tenham pressa. Se não tiveres pressa, ganhas solidez e quando tiveres de fazer trabalhos mais complicados a tua capacidade de resposta é maior.”.

Desenvolver uma grande reportagem exige que o jornalista abandone a redação durante vários dias ou semanas. Numa estação que padece de recursos humanos, a deslocação de jornalistas para o terreno cria lacunas nos turnos que asseguram a informação, como a *Manhã 1*, a *Manhã 2* ou a *Tarde*. A falta de profissionais é um dos fatores que mais prejudica a grande reportagem para a jornalista Arlinda Brandão.

Um dos grandes problemas da grande reportagem é também a falta de jornalistas nas redações. As redações não têm capacidade de fornecer jornalistas para a grande reportagem. Isso supõe que esse jornalista esteja dedicado a um determinado assunto, fora dos turnos, e depois os turnos. Como têm poucos jornalistas, as redações estão mais limitadas e precisam de quem acompanhe a realidade do dia a dia.<sup>62</sup>

Durante as duas últimas décadas, várias mudanças ao nível tecnológico, social e económico alteraram o modelo de negócio dos média noticiosos (Rottwilm, 2014, p.4) – criando consequências diretas no jornalismo e nas redações. Em grande parte, estas alterações devem-se à entrada da internet no ciclo jornalístico. A prática do jornalismo tem, desde os seus primórdios, uma dependência direta da tecnologia - a profissão conta com a ajuda tecnológica para a recolha, edição, produção e disseminação de informação (Deuze, 2006, p.17). Mas a verdade é que atualmente toda a atividade jornalística passa pela internet (Vieira, 2007) que se tornou uma ferramenta essencial “no complemento e execução das tarefas inerentes a um jornalismo de qualidade” (Gomes, 2015, p.245).

“A internet enriqueceu muito o jornalismo (...) Agora com a Covid 19 foi assim. Nunca conseguiríamos trabalhar se não tivéssemos acesso às novas tecnologias” defende a jornalista Arlinda Brandão. Apesar de ter vantagens evidentes para a eficácia da prática jornalística – como a difusão mais veloz e eficaz da informação - a internet criou alterações profundas no jornalismo e consequências na prática da reportagem. John Pavlik, divide o impacto da internet no jornalismo em quatro fatores: alteração da natureza das notícias, mudança transcendente no

---

<sup>62</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Arlinda Brandão, jornalista

trabalho dos jornalistas, mudanças na estrutura das redações e mudanças no relacionamento entre jornalistas e os agentes à sua volta. (Pavlik in Gomes, 2015, p.191).

O trabalho dos jornalistas viu-se alterado pelas novas potencialidades digitais. Esta mudança provém da vontade das organizações noticiosas impuseram no sentido de os jornalistas “terem de realizar múltiplas tarefas, consumadas em conteúdos para várias plataformas, obrigando-os a uma adaptabilidade intrínseca às características dos meios noticiosos, com pouco tempo para o fazer.” (Gomes, 2015, p.244). A sobrecarga de trabalho aliada à aceleração do fluxo noticioso deixa aos jornalistas pouco tempo para fazerem o seu trabalho. A realidade é que hoje em dia os repórteres vivem, como afirma Carlos Rico, “subjugados à ditadura do tempo, desde o processo de preparação e produção do trabalho à extensão e ao pulsar da própria reportagem” (Rico, 2021, p.217). É sobre este cenário de que os ‘grandes repórteres’ da Antena 1 se deparam cada vez mais com a falta de um dos elementos essenciais para trabalhar uma grande reportagem. Nas palavras do jornalista José Manuel Rosendo, a grande reportagem depende diretamente do tempo.

A grande reportagem exige tempo. Não há outra forma. Grandes reportagens desenvolvidas à pressa dão mau resultado. Este formato exige que fiques, converses com as pessoas, que tenhas tempo para observar. Não podes estar a correr ou à pressa porque tens de entregar uma peça daqui a 10 minutos.<sup>63</sup>

Como consequência da falta de tempo e sobrecarga de trabalho, o cumprimento dos procedimentos jornalísticos como a pesquisa, o *fact checking* e o recurso a fontes variadas e independentes foram prejudicados (Rottwilm, 2014, p.14). Rita Colaço sublinha que, atualmente, os grandes repórteres têm “pouco tempo para trabalhar as histórias” e que a falta de tempo prejudica a qualidade das grandes reportagens - “faz-nos cair mais vezes no erro” – conta a jornalista. Também Hugo Alcântara partilha da mesma opinião. Para o autor, sempre que os repórteres têm tempo para olhar, vêm de forma diferente. Quando se sentem pressionados, perdem o campo de visão, afunilam e reportam menos (Alcântara, 2021, p.251). Na mesma linha de pensamento está o jornalista da Antena 1, Mário Galego. Para o repórter, a liberdade de agenda associada a um formato como a grande reportagem é uma miragem sobre o passado.

---

<sup>63</sup> Ver em Anexo: Entrevista a José Manuel Rosendo, jornalista

Quando eu ia fazer uma grande reportagem, eu ia. Não olhava para o relógio. Não gravava. Ia, conversava, ouvia, sentia, cheirava e depois na minha cabeça começava a formular-se um objetivo. É isto que eu vou contar - com quem? como? porquê? Só depois começava a gravar e a trabalhar a plasticidade que aquilo possa ter – o embrulho que se oferece ao ouvinte.

Na presente conjuntura mediática, cada vez mais competitiva e veloz, os profissionais de rádio enfrentam múltiplos desafios. Numa civilização em que “a imagem constitui a própria forma da nossa cultura” (Martins, 2017, p.178) e em que o público está cada vez mais formatado para os estímulos visuais, um jornalista de rádio já não é apenas um jornalista de rádio. Hoje, tem de ter um “conhecimento mais alargado que não se resume a contar os acontecimentos através do som” sendo capaz de imprimir uma linguagem multimediática, hipertextual e interativa (Bonixie, 2011, p.29). Estas exigências obrigam o jornalista a “dominar uma panóplia de cada vez mais vasta de instrumentos de pesquisa, tratamento e edição da informação” (Fidalgo, 2009, p.14). A estes novos desafios, junta-se o “desafio de conquistar, a todo o momento, a atenção daquelas a quem os seus artigos – escritos ou audiovisuais – se dirigem” (Rico, 2021, p.219). Assim, o ‘embrulho’ que hoje é oferecido pelos repórteres ao ouvinte de rádio contempla a realização de um conjunto de novas funções que, até há bem pouco tempo, não faziam parte da lista de tarefas de um jornalista de rádio.

A acumulação de funções foi um dos aspetos que observei na *Grande Reportagem Antena 1* durante os meses de estágio. Devido à inexistência de uma equipa fixa que trabalhe exclusivamente as grandes reportagens, os ‘grandes repórteres’ vêm-se obrigados a desenvolver a sua faceta mais *multitasking*. A jornalista Rita Colaço explica que, na *Grande Reportagem Antena 1*, as tarefas não estão a ser divididas. Para a repórter, existe demasiado esforço de apenas duas pessoas, “que são o repórter do terreno e a pessoa que está a coordenar”, estando esta última encarregue de “sonorizar, fazer *promos*, clipes e gerir redes sociais” – afirma.<sup>64</sup>

A internet também criou alterações ao nível da investigação e pesquisa. Hoje, um jornalista com um “simples clique pode verificar na internet datas, nomes, sítios, biografias ou factos passados” (Vieira, 2007, p. 169). Os jornalistas já não precisam de se deslocar à rua quando podem obter a informação que procuram na redação, na internet. Esta prática elimina os custos associados a uma deslocação e segue a linha de funcionamento das empresas de comunicação

---

<sup>64</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*

social, que têm vindo a operar uma “redução indiscriminada” nos custos da produção jornalística (Gomes, 2015, p.11). A reportagem passou a estar cada vez mais à simples distância de um clique (Gomes, 2015) e hoje, como afirma o jornalista Mário Galego, “a rádio já não vai à rua”. Mas para jornalista Arlinda Brandão, a figura do repórter é insubstituível:

Nada substitui os olhos do repórter. O estar no sítio, a forma como se conta a história. O repórter está formado para isso. Tem todas as capacidades para depois vir contar essa história e o resto é para quando não se consegue enviar o repórter. E atualmente, as tendências das redações é de cada vez diminuírem essas idas à rua. <sup>65</sup>

Segundo a jornalista, as redações de rádio vivem muito de sons que se gravam na própria redação. “Hoje em dia temos melhor qualidade nas gravações que fazemos por *Whatsapp*, por *Skype* e até por telefone. Grava-se mais, sai-se menos da redação” conta-nos Arlinda Brandão.

Com esta diminuição das saídas em reportagem, “os jornalistas passaram a estar mais tempo à secretária do que na rua” (Pleijiter in Deuzer, 2006, p.18). O sedentarismo é hoje uma realidade que abrange os meios de comunicação social e que tem consequências para a grande reportagem e para o ‘grande repórter’. Os sons são ‘tirados’ da internet e os jornalistas vão cada vez menos à rua, filtrando a realidade que chega aos ouvintes. “Muitas vezes é só uma parte da realidade que aparece, o que de facto importava saber não é contado. Faltam elementos porque não há jornalistas nos sítios para se aperceberem o que está a acontecer” relata a jornalista da Antena 1 há 26 anos, Arlinda Brandão.

Fruto deste sedentarismo há repórteres com várias décadas de profissão que se viram obrigados a regredir nas funções desempenhadas. É o caso do jornalista da Antena 1 Mário Galego, que confessa ter voltado “30 anos para trás na carreira”. Hoje, o jornalista está, sobretudo, “a fazer noticiários e a ir a conferências de imprensa”. Trabalhos que, para o repórter, deviam ser atribuídos “aos jovens jornalistas”.

Se a tendência já era negativa no que à produção de reportagens diz respeito, a crise pandémica veio cimentar este cenário. Para a jornalista Cristina Lai Men, “nunca como agora foi difícil ir ao fim da rua, quanto mais ao fim do mundo. Contam-se tostões, cada vez mais confinados ao jornalismo de secretária e dos ecrãs” (Men, 2021, p.233). Também um estudo realizado em pleno início da pandemia confirma que o aparecimento do vírus contribuiu para a

---

<sup>65</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Arlinda Brandão, jornalista

queda do ‘género nobre’. Luís Bonixe (2020) procurou perceber juntos dos jornalistas de rádio quais as rotinas e constrangimentos que ocorreram no seu trabalho entre março e maio de 2020. O investigador concluiu que o trabalho de reportagem foi a prática mais afetada - 66,07% dos jornalistas afirmou ter passado a fazer menos reportagem. Em sentido inverso, o estudo indica um aumento do uso de ferramentas digitais. Cerca de 67,85% dos jornalistas referiram ter passado a fazer mais trabalho multimédia.

## **CAPÍTULO IV - ‘Diálogos entre a vida e a morte’ - uma grande reportagem Antena 1**

A produção da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’, da repórter Rita Colaço, atravessou cinco fases: definição do tema, investigação, saídas para o terreno, edição e publicação. No presente capítulo, procedemos a uma descrição de cada uma das etapas percorridas, que resultou da observação direta realizada durante o estágio.

### **4.1 - Definição do tema**

Como referimos no capítulo anterior, os temas da grande reportagem podem surgir da atualidade, do interesse de um jornalista por um determinado assunto ou até de sugestões que chegam à rádio por parte dos ouvintes. Existem temas que se justificam pelo interesse público, mas a *Grande Reportagem da Antena 1* tem assumido, através da sua coordenadora, uma procura por histórias que estão na sombra dos holofotes mediáticos. No entanto, o trabalho que acompanhámos foi uma exceção à regra. ‘Diálogos entre a vida e a morte’ foi um trabalho desenvolvido pela repórter Rita Colaço sobre a eutanásia. O tema foi decidido em reunião do conselho de direção realizada a 16 de janeiro de 2020. Esta reunião, que decorre uma vez por mês, junta a direção de informação, os editores das várias secções e a coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*. A definição do tema teve em conta a agenda mediática, já que a despenalização da morte medicamente assistida iria ser discutida no plenário no dia 20 do mês seguinte. Foi também nessa reunião que se definiu que a grande reportagem seria transmitida dois dias antes da discussão na Assembleia da República, no dia 18 de fevereiro.

### **4.2 - Investigação**

Neste tipo de temas que exigem uma maior profundidade, os jornalistas devem documentar-se sobre o contexto envolvente, já que “a primeira condição de sucesso de uma reportagem reside na sua preparação” (Ganz, 1993, 15). Neste caso, era importante para a jornalista recolher toda a documentação possível sobre a eutanásia. Sem esta bagagem de

preparação, “o repórter arrisca-se a compreender mal ou a não compreender as informações que recolherá no terreno” (Ibidem, 1993, p.18). Antes do contacto direto com as fontes, a jornalista deve estar munida de toda a informação possível sobre o tema. O trabalho de pesquisa vai ajudar a repórter a formular as perguntas das entrevistas e a definir a qualidade dos sons recolhidos no terreno.

No mesmo dia em que ficou a saber o tema que iria tratar, a repórter Rita Colaço deu início ao processo de investigação. A primeira etapa foi requisitar ao Centro de Documentação todas as entrevistas, reportagens e peças jornalísticas sobre a eutanásia que foram publicadas na imprensa portuguesa desde 2009. A compilação com doze documentos<sup>66</sup>, em formato digital, chegou à redação no dia seguinte, 17 de janeiro. Nos dias que se seguiram, procedeu-se a um intenso trabalho de recolha de informação. A eutanásia é um tema com contornos complexos e sensíveis, por isso era crucial obter um domínio claro sobre a assunto que iria ser trabalhado. À medida que a jornalista analisava toda a documentação, complementando com pesquisa na internet, ia também tomando nota da definição de alguns conceitos que não fazem parte do senso comum como ‘testamento vital’ ou ‘suicídio assistido’. Enquanto avançávamos na pesquisa, íamos mantendo um contacto regular com a jornalista, partilhando e discutindo ideias, possíveis ângulos de abordagens, documentários, filmes e leituras relacionadas com o tema.

Foi nesta etapa que, para além de fazer pesquisa e realizar os primeiros contactos, a repórter começou a definir o ângulo que daria à grande reportagem. Logo na primeira fase da investigação percebemos que a despenalização da eutanásia dividia a sociedade portuguesa em duas fações: os que são a favor e os que são contra. Partindo desta premissa a jornalista decidiu que iria trabalhar a grande reportagem sobre uma ideia de contrabalanço de perspetivas, tendo em conta que o confronto de posições é essencial para a prática jornalística. Como afirma António Granado “ouvir os vários lados de uma estória é indispensável para um jornalismo rigoroso, que não é apenas uma espécie de pé-de-microfone de interesses mais ou menos claros” (Granado, 2021, p.133). O confronto de opiniões está também expresso no dever de serviço público. Segundo a alínea 6 do artigo

---

<sup>66</sup> Ver em Anexo: Exemplo de página do documento

38º da Constituição da República Portuguesa, os media públicos devem “(...) assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião”.

Tendo em consideração esta responsabilidade profissional e de serviço público, a repórter Rita Colaço quis ter na grande reportagem a história de dois doentes com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), uma doença neurológica fatal, que possuíssem visões opostas sobre a morte medicamente assistida. Depois de alguma pesquisa na internet, descobrimos que existia uma associação criada para auxiliar os doentes com ELA. No dia 21 de janeiro, Rita Colaço conseguiu chegar à fala com a Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica. A jornalista solicitou à organização os contactos de dois doentes que encaixassem no perfil desenhado pela jornalista. Para conseguir os contactos de uma forma mais imediata, a jornalista utilizou o *Facebook*, uma ferramenta muito importante para os repórteres concretizarem uma primeira ligação com as fontes. Os contactos chegaram nos dias seguintes à posse da repórter, que depressa começou a agendar as entrevistas com os intervenientes e a preparar as várias saídas para o terreno. O agendamento das entrevistas foi feito através de contacto telefónico.

A concentração da repórter em apenas duas histórias de vida tem em conta o a forma como a jornalista encara este formato. Para Rita Colaço, mais do que noticiar, a grande reportagem deve procurar “a reflexão profunda” sobre um tema. Através das histórias dos protagonistas, a jornalista pretendia refletir sobre o tema geral, a eutanásia, bem como os subtemas que advêm do mesmo. As falta de empregabilidade de pessoas com mobilidade reduzida, a falta de acessos em espaços públicos ou a escassez de apoios do governo são exemplos de subtemas que a repórter pretendia também extrair através da grande reportagem. Rogério Santos, investigador de rádio e doente com ELA há três anos, e Fernando Azevedo, doente há doze anos, eram os dois casos que a jornalista iria colocar em diálogo na grande reportagem. O primeiro, ainda cético quanto à eutanásia, e o segundo com uma visão totalmente oposta à morte medicamente assistida.

### 4.3 - Saídas para o terreno

Ao todo foram sete as saídas para o terreno em que a repórter recolheu todo o material sonoro usado na grande reportagem<sup>67</sup>. Nos momentos que precedem qualquer saída para o terreno, a repórter leva a cabo uma série de procedimentos preparatórios. Sabendo que qualquer falha pode comprometer o trabalho final a repórter assegura-se que o gravador está a funcionar corretamente e verifica se existe energia (nível das baterias) acima da necessária. Confirma os acessórios (microfone, cabos, bola de vento e auscultadores) e testa todo o equipamento. Este procedimento repetiu-se em todas as saídas da redação e é um sinal de responsabilidade do repórter de rádio (Oliveira et al., 2021, p.158).

A primeira saída da redação aconteceu no dia 28 de janeiro. O primeiro encontro com Rogério Santos ficou agendado para a tarde daquele dia cinzento de inverno, na sua casa, no coração de Lisboa. Rita Colaço conduziu uma entrevista sem guião que tinha como principal objetivo conhecer o entrevistado, eliminando os constrangimentos do primeiro contacto. A repórter explicou aquilo que pretendia com a grande reportagem e conversou, maioritariamente de microfone em *off*, com Rogério Santos sobre o seu passado, a vida de investigador e o diagnóstico da doença, adiando o assunto ‘eutanásia’ para os restantes encontros.

Para a jornalista, o primeiro contacto de gravador em *off* é crucial. Apesar de reconhecer que atualmente os repórteres “não têm tempo para estar com as pessoas”, Rita Colaço privilegia este momento para “pôr as pessoas à vontade” de modo a “não aparecer junto delas e atacar-lhes com um microfone”. Trata-se, segundo a jornalista, de uma conquista de confiança.

Nós temos de ganhar alguma confiança com aquelas pessoas fazendo com que aquelas pessoas ganhem confiança em nós. Elas têm de ver primeiro a pessoa, e não o repórter. Nesta fase, é importante estarem duas pessoas a conversar. Primeiro são duas pessoas que estão a conversar. E depois então explicar à pessoa o que se vai passar. E quando o microfone está *on* é o jornalista e a pessoa que está a contar a sua história.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> Ver em Anexo: Mapa da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’

<sup>68</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*.

O próprio tema da grande reportagem carregava um peso que exigia essa maior proximidade com as fontes. Rita Colaço quis dar tempo ao protagonista para a conhecer, olhando-a nos olhos, e para saber que a repórter não estava ali, nas suas palavras “só para sacar o som, para sacar a história”. Também Pierre Ganz (1993) defende o uso desta técnica por parte do repórter pois, através dela, poderá avaliar as capacidades de expressão e sondar o que a fonte tem para lhe dizer. Sem este contacto prévio, de microfone desligado, a entrevista poderá resultar numa “sucessão de sim, não, não sei” (Ganz, 1993, p.31).

No dia 4 de fevereiro regressámos à casa de Rogério Santos para entrevistar a esposa do doente, Ana Santos. Desde o momento em que saímos do táxi que nos levou até ao prédio de Rogério Santos, o microfone não mais parou de gravar. Os sons da rua, o ranger da porta, os passos da repórter ou os barulhos do velho elevador foram registados. É simbiose destes sons que vão oferecer ao ouvinte as imagens mentais que o levarão até àquele local. Este é o principal objetivo de Rita Colaço – “fazer com que o ouvinte (...) sinta que está na ação” como se “estivesse sentado ao lado da pessoa que lhe está a contar a história”<sup>69</sup>. A jornalista gosta de olhar para este exercício de reconstruir a realidade como uma fotografia feita de sons, em que a junção das várias camadas dá a ‘ver’ ao ouvinte a ‘fotografia do acontecimento’.

A preocupação em estar permanentemente com o gravador ligado foi uma constante em todas as saídas para o terreno. “Gravar sempre é provavelmente a primeira recomendação dada ao jornalista de rádio que se inicia na profissão” (Oliveira et al., 2021, p.157). Esta é uma das regras de ouro que a repórter seguiu à risca ao longo das saídas para o terreno. Outra regra que também foi cumprida pela jornalista foi a utilização de auscultadores. A realidade que está a ser captada pelo microfone e pelo gravador deve ser sempre monitorizada pela repórter, auscultando o que está a ser gravado. Este procedimento é importante para garantir que o som seja gravado com qualidade, evitando que o som fique saturado (demasiado forte) ou sem a potência necessária.

Procedimentos técnicos que se repetiram no dia 5 de fevereiro, quando o GPS do carro em que seguíamos nos indicou o caminho para a pequena aldeia de Vau, em Óbidos. Depois de estacionarmos o carro no topo da aldeia, o gravador, já previamente equipado, entrou em modo ‘on’. A repórter quis captar a paisagem sonora da pacata aldeia do litoral

---

<sup>69</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da Grande Reportagem Antena 1.

do país. O vento, o cantar dos pássaros, o som das máquinas dos trabalhadores da construção civil que por ali andavam. Todos estes elementos ajudariam a repórter a “transformar os acontecimentos em som” (Bonixe, 2012, p.47). O gravador não mais parou, captando cada detalhe e cada silêncio. No trajeto do carro para a casa de Fernando Azevedo, o microfone de Rita Colaço apontava-se para os seus pés de modo a registar o som dos passos a pisar o alcatrão. Ao chegar à casa do entrevistado, registou-se o som de ‘bater à porta’ e as boas-vindas da família do protagonista. Depois, a repórter usou o mesmo método que pôs em prática com o primeiro protagonista da grande reportagem. Desligou o gravador no primeiro contacto com Fernando, apresentando-se e conversando com o protagonista, de forma a ‘quebrar o gelo’ do primeiro contacto. Só depois de uma bem-disposta troca de impressões, que deu a conhecer ao entrevistado o objetivo da grande reportagem, é que Rita Colaço colocou o gravador no REC. A partir desse momento, conduziu uma entrevista sem guião prévio que serviu para conhecer a história inspiradora de Fernando Azevedo e o seu computador que controla apenas com o olhar.

A única saída para o terreno em que não conseguimos acompanhar a repórter aconteceu no dia 6 de fevereiro<sup>70</sup>. Nesse dia, a jornalista entrevistou Maria Eulália Ribeiro, presidente da APELA, na Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica, localizada em Lisboa.

Na manhã do dia seguinte, a 7 de fevereiro, acompanhámos Rogério Santos numa ida à fisioterapia, no centro da Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica, localizado em Lisboa. O ponto de encontro foi a casa do protagonista. O objetivo da repórter era acompanhar todos os obstáculos que o protagonista ultrapassa quando se tem de deslocar para lá das quatro paredes do seu prédio. À chegada à porta do protagonista, o *rec* do gravador não parou de luzir e captou todos os sons que fazem parte da rotina de Rogério nos dias da fisioterapia. Na rua, um táxi devidamente equipado para transportar pessoas de cadeira de rodas esperava o doente. Como a deslocação iria ser feita num automóvel, a repórter quis captar todo e qualquer detalhe que fosse significativo da viagem. Nesse sentido, a jornalista gravou o som da plataforma que coloca a cadeira de rodas no carro, os cintos de segurança, as portas a fechar e o som do automóvel em movimento. Durante a saída do prédio e ao longo da viagem, Rita Colaço ia pedindo ao protagonista

---

<sup>70</sup> Neste dia saímos em reportagem com a jornalista Arlinda Brandão.

que funcionasse como um cicerone. “Onde é que vamos agora?” perguntava a repórter, sugerindo uma descrição de Rogério. As palavras do protagonista iam ajudar a repórter a construir, através da expressão da palavra, a viagem que efetuámos.

A manhã de 11 de fevereiro reservou-nos um regresso a Vau. Durante a viagem de carro para a aldeia do concelho de Óbidos, a repórter lançou um desafio: construirmos, em conjunto, uma série de perguntas curtas para colocar a Fernando. ‘O meu nome é...’, ‘O meu maior sonho é...’, ‘A minha mulher é...’, ‘A ELA é...’ “Que mensagem daria a Rogério...” – foram as perguntas que formulámos. A resposta a essas questões iam ajudar a repórter a montar o *puzzle* da grande reportagem. Isto porque nesta altura, a repórter já tinha desenhado a estrutura mental da grande reportagem e nesse desenho, existe um momento em que os entrevistados respondem, à vez, a uma série de perguntas curtas. Chegados a Vau, o procedimento repetiu-se. À saída do carro o *play* do gravador foi acionado. Naquele dia acompanhámos Fernando numa ida à Associação Recreativa Vauense, na sede do ‘Movimento Filhos sem Voz’, do qual o protagonista faz parte. Seguimos de perto todos os passos e as dificuldades sentidas para Fernando sair de casa e os constrangimentos de uma deslocação em cadeira de rodas pelas ruas pacatas da aldeia. A acompanhar-nos estava Conceição Lourenço, porta-voz do Movimento Filhos sem Voz, que também foi entrevistada pela repórter. Já na associação, Rita Colaço confiou-nos a função de entrevistar o protagonista, colocando as perguntas curtas que tínhamos formulado na manhã daquele dia. A mão que segurava no microfone da Antena 1 tremelicou, assim como a voz que incidia sobre ele, mas o resultado correspondeu às expectativas – eram aquelas as respostas que a repórter procurava.

A derradeira saída da redação aconteceu no dia 13 de fevereiro. O ponto de encontro foi a casa do protagonista Rogério Santos, que nos abriu a porta num dia chuvoso e cinzento, mas especial para o entrevistado - o Dia Mundial da Rádio. A última entrevista serviu para abordar pontos que ainda não tinham sido explorados e seguiu um guião semelhante ao que foi realizado para Fernando. Este guião contava com perguntas curtas previamente definidas como ‘O meu nome é...’, ‘O meu maior sonho é...’, ‘A minha mulher é...’, ‘A ELA é...’, “A morte é...”.

#### 4.4 - Montagem e Publicação

Terminado o trabalho de recolha de informação e entrevistas, o processo da grande reportagem aproxima-se da reta final – segue-se agora a edição, ou como lhe chama Cristina Lai Men, a montagem do “puzzle” (Men, 2021, p.232). Apesar de ser invisível para o ouvinte, a montagem é uma fase decisiva. É nesta etapa que “os sons adquirem as funções estratégicas e narrativas que influenciam a construção de sentido” (Oliveira et al., 2021, p.159).

Com todo o material recolhido ao seu dispor, a jornalista Rita Colaço transferiu todos os ‘brutos’<sup>71</sup> das entrevistas para o *Dalet Plus*, o *software* de edição multipistas da Antena 1. A repórter reproduziu todas as entrevistas e, no seu bloco de notas, anotou os minutos dos excertos que poderiam interessar para o trabalho final. Nesta fase, é importante “sentir, ouvir, escutar para onde nos levam os sons.” (Oliveira et al., 2021, p.159). Num exercício de puxar a fita atrás, a repórter revive na sua imaginação os momentos mais importantes das entrevistas e vai organizando mentalmente a narrativa que pretende implementar.

À medida que ia ouvindo minuciosamente os áudios recolhidos, a jornalista começava a refletir sobre o título a dar à grande reportagem. ‘Fala-me D’ELA’ e ‘Diálogos entre a vida e a morte’ foram as duas hipóteses levantadas. Mas depois de uma conversa na redação com o diretor de informação, João Paulo Baltazar, a repórter passou a ter menos dúvidas quanto ao título a escolher. O diretor aconselhou que, num tema sensível como o da eutanásia deve-se “evitar qualquer tipo de trocadilho” sublinhando que num assunto que divide a sociedade, “o diálogo é o mais importante”. ‘Diálogos entre a vida e a morte’ era o título escolhido para a grande reportagem, estávamos no dia 13 de fevereiro.

Foi também nesse dia que a jornalista realizou uma promoção audiovisual da grande reportagem. A repórter editou um vídeo que contempla a apresentação dos dois protagonistas da história. A componente sonora do vídeo é composta por um jogo de vozes entre Rogério e Fernando e por uma música que funciona como pano sonoro da promoção. Quanto à componente visual, o vídeo tem um registo minimalista. Apresenta uma *waveform*, a representação gráfica da forma sonora, e um texto que transcreve as palavras

---

<sup>71</sup> Ficheiro de áudio sem edição.

proferidas pelos protagonistas. O vídeo foi publicado no dia seguinte no site da RTP<sup>72</sup> bem como na página da *Grande Reportagem Antena 1*, no *Facebook*<sup>73</sup>.

Depois de realizar a *promo*, a jornalista percebeu que, para reforçar a imparcialidade quanto a um assunto sensível como a eutanásia, e de modo a promover um diálogo sobre o tema, a grande reportagem não ia necessitar de texto jornalístico (ou voz *off*). Ao longo deste trabalho conseguimos ouvir a voz da repórter a interagir com os protagonistas, mas estes sons foram todos recolhidos no terreno e nas várias entrevistas gravadas. A repórter afirma que por partir como “uma folha demasiado branca” para o tema, teve algum receio que qualquer frase usada pudesse “chocar os protagonistas da história”. Rita Colaço quis assim reforçar a ideia de diálogo entre os protagonistas.

Quando nós colocamos uma frase, eu estou a retirar um minuto, ou uma ideia muito importante que aquela pessoa disse. E eu não queria estar a pôr demasiadas vozes, como tinha dois homens e duas mulheres, dois casais, quis exatamente fazer com que eles estivessem a dialogar e a contrapor ideias entre eles, mesmo que nunca tenham estado juntos na vida.<sup>74</sup>

A decisão da jornalista em produzir a grande reportagem sem texto jornalístico gerou um desafio acrescido na construção do *puzzle* sonoro da grande reportagem. Sem recurso à palavra, que ajuda a contextualizar e a legendar a expressão sonora, os sons recolhidos teriam de apresentar substância suficiente para preencher os mais de trinta minutos de reportagem. Neste cenário, o peso da decisão editorial estava inteiramente sob a seleção e a ordem sequencial dos sons. As opções de edição eram infinitas, mas a repórter recorreu à sua sensibilidade para definir a escolha certa. Rita Colaço seguiu uma narrativa não linear, em que conta as histórias de Rogério e Fernando sem ter em conta uma ordem cronológica de acontecimentos. A repórter reservou os dias 15 e 16 de fevereiro para a montagem da grande reportagem, tendo o processo de criação sido muito individualizado. A repórter ‘isolou-se’ num dos pequenos estúdios da Antena 1 e completou o processo de montagem, concretizado através do *software Dalet Plus*. Sem o recurso a voz *off*, a jornalista contou a história de dois doentes com Esclerose Lateral Amiotrófica, ao mesmo

---

<sup>72</sup> Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/pais/grande-reportagem-antena1-dialogos-entre-a-vida-e-a-morte\\_a1206352](https://www.rtp.pt/noticias/pais/grande-reportagem-antena1-dialogos-entre-a-vida-e-a-morte_a1206352) [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=331015467809359> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>74</sup> Ver em Anexo: Entrevista a Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1*.

tempo que expôs a problemática da despenalização da eutanásia, através da combinação de entrevistas, músicas e sons ambiente.

‘Diálogos entre a vida e a morte’ foi uma grande reportagem transmitida na Antena 1 no dia 18 de fevereiro às 10h15, com repetição às 19h15. A partir desse dia, ficou também disponível para audição em formato *podcast* no site RTP Play<sup>75</sup>.

#### **4.5 - Análise da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’**

Neste capítulo, centramo-nos na grande reportagem enquanto instrumento de construção de sentidos. Apesar de já termos abordado e refletido sobre os elementos expressivos da linguagem radiofónica e a sua função enquanto produtores de sentidos, este capítulo centra-se na aplicação prática da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio na grande reportagem radiofónica. Iremos desconstruir a peça jornalística, revelando os elementos utilizados e o seu respetivo significado, ao mesmo tempo que interpretamos a função prática de cada um deles na criação da mensagem radiofónica.

Na reportagem radiofónica, “o primeiro som é importante por ser o gancho para atrair” (Oliveira et al, 2021., p.155). Os segundos iniciais são determinantes para conseguir agarrar o ouvinte, no entanto, o arranque de uma grande reportagem, para além de ‘cor’, deve ter substância e valor informativo. “O arranque tem de ser um murro no estômago” como defende o jornalista José Manuel Rosendo.<sup>76</sup> Tendo perfeita consciência do impacto do primeiro som, a repórter Rita Colaço decide arrancar com uma introdução que termina ao minuto 01’47”<sup>77</sup> onde são compilados vários sons ‘fortes’ que marcam a grande reportagem. Este é o primeiro foco de interesse que, para além de captar a atenção do ouvinte, prepara-o para as histórias que vai poder ouvir nos mais de 30 minutos de reportagem. ‘Diálogos entre a vida e a morte’ inicia-se ao som da calma melodia de um piano. É em sobreposição à expressão musical que a repórter identifica, através de um ‘jogo’ de vozes, os temas que serão desenvolvidos na grande reportagem e os dois principais protagonistas da história. Este segmento conta com as vozes de Rogério, Fernando e da Presidente da APELA. Com este *teaser*, o ouvinte fica familiarizado com os dois principais protagonistas da grande reportagem, com a dinâmica de diálogo implícita na narrativa, e com a temática que vai ser abordada: “A morte é algo que nos espera, mais cedo

---

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p309/e456871/grande-reportagem-antena1> [Consultado a 22 de abril de 2020]

<sup>76</sup> Ver em anexo: Entrevista a José Manuel Rosendo, jornalista.

<sup>77</sup> Os tempos da grande reportagem têm em conta os 00’17” do genérico.

ou mais tarde...” diz Rogério. “Se a pessoa tiver uma vida digna, automaticamente vai ter uma morte digna” replica Fernando, como se respondesse ao protagonista.

Ao minuto 1’47’’, a música utilizada na introdução começa a desvanecer, entrando em *fade out*<sup>78</sup>. À medida que o piano é silenciado, ouvimos, numa intensidade crescente, o som da chuva e um buzinar de um automóvel, que transportam o ouvinte para a ação. Estamos perante um cruzamento de ambientes, técnica que a repórter repete várias vezes ao longo da grande reportagem. A jornalista deixa que a música se dissipe durante alguns segundos, à medida que a vai cruzando com o som da chuva que entra em *fade in*<sup>79</sup>. A noção de exterior é interrompida pelo som de um intercomunicador de um prédio e de uma porta que abre e fecha. Conseguimos ouvir os passos da repórter, uma nova porta que se abre e uma cortina que se fecha. Depois somos invadidos pelo som de um antigo elevador em movimento que é interrompido por uma cortina que abre. Os elementos sonoros que ouvimos, devidamente sequenciados, são uma recriação das ações da repórter, ainda que representados de uma maneira encurtada. Esta é a primeira vez na grande reportagem em que é criada uma noção de tempo e espaço. Sem recorrer ao texto jornalístico, a repórter ‘leva o ouvinte pela mão’ através dos efeitos sonoros, ajudando-o a construir a noção de perspetiva (Balsebre, 2005, p.333).

A composição de sons montados pela repórter culmina na sua primeira intervenção vocal: “Olá, boa tarde! (...) Cheguei à hora da chuva”. É neste momento que a jornalista assume a sua participação na narrativa. As palavras da repórter credibilizam e acentuam o significado que havia sido criado pelo som da chuva, do abrir e fechar de portas, do elevador e dos passos. A junção entre efeitos sonoros e o sistema expressivo da palavra cria redundância na mensagem sonora e ajuda o ouvinte a assimilar o significado do que está a ouvir. De seguida, ouvem-se os cumprimentos entre a repórter e o protagonista, que ela mesmo identifica: “Então Rogério? Beijinho. Feliz dia da rádio! É o Nosso dia!” diz a repórter, situando o ouvinte no dia – 13 de fevereiro, Dia Mundial da Rádio. “E eu já falei para a Antena 1” responde Rogério. Utilizando como gancho esta deixa de Rogério, a repórter introduz um pequeno excerto do programa *Antena Aberta*, em que se pode ouvir o jornalista António Jorge a apresentar Rogério Santos. A utilização deste elemento tem a função de credibilizar (Meneses, 2016) as palavras do

---

<sup>78</sup> Efeito que origina um desaparecimento gradual do som.

<sup>79</sup> Efeito que origina um aparecimento gradual do som.

protagonista e ajudam a repórter a fazer a ‘ponte’ para a apresentação de Rogério, que é feita ao minuto 02’49’.

Neste segmento é introduzida uma nova música que vai acompanhar o relato dos primeiros sintomas e do diagnóstico da doença. Logo a seguir à descrição de Rogério Santos, ouvimos uma voz feminina que diz: “E eu fiquem sem chão...”. A repórter aproveita a introdução de uma nova voz para apresentar a interveniente: “Eu sou a Ana Santos, tenho 72 anos.”. Logo depois, a repórter introduz um som de Rogério: “Para mim a minha mulher...” informando o ouvinte que se trata da esposa. A história, contada pelo casal, prossegue até que ao minuto 04’44, a música de Rogério entra em *fade out*. A expressão musical desvanece-se num momento em que a esposa faz uma descrição, com uma carga mais dolorosa, dos momentos pós-diagnóstico. Mostrar a dor sem cair em sensacionalismos, como defende Cristina Lai Men, “não é tarefa fácil” e exige uma dose de “sensibilidade e bom senso, (...) entrega, recato, intuição, ponderação, tempo – muito tempo” (Lai Men, 2021, p.232). Dado a carga emocional associada ao tema, foram vários os momentos em que os intervenientes da história se deixaram levar pela emoção durante as entrevistas. A repórter captou a dor dos protagonistas, no entanto, não quis expor em demasia esses momentos na grande reportagem. Podemos ouvir um exemplo que reflete esta decisão ao minuto 05’40’’, um segmento em que a emoção nas palavras de Ana Santos faziam antever um momento de choro que foi interrompido propositadamente pela jornalista. Para Rita Colaço, a rádio “tem a capacidade de fazer imaginar e não tem de impor emoções” de modo a que o ouvinte tenha uma reação genuína sobre aquilo que está a ouvir.

Aos 06’49’’ Rita coloca um som de Rogério a descrever o movimento que a máquina que o leva da cama para a cadeira de rodas. “Imagine um guindaste num porto que tira a mercadoria do navio para a pôr no cais. Aquela máquina funciona dessa maneira”. Este som tem uma capacidade descritiva capaz de contribuir para a construção da imagem mental da máquina. A expressão da palavra assume assim extrema importância para estimular a imaginação do ouvinte, permitindo a recriação de diferentes significados. Como defende Hortsmann, “a escolha certa das palavras certas vai permitir ao ouvinte ver, tocar, cheirar e até provar – imaginando” (Hortsmann, 1991 in Meneses, 2016, p.20). Ao minuto 07’42 a jornalista cria um novo foco de interesse na narrativa, que vai transitar a história para o segundo protagonista da grande reportagem<sup>80</sup>. Fá-lo ao introduzir um som de um automóvel em viagem que surge em

---

<sup>80</sup> Ver em Anexo: Esqueleto da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’.

*fade in*. Em sobreposição ao som do carro ouvimos um excerto de um noticiário da Antena 1: “A eutanásia volta a debate no parlamento a 20 de fevereiro” ouve-se na voz do jornalista Nuno Rodrigues. Os sons utilizados neste segmento têm a função estratégica de alterar o tempo e o espaço da história. Em simultâneo, a repórter relembra ao ouvinte, através da palavra ‘eutanásia’, o tema da grande reportagem. Ao minuto 08’02 existe um fade out no som do noticiário e do motor do carro, é seguido por um conjunto de sons que recriam os movimentos que a repórter fez para chegar à casa do protagonista. Segundos depois, a jornalista intervém através da palavra, confirmando ao ouvinte que já não está com Rogério: “Então Fernando? Como está?”. Ao minuto 8’57”, e em sobreposição à terceira e derradeira música presente na grande reportagem, a repórter coloca um som de Fernando a apresentar-se: “Eu chamo-me Fernando José Azevedo. Tenho 56 anos...”.

A música é um elemento bastante presente até este ponto da história, assim como em toda a narrativa. A expressão musical estimula a “produção imagino-visual de paisagens ou situações de tensão dramática, ou ainda de cores claras ou escuras, adquire um significado na rádio de uma força expressiva transcendental” (Balsebre, 2005, p.329). No entanto, a utilização da música no campo jornalístico deve ser ponderada e não deve ter a pretensão de acrescentar emoção ao ouvinte, pois o elemento musical “comunica mais sensações e sentimentos do que a voz isolada” (Sousa e Aroso, 2003, p.15). Autores como Meditsch (2001), Crisell (1994) ou (Oliveira et al., 2021) consideram que o elemento musical só é válido nos conteúdos jornalísticos se cumprir a função indexical com a realidade. Esta relação objetiva da música com a realidade apenas se concretiza uma vez durante a grande reportagem - ao minuto 23’38, quando a repórter introduz uma música jazz que se ouve de fundo. Este elemento foi gravado na sala de fisioterapia onde o doente estava a ser assistido. É, portanto, um ruído indexical, captado no local onde se encontrava a repórter.

As restantes músicas utilizadas em ‘Diálogos entre a vida e a morte’ são elementos que não estão diretamente relacionados com os protagonistas, nem são ruídos indexicais. Rita Colaço justifica a utilização deste elemento como forma de “diferenciar os dois protagonistas da história”. A repórter olhou para a música como um meio que ajudasse o ouvinte a identificar o protagonista. Ao todo, são três as músicas que podemos ouvir durante este trabalho – uma primeira que assinala as duas histórias em confronto, a segunda associada à história de Rogério

e finalmente a terceira referente a Fernando.<sup>81</sup> Em comum, as três músicas têm o facto de serem instrumentais de piano. A melodia deste instrumento, e as respirações das notas musicais, facilitam a sua união com a palavra e cimentam a estética da grande reportagem.

Até ao minuto 17'05'' visitamos o passado do protagonista, que relata os momentos do diagnóstico e o pós-diagnóstico da doença. A história é contada a duas vozes, na voz do protagonista e da sua esposa, Susele. Ao minuto 17'05'' as palavras de Fernando são interrompidas pelo toque da campainha de sua casa. "É a Conceição" diz o protagonista. A repórter aproveita este elemento de ligação para introduzir o depoimento de uma nova interveniente: Conceição Lourenço, que ouvimos logo a seguir às palavras de Fernando. A interveniente reflete sobre a falta de apoios às pessoas com doenças terminais, e aborda pela primeira vez a despenalização da eutanásia: "Primeiro temos e evoluir e dar dignidade na vida às pessoas para elas depois ponderarem se querem cá continuar ou não (...) eu acho que ainda se tem de discutir muitas coisas antes de se avançar para esta questão da eutanásia.". Logo depois, é Fernando a assumir a sua posição sobre o tema: "A minha posição é simples (...) vamos ajudar as pessoas a ter uma vida digna. Porque a morte é certa. Se a pessoa tiver uma vida digna, automaticamente vai ter uma morte digna.". No final das palavras de Fernando, a repórter introduz a música de Rogério, que sinaliza o ouvinte que vai haver uma transição na história. "Ah. O meu nome é Rogério Santos" indica o ouvinte que está agora a ouvir Rogério, ao minuto 19'32''. É nesta fase que o protagonista e a sua esposa abordam as visões sobre a morte medicamente assistida. "É complicado. E eu estou numa fase de sensibilização, de pensar na questão, mas não posso dar uma resposta total, porque não sinto capacidade." ouvimos o protagonista ao minuto 21'40''.

A narrativa desta grande reportagem contempla o uso da técnica de espiral. Graças à efemeridade da mensagem radiofónica, a repórter imprime uma narrativa "permanente entre a originalidade e redundância" (Meneses, 2016, p.17). Rita Colaço recorda sucessivamente o ouvinte o tema que está a ser abordado, "recuperando dados, fazendo sucessivas referências a protagonistas e locais" (Sousa e Aroso, 2003, p.22).

Aos 21'55 apresentamos um novo pico na história. A jornalista compila uma série de sons que fazem um retrato sonoro da saída e Rogério Santos do seu prédio. Depois do jogo sonoro,

---

<sup>81</sup> Ver em Anexo: Esqueleto da grande reportagem 'Diálogos entre a vida e a morte'.

ouvimos a contextualização da repórter: “Rogério, isto para sair de casa demora mais ou menos quanto tempo?” ao minuto 22’10”. Ouvem-se o som de cães a ladrar e da cadeira de rodas elétrica. Aos 22’24” o ouvinte sabe que o protagonista está na rua. O relato de Rogério dá movimento ao som de fundo que ouvimos, ao dizer: “Eu tenho de ir pelo sítio em que haja espaço”. “Entre os carros, não é? Que estão estacionados” complementa a repórter oferecendo elementos que ajudam o ouvinte a criar a imagem mental daquele cenário. Passados 34 segundos, a repórter coloca o protagonista a situar o ouvinte: “Nós vamos agora para o centro de fisioterapia da APELA. É uma viagem curta. Vamos até à João XXI, depois vamos à Afonso Costa. E estamos lá” ouvimos Rogério. O som da porta da carrinha a abrir e a fechar indica ao ouvinte que chegámos ao destino. Depois, as palavras de Rogério ajudam o ouvinte a visualizar mentalmente a associação: “Estas instalações têm um ano. Acho que era do outro lado da rua. São mais amplas. São pintadas de branco”. Já na associação, seguimos de perto uma sessão de fisioterapia do doente. Do minuto 23’38 ao 25’06 a repórter capta o diálogo entre o fisioterapeuta e o protagonista. A forma como os ‘sons’ encaixam uns nos outros soa de forma natural ao ouvido, dando a entender que a conversa aconteceu com aquela fluidez, mas esta sequência de diálogo exige uma grande capacidade de corte e recorte na montagem.

Aos 25’43 a música de Rogério regressa à narrativa, este elemento acompanha a descrição metafórica de Rogério Santos sobre a maneira como a doença está a afetar a sua mobilidade. O protagonista diz: “Eu penso isto numa ideia de animal aquático, isto é, a cabeça desligada do resto do corpo flutua na água. Isto não está bem conceptualmente definido. Sinto-me aquoso, a ficar aquoso, a ficar líquido. Não sei se alguém percebe o que estou a dizer.” Aproveitando a referência à água, a repórter faz uma nova ligação na narrativa, introduzindo uma nova interveniente. Ouvimos a repórter perguntar “Porque é que este diagnóstico da Esclerose Lateral Amiotrófica, conhecido por ELA, é um balde de água fria?”. “É um balde de água fria (...)” ouvimos uma explicação numa voz feminina. A repórter introduz um novo som da interveniente que a apresenta “Eu sou a Maria Eulália Ribeiro (...)”. Nesta fase é oferecida pela vice-presidente da APELA uma descrição mais completa sobre a doença. A repórter aborda o caso de Fernando em conversa com Maria Eulália Ribeiro, encaminhando a narrativa para Fernando. “E como é que isso funciona? Explique-me lá” pergunta a repórter. Seguem-se vários sons de Fernando a descrever o funcionamento do seu computador, que controla através do olhar.

Rita Colaço respeita, ao longo de toda a grande reportagem, aquilo a que chama de ‘pontuação sonora’. São vários os momentos em que a jornalista introduz, através da perícia na

edição, respirações e silêncios propositados nos diálogos dos protagonistas. Para além de servir para delimitar núcleos narrativos, o silêncio nesta grande reportagem é um elemento distanciador que proporciona, como defende Balsebre, a “reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa” na interpretação da mensagem (Balsebre, 2005, p.334). Entre os minutos 26’07 e 26’13”, na transição entre Rogério e a presidente da APELA, podemos dar conta de um silêncio gerado propositadamente para que o ouvinte tenha espaço para concretizar a mensagem. Aos 30’00” o ouvinte vai ser novamente transportado para o exterior. “Onde é que nós vamos agora? Quem é o cicerone?” ouvimos a repórter. De seguida, somos invadidos os sons da rua, a buzina de um carro e a cadeira de rodas elétrica em movimento. “Portanto é aqui. Associação Recreativa, Desportiva e Cultural Vauense. É isso?” ilustra a repórter. Perto do final, ao minuto 31’20”, a música utilizada na introdução da grande reportagem é novamente introduzida, sinalizando a existência de diálogo entre os dois protagonistas. Aqui, é possível perceber o contraste entre os dois intervenientes da história. Se Fernando se mostra esperançoso quanto ao futuro: “Sinto que posso ser útil”, Rogério mostra mais desalento “o meu balanço é positivo, logo estou pronto para passar para a outra vida”.

Aos 32’28” a música entra em *fade out*. A repórter introduz dois dos subtemas para os quais pretendeu extrair com a grande reportagem. A importância da preparação do espaço público para as pessoas com mobilidade reduzida, na voz da esposa de Rogério: “eu acho que aquilo que se podia fazer melhor por toda a gente que tem mobilidade reduzida muito sinceramente era olhar para o espaço público”. E a falta de oportunidades oferecidas a pessoas com mobilidade reduzida, nas palavras de Fernando: “porque é que eu não posso estar a atender telefones por exemplo? Ou a fazer telefonemas? Se eu consigo controlar o computador. Não consigo com as mãos, mas consigo com os olhos”. Utilizando esta frase como ligação, a repórter regressa a Fernando e ao seu computador. “Se eu tiver com algum problema na voz que eu não consiga chamar e que precisa de alguma coisa, se tiver o computador à minha frente basta olhar para o computador e faço isto” ouvimos na voz do protagonista. Logo a seguir, do minuto 33’54 ao 34’05” escuta-se o som da corneta que o computador emite através do olhar de Fernando. A grande reportagem termina com uma interação entre a repórter e Fernando: “Então e um para ir embora? Nós já estamos na hora!”. “Para ir embora? Não vão! Deixem-se ficar!” responde o protagonista, fechado desta forma a grande reportagem.

## CONCLUSÕES

Terminadas as várias etapas da investigação, estamos em condições de refletir sobre a nossa experiência, que teve como principal foco a *Grande Reportagem Antena 1*. Para além de nos permitir chegar a conclusões sobre este formato e os repórteres que lhe dão vida, os três meses de estágio contribuíram de igual forma para uma reflexão sobre o género jornalístico grande reportagem radiofónica e as suas especificidades, bem como para analisar o momento atual do serviço público de rádio em Portugal.

Foi numa fase inicial que percebemos que a *Grande Reportagem Antena 1* não é um programa, mas sim um formato. Apesar de ser um produto jornalístico com uma filosofia e uma estética bem definidas, este espaço informativo tem percorrido um caminho cheio de indefinições. Desde 2005, ano em que se passou a designar *Grande Reportagem Antena 1*, que o formato tem atravessado diversas alterações quanto à sua regularidade, equipa e identidade. Hoje assume-se como uma das marcas de qualidade da rádio pública portuguesa, e os diversos prémios no campo do jornalismo falam por si. No entanto, este espaço informativo não tem uma equipa fixa de jornalistas que trabalhe exclusivamente as grandes reportagens, contando apenas com a colaboração permanente da repórter Rita Colaço, que para além de outras tarefas internas, coordena o formato desde 2017.

A falta de recursos técnicos e humanos é um problema que não permite a esta rádio pública ter uma equipa que trabalhe exclusivamente grandes reportagens. Apesar dos esforços da direção de informação em cumprir uma regularidade quinzenal, a periodicidade nos lançamentos tem vindo a ser comprometida, sendo este produto jornalístico transmitido em antena quando existe material. Contudo, e apesar de várias irregularidades na sua transmissão, o formato tem um espaço privilegiado na grelha de informação da rádio pública. A *Grande Reportagem Antena 1* vai para o ‘ar’ no prime time da rádio, sendo transmitida às terças-feiras às 10h15, com repetição às 19h15.

Podemos concluir que a *Grande Reportagem Antena 1* não se orienta pela agenda mediática, embora a ‘Diálogos entre a vida e a morte’, a grande reportagem que acompanhámos, se apresente como uma exceção. A responsabilidade social associada ao formato é facilmente identificável pelas histórias que trabalha e reflete-se numa orientação clara para as franjas da sociedade.

Mais do que noticiar, a *Grande Reportagem Antena 1*, procura contar histórias que provoquem uma reflexão profunda sobre um determinado tema. A identidade deste formato cruza-se com a linha de pensamento de Kovach e Rosenstiel, para quem contar histórias e informar devem ser “encarados como dois pontos num processo contínuo de comunicação” (Kovach e Rosenstiel, 2004, p.153). Observámos de perto este traço identitário em ‘Diálogos entre a vida e a morte’, trabalho que acompanhámos durante o estágio. Contrabalançando duas histórias de vida, a repórter produziu um trabalho que apelou à reflexão, não só sobre a eutanásia, mas sobre outros subtemas como as dificuldades de pessoas com mobilidade reduzida, a falta de acessos em espaços públicos ou a escassez de apoios do governo.

Na *Grande Reportagem Antena 1* a preocupação social e a urgência dos temas aliam-se a uma estética diferenciada que pretende levar o ouvinte a repetir os passos do repórter. Na busca permanente pela inovação na arte de contar através de sons, este formato tem explorado novas formas de edição e de gravação: como é o caso da exploração da tecnologia de som binaural.

A *Grande Reportagem Antena 1* não se limita apenas ao éter radiofónico, expandindo-se no podcast e nas redes sociais. No digital, e mais uma vez confrontada com a falta de recursos humanos, não existe uma equipa multimédia na Antena 1 que trabalhe as redes sociais do formato. Esta função está a ser delegada a Rita Colaço, que trabalha a produção dos trabalhos nas redes com o recurso a ferramentas que domina. Para além de produzir e coordenar grandes reportagens, a repórter é gestora de redes sociais: trabalha toda a imagem da *Grande Reportagem Antena 1* no *Facebook*, escreve publicações e produz clipes de vídeo.

A acumulação de tarefas é um dos problemas que identificámos na tentativa de responder à pergunta ‘quem é este ‘grande’ repórter?’. Ao cruzarmos as entrevistas aos repórteres da Antena 1 e a literatura recolhida com a observação direta, percebemos que o repórter desta rádio pública domina vários instrumentos de pesquisa e que a linguagem multimediática, hipertextual e interativa passou a fazer parte do dia-a-dia deste profissional.

Estas transformações no trabalho dos jornalistas de rádio aconteceram, em grande parte, devido às mudanças digitais. Se é verdade que a internet veio facilitar os processos jornalísticos, não é menos verdade que o digital contribuiu para o sedentarismo dos jornalistas e conseqüentemente, para a queda da reportagem, que passou a estar à distância de um clique (Gomes, 2015).

A queda da reportagem tem consequências diretas para a *Grande Reportagem Antena 1*. Se em 2014, o primeiro canal da rádio pública transmitiu um total de quarenta grandes reportagens, em 2019 esse número foi reduzido para mais de metade (dezoito). Cenário decrescente que foi acentuado em 2020, com o despoletar do Covid-19. No ano em que a pandemia surgiu, foram produzidas um total de onze grandes reportagens.

A acumulação de tarefas e o aumento da velocidade de informação provocada pelo digital podem ser umas das explicações para esta queda. Os repórteres da Antena 1 estão cada vez mais ‘presos’ à secretária e têm menos tempo para trabalharem formatos que exigem profundidade. O trabalho em contrarrelógio e a pressão com o cumprimento de prazos, fazem os repórteres perderem o campo de visão e trabalharem mais superficialmente, prejudicando diretamente a qualidade das grandes reportagens.

O ‘grande’ repórter é um profissional que, para além de ter pilares éticos e deontológicos bem definidos, conhece bem o meio e trabalha em função dos recursos expressivos que a rádio lhe oferece: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Este jornalista preocupa-se com a estética das suas histórias, e não esconde as influências do cinema, da música e da literatura nas suas narrativas.

A procura por histórias ou temas que estão fora dos holofotes mediáticos é uma constante que reforça a preocupação social deste espaço informativo e dos repórteres que lhe dão vida. Concluimos que o humanismo é um dos traços da identidade deste ‘grande’ repórter. Este fator humano reflete-se na forma como se envolvem no meio e procuram proximidade com os protagonistas, tanto a nível presencial como emocional, não deixando de lado o rigor jornalístico. A grande reportagem radiofónica exige que o repórter mergulhe nas histórias, que faça parte do meio que quer representar.

Podemos testemunhar este fator em ‘Diálogos entre a vida e a morte’ onde a repórter Rita Colaço se envolveu na história os protagonistas. Antes de ‘invadir’ os protagonistas com perguntas, e com o microfone em off, a repórter sentou-se, conversou, sorriu e criou empatia. Este primeiro contacto foi decisivo para que a repórter conhecesse os protagonistas da história e para que os protagonistas se sentissem confortáveis para falarem sobre a sua vida, que se viu afrontada por uma doença fatal. Na grande reportagem radiofónica, o microfone é o único ponto de ligação entre o jornalista e o protagonista. Graças à sua exclusividade sonora, a grande

reportagem na rádio permite abordar temas e falar com protagonistas que muito dificilmente poderiam ser trabalhados na televisão, por exemplo.

Entre investigação, entrevistas, saídas para o terreno e montagem, a repórter precisou de um mês para desenvolver ‘Diálogos entre a vida e a morte’. Rita Colaço teve liberdade de agenda para investigar, entrevistar e realizar um trabalho respirado. No entanto, consideramos que este trabalho não teria a mesma qualidade se a jornalista tivesse alocada a um dos turnos que garante diariamente a informação.

A desconstrução de ‘Diálogos entre a vida e a morte’ e a interpretação da função prática do som na criação da mensagem radiofónica feita no último capítulo permitem-nos fazer uma reflexão sobre este género jornalístico.

Em primeiro lugar, percebemos que a efemeridade da mensagem radiofónica faz com que a narrativa de uma grande reportagem na rádio se apresente como um misto entre a originalidade e a redundância. Este formato contempla sucessivos focos de interesse para conseguir agarrar o ouvinte: recordando sucessivamente o tema que está a ser abordado e o protagonista que está a falar. Para o conseguir, este género faz uso de todas as potencialidades expressivas do meio: desde a música aos efeitos sonoros. Para além disso, a grande reportagem oferece ao jornalista liberdade para criar, como nos contou o jornalista José Manuel Rosendo: “Rasga a métrica (...) Desde que seja honesto (...) Escreve aquilo como a tua cabeça e o teu coração estão a ditar”.

Através de um jogo de sobreposição de sons, a grande reportagem radiofónica recria a realidade através de um único elemento. O som cria significados e expressões que nos transportam para dentro das histórias. Esta é uma tarefa que exige tempo, muita sensibilidade na captação, mas também na montagem. Apesar de ser invisível para o ouvinte, a montagem é crucial para a grande reportagem radiofónica. Concluimos esta ideia através de ‘Diálogos entre a vida e a morte’, onde Rita Colaço contou uma história sem texto jornalístico, apenas com o recurso aos sons que recolheu no terreno. A forma como a repórter montou o puzzle sonoro da grande reportagem aproxima a estética deste género do documentário, mas, na nossa opinião, conseguiu fazê-lo sem comprometer os pilares jornalísticos.

Em suma, esta rádio pública enfrenta hoje grandes dificuldades relacionadas com a falta de recursos humanos e técnicos. Este fator tem repercussões diretas na *Grande Reportagem Antena 1* - que se vê incapaz de ter uma equipa fixa e periodicidade nos lançamentos. Para trabalhar este formato o jornalista tem de abandonar a redação durante dias ou semanas, o que acarreta custos para a estação e cria fortes lacunas nos turnos que asseguram a informação. Para além deste constrangimentos, consideramos que a rádio tem muita dificuldade em promover os seus conteúdos, o que resulta de uma falta de articulação entre as secções da Antena 1, bem como de uma falta de sintonia entre a televisão (RTP) e a rádio pública, que deveriam trabalhar em conjunto para melhorar a qualidade do serviço público.

A falta de planeamento neste formato mostra que, apesar de ser um produto de qualidade, a *Grande Reportagem Antena 1* não é uma das principais apostas da informação da Antena 1. Se a reportagem é o “género por excelência” (Sousa, 2001, p.259) então este produto jornalístico tem de ser uma das prioridades do serviço público de rádio, que exige conteúdos regulares, diferenciados e exclusivos. Desta forma, a missão de serviço público não está a ser totalmente cumprida e a maneira como a estação está a gerir este formato, um dos espaços informativos de qualidade da Antena 1, é o reflexo desse incumprimento.

Termino este trabalho com uma metáfora que a coordenadora Rita Colaço usou para definir o momento atual do serviço público, tendo em conta a situação atual da *Grande Reportagem Antena 1*. “As pessoas pagam uma taxa de radiofusão pelo serviço público, estamos a dar a refeição à pessoa que pagou? Ou estamos a dar os mínimos? Há que decidir o que queremos servir.”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arnheim, R. (1936). *Radio*. The University Press Glasgow

Alcântara, H. (2021). Perdemos demasiado à procura de ganhar tempo. In: *Coelho, P. Reis, A. I & Bonixe, L. (Org). Manual de Reportagem*, pp. 249-253. Covilhã: Labcom Comunicação & Artes

Balsebre, A. (2005). *A Linguagem Radiofónica*. Em E. Meditsch, *Teorias do rádio - Textos e Contextos Vol. I* (pp. 327-336). Florianópolis: Insular.

Balsebre, A. (2013). “*O rádio está morto...Viva o som!*” ou como o rádio pode se transformar em uma nova mídia. Braga: Universidade do Minho.

Bonixe, L. (2012). *A informação radiofónica. Rotinas e valores-notícia da reprodução*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bonixe, L. (2013). O que está na rádio que não é rádio – um estudo sobre os formatos não sonoros nos sites de emissoras de informação portuguesas. In: *III Congresso Internacional de Ciberjornalismo*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Bonixe, L. (2009). Reportagem de Rádio. Entre o investimento e a ameaça. In: *Jornalismo & Jornalistas*, ed. nº40.

Canavilhas, J. (2013). *Jornalismo móvel e Realidade Aumentada: o contexto na palma da mão*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Canavilhas, J. (2001). *Considerações gerais sobre jornalismo na web*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Canavilhas, J. (Org.) (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã, UBI: LabCom Books.

Coelho, P. (2015). *Jornalismo e Mercado: os novos desafios colocados à formação*. Covilhã: LabCom Books.

Coelho, P. Reis, A. I & Bonixe, L. (Org). (2021). *Manual de Reportagem*. Covilhã: LabCom Comunicação & Artes.

- Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora (1999). Rádio e Televisão de Portugal. Disponível em: <https://www.erc.pt/documentos/legislacaosite/ContratoConcessaoServicoPublicoRadiodifusaoSonora.pdf> [Consultado em março 2020]
- Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão (2015). Rádio e Televisão de Portugal. Disponível em: <https://media.rtp.pt/empresa/wpcontent/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf> [Consultado em março 2020]
- Cordeiro, P. (2004). *A rádio em Portugal: um pouco da história e perspetivas de evolução*. Universidade do Algarve. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paularadioportugal.pdf> [Consultado em março 2020]
- Cordeiro, P. (2003). *A Rádio em Portugal: Consensos, Dialogismos e Interatividade: da palavra analógica ao ouvido digital*. Lisboa: Mestrado em Ciências da Comunicação
- Cordeiro, P. & Paulo, N. (2017). *A rádio numa app: tendências da convergência multimédia e os conteúdos da rádio*. Lisboa: ISCSP
- Correia, J. (2009). *Teoria e Crítica do Discurso Noticioso: Notas sobre jornalismo e representações sociais*. Covilhã: LabCom Books
- Damas, S. (2007). *El reportaje en radio: Anatomía de un género*. Sevilha: Universidad de Sevilha. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/168/16801606.pdf> [Consultado em março 2020]
- Deuze, M. (2006). *O jornalismo e os novos meios de comunicação social*. Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, 2006, pp-15-37.
- Fidalgo, J. (2009). *O Lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos jornalistas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fidler, R. (1997). *“Mediamorphosis”: Understanding New Media*. California: Pine Forge Press.
- Ganz, P. (1993). *A Reportagem em Rádio e Televisão*. 1ªed Lisboa: Editorial Inquérito.
- Godinho, J. (2009). *As origens da Reportagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Godinho, J. (2017). A minha vida não dava um filme: ensaio de desconstrução da reportagem entre a literatura e o jornalismo. In Ana Teresa Peixinho e Bruno Araújo “Narrativa e Media: Géneros, figuras e contextos.” (pp. 183-202). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em:  
<https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41348/1/A%20minha%20vida%20nao%20dava%20um%20filme.pdf> [Consultado em fevereiro 2020]
- Gomes, R. (2015). *O Fim da Reportagem. O jornalismo à distância de um clique*. Lisboa: Alêtreia Editores.
- Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Granado, A. (2021). O texto: elemento âncora da reportagem. In *Manual de Reportagem*, pp. 127-147. Covilhã: Livros Labcom.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University.
- Kapuscinski, R. (2008). *Os Cínicos Não Servem para Este Ofício*. Relógio D’Água.
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo, o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público exigir*. Coleção Comunicação.
- Lai Men, C. (2021). Gente com cócegas. In Coelho, P. Reis, A. I & Bonixe, L. (Org). *Manual de Reportagem*, pp. 231-235. Covilhã: Labcom Comunicação & Artes.
- Lopes, S. (1982). *Iniciação ao jornalismo áudio visual*. Quid Juris.
- Martins, M. (2017). *A Linguagem, a Verdade e o Poder – Ensaio de Semiótica Social* (2ªed.). V.N. Famalicão: Edições Húmus.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding Media: The Extensions of Man*. London and New York.
- Meditich, E. (1999). *A rádio na era da informação*. Coimbra: Edições Minerva.
- Meditich, E. (2001). *O ensino do radiojornalismo em tempos de internet*. Universidade Federal de Santa Catarina.

- Meditsch, E. (2008). *O pecado original da mídia: o roteiro de A Guerra dos Mundos*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Meneses, J. P. (2016). *Jornalismo Radiofónico*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Meneses, J.P. (2016). *Jornalismo Radiofónico*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- OberCom (2016). *Os novos caminhos da rádio: Radiomorphosis. Tendências e Prospetivas*. Observatório da Comunicação.
- Oliveira, M., Santos, F. S & Kellen, M. (2021). *O Som – Elemento Âncora da Reportagem*. In *Manual de Reportagem*, pp-147-163. Covilhã: Labcom.
- Pacheco, M. (2010). *A rádio na Internet: Do “on air” para o “online”. Estudo de caso do Serviço Público e o caminho para o futuro*. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova, Lisboa.
- Pavlik, J. (2014). Ubiquidade: o 7 princípio do jornalismo na era digital. In *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: LabCom Books.
- Pereira, F. (2012). *A rádio em situação de convergência: interatividade e participação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Reis, I. (2011). *O Áudio no Jornalismo Radiofónico na Internet*. Tese de Doutoramento: Universidade do Minho.
- Rezola, M. (2017). *Emissora Nacional (1974-1975): uma estação do povo, ao serviço do povo*. Revista Portuguesa de História da Comunicação.
- Rico, C. (2021). O tempo que o tempo tem. In *Coelho, P. Reis, A. I & Bonixe, L. (Org). Manual de Reportagem*, pp. 221-225. Covilhã: Labcom Comunicação & Artes.
- Rottwilm, P. (2014). *The Future of Journalistic Work: Its Changing Nature and Implications*. Oxford: University of Oxford.
- Reuters (2020) Reuters Institute Digital News Report 2020. OberCom.

- Ribeiro, N. (2007). *A Emissora Nacional: das emissões experimentais à oficialização*. In *Comunicação & Cultura*, nº3, pp.175-199. Universidade Católica Portuguesa.
- Santos, S. (2013). *Os Media de Serviço Público*. Covilhã: Livros Labcom.
- Santos, R. (2005). Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na actualidade. *Comunicação e Sociedade* 7, pp-137-152. Universidade Católica Portuguesa.
- Sousa, J. P. (2001). *Elementos do jornalismo impresso*. Porto.
- Sousa, P. e Aroso, I. (2003). *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos*. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Traquina, N. (2002) *O que é Jornalismo?* (1º ed.) Lisboa: Quimera Editores.
- Traquina, N. (2004). *Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.
- TSF (2020). *A paixão da rádio: 50 anos de Fernando Alves*. [podcast] Serões inquietos. Disponível em: <https://www.tsf.pt/programa/seroes-inquietos/emissao/a-paixao-da-radio---50-anos-de-radio-de-fernando-alves-12436360.html> [Consultado em setembro de 2020]
- Vieira, J. (2007). *Jornalismo Contemporâneo – Os media entre a era Gutenberg e o paradigma digital*. Lisboa: Edeline.

## **ANEXOS**

## Anexo 1 – Avaliação do estágio



### RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DE ESTÁGIO

Curso:

Estudante: Edgar da Silva Simões

Área de Acolhimento: DI - ANTENA 1

Orientador do Estágio: Rita Colaço

Período de Estágio: 06/01/2020 a 26/06/2020

Avaliação (assinalar com X):

	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Assiduidade e Pontualidade				X
Interesse pelas atividades propostas				X
Autonomia e iniciativa				X
Responsabilidade				X
Capacidade de Comunicação				X
Relacionamento interpessoal				X
Aprendizagem de novos conhecimentos				X
Qualidade do desempenho efetuado				X

Descrição da Avaliação de Desempenho do estagiário:

0 Edgar acompanhou, entre outros trabalhos, uma grande reportagem, desde a concepção até ao dia da transmissão. Desde a primeira hora, mostrou-se curioso, atento, altamente interessado e extremamente sensível. Nos trabalhos/exercícios sempre que foi realizado, confirmou estar a aprender no tabuleiro toda a essência da rádio e mostrou ser altamente ativo e, sem dúvida, um potencial excelente grande repórter.

Nota final: (escala de 0 a 20 valores): 20


Com base no desempenho do estagiário, considerou uma mais-valia para a sua área?  
Porquê?

O Edgar tem todas as qualidades que um excelente repórter deve ter: em primeiro lugar, é bastante sensível para com o leitor; é atento; é inteligente e criativo. Na reportagem, é preciso que estejamos sempre dispostos a aprender e a colher os sapatos dos outros. O Edgar é o repórter com quem eu gostaria de trabalhar um dia. Para mim, foi também bastante enriquecedor porque me "obrigou" a refletir sobre escalas, rotinas e modos de produzir.

Tem interesse em acolher novos estagiários no futuro? Se sim em que áreas?

Tudo em conta a minha área - a grande reportagem - e que esta foi a primeira vez que a grande reportagem acolheu um estagiário, tendo a experiência sido tão positiva e motivadora com o Edgar, não tenho dúvida de que esta área é uma excelente escala para motivar quem ainda está a aprender o ofício.

Assinatura do Orientador de Estágio:



## Anexo 2 – Texto jornalístico imprimido para a leitura de um noticiário

Untitled

Duration: 4:06

### ALCABIDECHE

Morreu um dos trabalhadores envolvidos na queda de uma torre de telecomunicações em Alcabideche, no concelho de Cascais.

Fonte dos bombeiros contactada pela Antena 1, revela que, depois de ter entrado em pareagem cardio respiratória,

o homem de 25 anos morreu já no hospital de Santa Maria, em Lisboa.

O outro trabalhador, de 24 anos, está internado em estado grave no hospital de São Francisco Xavier.

Os dois técnicos de telecomunicações realizavam trabalhos no topo de uma torre, com cerca de 40 metros de altura,

que tombou sobre uma viatura que se encontrava estacionada no local.

### MALAPOSTA CINEMA

Depois da pandemia ter afundado a cultura numa crise à escala global,

O setor tenta agora recuperar o folgo.

No Centro Cultural da Malaposta, em Lisboa, o mês de junho é um primeiro passo para regresso à normalidade..

Sandy Gagueiro

### PEÇA SANDY

A reação da malaposta às condicionantes criadas pela pandemia,

Durante o mês de junho, o centro cultural vai continuar a divulgar o trabalho de jovens realizadores portugueses.

### Anexo 3 – Página da agenda da RDP

Agenda [10-06-20] RDP-AGENDA-IMPRIMIR

Hora	Local	Jornalista	Sumário
10:45	Mosteiro dos Jerónimos		<p>Agenda do Presidente da República - Comemorações do Dia de Portugal, de Camões das Comunidades Portuguesas 2020</p> <p>10h45 - Início da chegada dos Convidados ao exterior do Mosteiro dos Jerónimos:                      - Presidente das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, Cardeal D. José Tolentino de Mendonça - Presidente do Tribunal Constitucional, Manuel da Costa Andrade - Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, António Piçarra                      - Presidente do Tribunal de Contas, Vítor Caldeira                      - Presidente do Supremo Tribunal Administrativo, Dulce Neto - Primeiro-Ministro, António Costa - Presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues</p> <p>10h58 - Chegada do Presidente da República</p> <p>11h00 - Cerimónia do Içar da Bandeira Nacional, com execução do Hino Nacional, no exterior do Mosteiro dos Jerónimos                      /.../ VER AGENDA COMPLETA NA INFO.</p> <p>11h05 (aprox.) - Cerimónia de Deposição de uma Coroa de Flores no Túmulo de Luís de Camões e Homenagem aos Mortos ao serviço da Pátria, na Igreja de Santa Maria de Belém - O Presidente da República é recebido à entrada da Igreja de Santa Maria de Belém pela Diretora do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, Dalila Rodrigues pelo Prior José Manuel dos Santos Ferreira /.../ VER COMPLETO NA INFO.</p> <p>11h15 (aprox.) - Entrada dos convidados e do Presidente da República nos Claustros Mosteiro dos Jerónimos</p> <p>11h20 (aprox.) - Intervenção do Presidente das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, Cardeal D. José Tolentino de Mendonça</p> <p>11h30 (aprox.) - Intervenção do Presidente da República</p> <p>11h40 (aprox.) - Fim da Cerimónia                      VER AGENDA OFICIAL COMPLETA NA INFO (CM)</p>
11:00	Lisboa		<p>Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia reabre a 10 de junho com programa para 5 dias. O Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), em Lisboa, vai reabrir ao público de junho com uma programação de cinco dias, e uma segunda entrada para o edifício inserida num projeto expositivo sobre arquitetura.</p> <p>De acordo com a programação enviada à agência Lusa, o programa de reabertura - após um encerramento de mais de cinco meses - decorrerá entre 10 e 14 de junho, com visitas guiadas a várias exposições, e conversas com curadores e artistas.</p> <p>Quanto à programação de reabertura, no dia 10 de junho inclui visitas das 11:00 às 16:00 ao novo projeto "Beeline" - que depois serão diárias - e conversas que também poderão ser acompanhadas ao vivo nas redes sociais.</p> <p>Estão previstas conversas sobre temporalidade e espaço cívico, com arquitetos e curadores como João Belo Rodeia, com Florian Idenburg &amp; Jing Liu ligados a partir de Nova Iorque, e Ricardo Carvalho, Roberto Cremascoli, Filipe Magalhães + Ana Luísa Soares (Atelier Fala) e Bárbara Silva.</p> <p>mais dados na info,</p>
11:00	Videoconferência		<p>Reunião do conselho executivo do Comité Olímpico Internacional (COI), por videoconferência, seguida de teleconferência de áudio (aberta à comunicação social), com o presidente do COI, Thomas Bach, às 15:00..</p>
11:00			<p>Andebol - Prossegue Congresso Técnico Científico de Andebol, na plataforma Zoom, às 11:00.</p> <p>No âmbito da celebração do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas, a Federação de Andebol de Portugal (FAP) dedica o dia ao Treinador Português, homenageando o trabalho dos treinadores que representam o andebol.</p> <p>Painel "Treinadores de Portugal", com a participação dos selecionadores Hugo Silva (Voleibol), Jorge Braz (Futsal), Mário Gomes (Basquetebol), Paulo Pereira (Andebol) e Renato Garrido (Hóquei em Patins) e moderação de Pedro Sequeira, vice-presidente da FAP, às 11:00. Inscrições no link: <a href="https://forms.gle/rC7NoL1WPNLvtzS8">https://forms.gle/rC7NoL1WPNLvtzS8</a></p>

## Anexo 4 – Página da agenda de planeamento

2020 - PLANEAMENTO 13 A 19 DE JANEIRO

RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL

11

**Andebol.** Campeonato da Europa. 17:15: grupo B: Austria/Madegónia; 19:30: Ucrânia/Rep. Checa; Grupo D: 17:15: B. Herzegovina/França; **19:30: Portugal/Noruega.** Grupo F: 17:15: Suíça/Eslovénia; Polónia/Suécia

**Desportistas do ano.** Das 15:00 às 18:00. Apresentação dos finalistas indicados pelas federações desportivas ao prémio "Desportistas do Ano", nas categorias de atleta masculino, atleta feminino, jovem promessa, treinador e equipa.

**Todo-o-Terreno.** Rali Dakar 2020. 9.ª Etapa:

**Efeméride.** Há um ano, no dia 14 de Janeiro de 2019, Bruno Lage era confirmado como treinador do Benfica, até ao final da época em questão.

### 2020 - DIA 15 DE JANEIRO – 4ª FEIRA

#### **POLÍTICA**

**Maputo, Moçambique - posse do Presidente da República, Filipe Nyusi. Presidente da República portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, está presente na cerimónia**

Filipe Nyusi, candidato da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), partido no poder desde a independência, foi reeleito à primeira volta para um segundo mandato com 73% dos votos, segundo anunciou a Comissão Nacional de Eleições (CNE), aguardando-se ainda pela proclamação dos resultados pelo Conselho Constitucional.

Ao contrário do que aconteceu há cinco anos, a marcação da data da posse do chefe de Estado foi publicada antes de ser conhecido o acórdão sobre a validação das eleições.

**Parlamento: audiência do grupo parlamentar do PS**

11:00 - Movimento de Cidadãos Contra o Fim da Linha Amarela - Metro

**Parlamento: audiência do grupo parlamentar do CDS-PP**

16:30 - Sindicato Independente dos Médicos e Federação Nacional dos Médicos.

**50 ANOS EM 2020**

Quinta-feira, 15 de Janeiro de 1970 - Remodelação ministerial com a entrada de Rui Patrício para os Negócios Estrangeiros, Veiga Simão para a Educação e Baltasar Rebelo de Sousa para as Corporações

#### **ECONOMIA 15 JANEIRO**

**Manifestação em defesa de reformas dignas** - Promovida pela Federação das Associações de Reformados Pensionistas Idosos do Distrito de Beja e a InterReformados. **10:30 - Portas de Mértola e desfile até à Segurança Social.**

**Primeiro leilão de bilhetes do Tesouro**

O primeiro leilão de BT no primeiro trimestre de 2020 vai acontecer na quarta-feira, dia 15 de janeiro. O IGCP pretende colocar, nesse dia entre 1.500 milhões e 1.750 milhões de euros, a seis e 12 meses. Depois disso, haverá novas colocações de BT a 19 de fevereiro e a 18 de março. No total, poderão ser emitidos entre 3.750 milhões e 4.500 milhões de euros entre janeiro e março.

**15.ª Conferência Anual da Ordem dos Economistas**

Organizada pela Ordem dos Economistas, tem como tema central o Orçamento do Estado para 2020. A conferência conta com as intervenções do ministro das Finanças, Mário Centeno, e dos secretários de Estado do Orçamento, João Leão, e dos Assuntos Fiscais, António Mendes, do Governador do Banco de Portugal, Carlos Costa, bem como de várias outras personalidades. 09:30/10:15 - Sessão de abertura, com as participações de:

- Rui Leão Martinho, *bastonário da Ordem dos Economistas;*

- Isabel Mota, *presidente da Fundação Calouste Gulbenkian;*

1 2 3 MEMÓRIA MADEIRA AÇORES ÁFRICA HD INTERNACION

ANTENA 1 ANTENA 2 ANTENA 3 RDP INTERNACIONAL RDP ÁFRICA RDP RDP RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL

**Saúde.** Deputado do PS pretende levar a eutanásia a debate no congresso do PS. É o segundo tema fracturante, depois do casamento 'gay', proposto por Sócrates. E tem apoios de peso: Almeida Santos e Manuel Pizarro, secretário de Estado da Saúde

# Socialistas querem discutir eutanásia

**Secretário de Estado da Saúde apoia proposta**

JOÃO PEDRO VIEIRA/OLYMPIA

Afinal a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, proposta por José Sócrates, não será a única matéria "fracturante" no próximo congresso do PS (de 27 de setembro a 1 de março). Um deputado socialista, Marcos Sá, entregou ontem nos serviços do partido uma moção sectorial propondo a abertura de um debate sobre a eutanásia, actualmente proibida por lei.

Sobrescreve a moção personalidades de peso no partido, como o presidente, Almeida Santos, ou com peso no sector da saúde, Manuel Pizarro, secretário de Estado. Bem como o actual líder da JS, Duarte Cardoeiro, o anterior Pedro Nuno Santos e ainda três vice-presidentes da bancada do PS no Parlamento: Mota Andrade, Amélia Galante e Ricardo Rodrigues.

Marcos Sá pretende abrir um debate tendente à legalização da eutanásia. É uma nova perspectiva sobre o assunto – para o qual despertou por razões pessoais (ver texto secundário). No seu entender, a morte medicamente assistida só poderá ser permitida em caso de estado terminal irreversível e se for expressamente autorizada pelo próprio doente, ou estando ligado ou não o estado, através do chamado "tratamento vital" (baseado em consciência, prevenção, e em que a pessoa sofre as condições em que admite a morte medicamente assistida).

Por outras palavras o deputado rejeita, em absoluto, que a eutanásia possa ser decidida por

um corpo médico ou pela família do doente. "Esta é uma matéria exclusiva da liberdade individual", afirmou ontem ao DN.

No preâmbulo da moção, Marcos Sá argumenta que devido ao "aumento da longevidade e das doenças crónicas" tem havido "um acréscimo significativo do número de doentes para quem ainda não há cura e cujo diagnóstico é irremediavelmente irreversível, apesar de todos os progressos da medicina". O deputado recorda que "a actuação médica é movida por dois princípios: a preservação da vida e o alívio do sofrimento". E, tendo em conta o tal aumento do número de doentes incuráveis, e ainda o facto de já muitos médicos aceitarem a eutanásia, considera que "a discussão deste tema deve ser aprofundada à exaustão pela classe médica e pela hierarquia, não podendo continuar a ser aliada pela classe política nem pela sociedade em geral".

**Será mesmo discutida?**

Marcos Sá defende, além do mais, de forma complementar, que "em nome da dignidade humana" se "deverá promover investimento público prioritário no desenvolvimento dos cuidados paliativos (incluindo a doentes terminais)".

Marcos Sá quer levar o debate ao congresso – achando até que é "mais consensual" do que a questão do casamento homossexual – mas não tem a certeza de o conseguir. Geralmente, as moções sectoriais acabam por não ser discutidas na reunião ordinária do PS (de 27 de setembro), sendo depois remetidas para o congresso nacional do partido (julgado máio entre congressos). Contudo, o facto de a moção ser submetida pelo presidente do PS, Almeida Santos – que dirige os trabalhos – pode fazer a diferença a seu favor. ■

## QUEM SÃO OS TRÊS SOCIALISTAS QUE ASSINAM A MOÇÃO

**MARCOS SÁ**  
Tem 32 anos e é deputado do PS, eleito por Lisboa. Um dos poucos membros da Assembleia já nascido depois do 25 de Abril. Um seu tio é um ex-formador deputado (do PCP). Apoiou a despenalização do aborto.



**ALMEIDA SANTOS**  
Líder do PS, logo depois de Soares (1988), obteve um resultado desastroso (27%). Foi presidente da AR de 1986 a 2002. Apoiou a despenalização do aborto. Está retirado da política. Preside ao PS.



**MANUEL PIZARRO**  
Era deputado do PS e chegou a secretário de Estado da Saúde quando Ana Jorge substituiu o ministro Carlos do Carmo. Médico de profissão, tem 43 anos. Apoiou a despenalização do aborto.



## O QUE DIZ ALEI PORTUGUESA

A Constituição portuguesa consagra, desde logo, que a vida humana é inviolável e a integridade moral e física das pessoas é inviolável. O Código Penal também contém severas penalizações no que respeita à prática de eutanásia, homicídio privilegiado, homicídio a pedido de vítima, exposição ou abandono e homicídio qualificado sob algumas das classificações possíveis para as várias formas de eutanásia. Apesar de tudo isto, a nova lei dos direitos dos doentes, adoptada em Janeiro, diz que "a utilização de meios extraordinários para manter a vida" pode ser interrompida em caso de morte cerebral ou a pedido do doente, mas não em caso de hióstatose ou de alimentação artificial.

## Maioria dos oncologistas ainda é contra eutanásia

O estudo, intitulado "A boa morte: Ética ao fim da vida", foi revelado em Junho de 2007 pelo Serviço de Bioética e Ética Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. O médico Ferraz Gonçalves, ligado aos cuidados paliativos, enviou inquéritos a 500 médicos oncológicos (especialistas em cancro) portugueses, tendo recebido 200 respostas na volta do correio. Revelou-se que a maioria é contra a eutanásia mas esse número está a diminuir.

Por outro lado, independentemente de serem a favor ou contra, 39% dos inquiridos revelaram não se oporem à legalização da eutanásia. Só um médico admitiu ser praticado eutanásia num caso, embora confessou ter prestado assistência ao suicídio de um doente. O factor religioso é mais importante quando se tenta perceber a posição de um médico de cada médico à morte assistida. Mas de 95% dos médicos admitiram que administrariam um fármaco para aliviar o sofrimento de um doente, ainda que sabendo que isso lhe poderia encerrar a vida. No resumo do estudo lê-se ainda: A maioria dos oncologistas é a favor da suspensão de medidas de suporte da vida a pedido do doente, embora só 41% estivesse disposto a suspender a alimentação e a hidratação. Cerca de 80% considera que os cuidados paliativos poderiam evitar pelo menos muitos dos pedidos de morte assistida.

Um outro dado relevante: verificou-se um "grande consenso" face "à ideia de que os cuidados paliativos poderiam ser a resposta mais apropriada para os problemas dos doentes, na parte final da sua vida". ■ - JPI

## Anexo 6 - Mapa da grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’

<b>Dias</b>	<b>Observações</b>
<b>16 /01</b>	Eutanásia: tema da grande reportagem definido em reunião do conselho de direção.
<b>17/01</b>	Requisição ao centro de documentação de todos os registos sobre o tema. Entrevistas, reportagens e peças jornalísticas que estavam no arquivo da imprensa nacional desde 2009.
<b>18/01</b>	Documentação chega à redação da Antena 1.
<b>21/01</b>	Primeiros contactos com associações (Dignitas e Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica).
<b>26/01</b>	Agendamento telefónico das primeiras entrevistas.
<b>28/01</b>	<b>Saída para o terreno.</b> Entrevista a Rogério Santos.
<b>04/02</b>	<b>Saída para o terreno.</b> Entrevista à esposa de Rogério Santos.
<b>05/02</b>	<b>Saída para o terreno.</b> Ida a Óbidos para a primeira entrevista a Fernando Azevedo.
<b>06/02</b>	<b>Saída para o terreno.</b> Ida à sede da Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica para entrevistar Maria Eulália Ribeiro, presidente da APELA.
<b>07/02</b>	<b>Saída para o terreno.</b> Ida à fisioterapia com Rogério Santos.
<b>11/02</b>	<b>Saída para o terreno.</b> Segunda visita a Vau para entrevistar Fernando Azevedo.
<b>13/02</b>	<b>Saída para o terreno.</b> Última entrevista a Rogério Santos.
<b>13/02</b>	É definido o título da GR “Diálogos entre a vida e a morte”
<b>14/02</b>	Promoção da grande reportagem é publicada nas redes sociais, acompanhada de um vídeo.
<b>16/02</b>	Grande reportagem finalizada.
<b>17/02</b>	Promoção da grande reportagem transmitida em antena.
<b>18/02</b>	‘Diálogos entre a vida e a morte’ vai para o ar (10h15, com repetição às 19h15). É simultaneamente publicada na íntegra no site da Antena 1.

## **Anexo 7 – Lista de prémios atribuídos à *Grande Reportagem Antena 1***

**Prémio de Jornalismo Direitos Humanos & Integração**, da Comissão Nacional da UNESCO e da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros (edição 2019) - grande reportagem ‘**Zohra: uma partitura para a Liberdade**’ de **Isabel Meira**.

**Prémio Gazeta Rádio** (2018), do **Clube de Jornalistas** - grande reportagem ‘**Teremos Sempre Paris**’ de **Mário Rui Cardoso**.

**Prémio de Jornalismo** ‘Os Direitos da Criança em Notícia’, categoria de Rádio, do Fórum sobre os Direitos das Crianças e dos Jovens, com o apoio da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Protecção das Crianças e Jovens (CNPDPJCJ) e da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) (5ª edição) - grande reportagem “**Zohra: uma partitura para a Liberdade**” de **Isabel Meira**.

**Prémio de Comunicação ‘Pela Diversidade Cultural’**, do Alto Comissariado para as Migrações-ACM (2018) - grande reportagem ‘**Nha bairro Riobom**’ de **Cláudia Aguiar Rodrigues**, com pós-produção áudio de **Rui Coelho**.

**Prémio ‘Melhor Inovação Digital’** - 1ª edição dos prémios SAPO de Media Digital (2018) - grande reportagem “**Com Olhos de Ouvir**” (som 360º) de **Rita Colaço** com sonoplastia de **Paulo Castanheiro** do InovaMedia Lab.

**Prémio de Jornalismo Direitos Humanos & Integração**, da Comissão Nacional da UNESCO e da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros (edição 2018) - grande reportagem ‘**Jamaika também é Portugal**’ de **Rita Colaço**.

**Prémio AMI - Jornalismo Contra a Indiferença 2017** - grande reportagem ‘**Jamaika também é Portugal**’ de **Rita Colaço**.

**Prémio de Comunicação ‘Pela Diversidade Cultural’** do Alto Comissariado para as Migrações-ACM (2017) - grande reportagem ‘**Jamaika também é Portugal**’ de **Rita Colaço**.

**Prémio de Jornalismo na Área da Dor 2016** - grande reportagem ‘**Dar vida aos dias**’ de **Arlinda Brandão**.

**Prémio Gazeta Rádio 2015** - grande reportagem ‘**Mar da Palha: zona C**’ de **Rita Colaço**.

**Prémio Gazeta Rádio 2014** - grande reportagem ‘**O cante da humanidade**’ de **Mário Galego**.

**Prémio AMI - Jornalismo Contra a Indiferença 2013** - grande reportagem ‘**Os filhos da Síria**’ de **Rita Colaço**.

**Prémio de Jornalismo ‘Direitos Humanos e Integração’** (edição 2014) - grande reportagem ‘**Os filhos da Síria**’ de **Rita Colaço**.

**Prémio de Jornalismo António Paulouro 2014** - Jornal do Fundão - grande reportagem ‘**CSI Chiado sob Investigação**’ de **Rita Colaço**.

**Prémio de Jornalismo António Paulouro 2014 - Jornal do Fundão - grande reportagem ‘O Regresso à Nacional’ de Mário Galego e Rita Colaço.**

**Prémio Gazeta Rádio 2013 - grande reportagem ‘A rua é um parlamento’ de Rita Colaço.**

**Prémio ANMP de Jornalismo e Poder Local (2019) - 1ª menção honrosa - grande reportagem ‘Cidade Imaginada’, de José Guerreiro com sonoplastia de Rui Soares e música original de Paulo Cavaco e Bruno Fonseca.**

**Prémio de Jornalismo Direitos Humanos & Integração, da Comissão Nacional da UNESCO e da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros (edição 2018) - menção honrosa - grande reportagem ‘Guiné Bissau – Esta terra é nossa, Episódio 5: vencer na diferença’, de Paula Borges com sonoplastia de Paulo Cavaco, difundida na RDP África.**

**Prix Europa - Melhor Documentário do Ano (edição 2018) - nomeação - grande reportagem ‘Frente de Fogo’ de Isabel Meira.**

**Prix Europa - Melhor Investigação do Ano (edição 2018) - nomeação - grande reportagem ‘Jamaika também é Portugal’ de Rita Colaço.**

**Prémio ANMP de Jornalismo e Poder Local (2017) - 1ª menção honrosa - grande reportagem ‘Lisboa, coração estrangeiro’ de Olívia Santos.**

**Prémio ANMP de Jornalismo e Poder Local (2017) - 2ª menção honrosa - grande reportagem ‘Uma ilha de esperança’ de Celina Faria.**

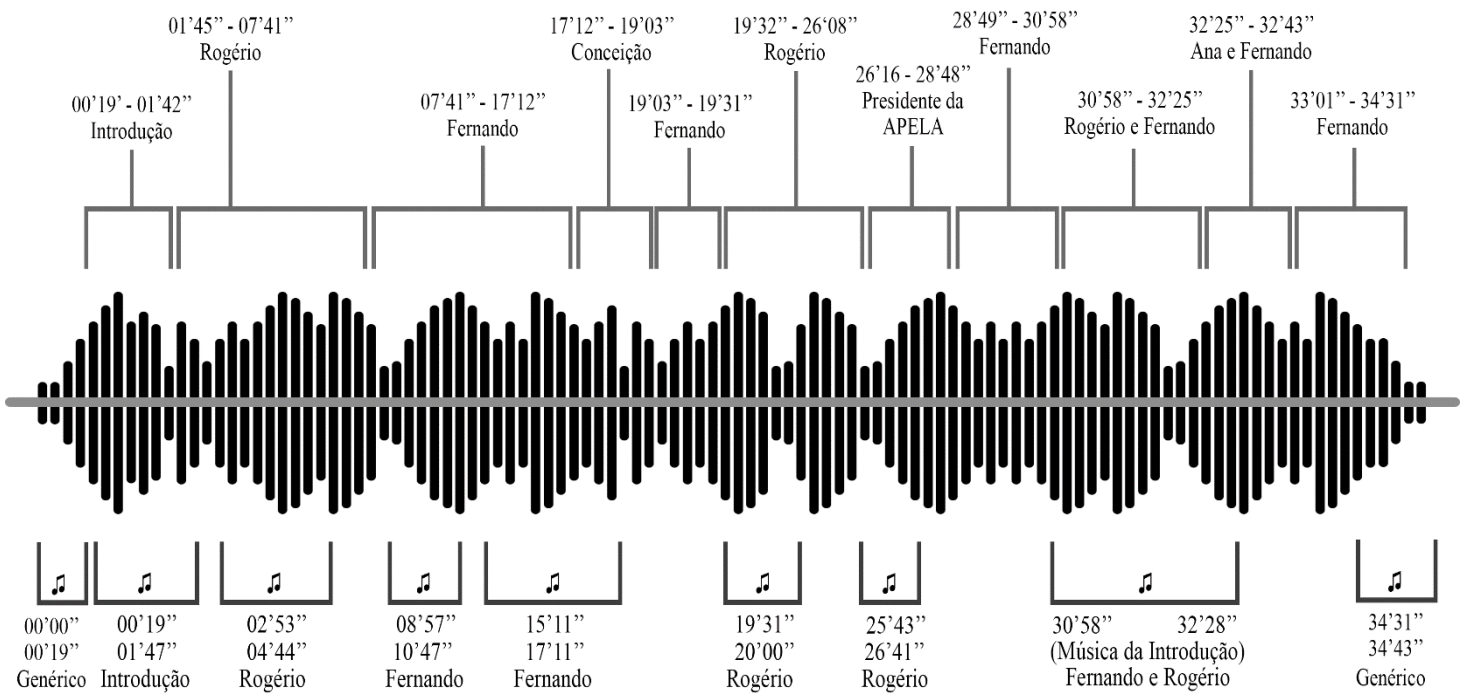
**Prémio de Comunicação ‘Pela Diversidade Cultural’ (2016) - grande reportagem ‘Estudar também é lutar’ de Carolina Ferreira.**

**Prémio de Jornalismo António Paulouro 2014 - Jornal do Fundão - grande reportagem ‘A última taberna da cidade do vinho’ de Mário Galego.**

**Prémio de Jornalismo ‘Direitos Humanos e Integração’ (edição 2014) - grande reportagem ‘Crime, disse ele’ de Carolina Ferreira.**

**Fonte: Facebook *Grande Reportagem Antena 1***

## Anexo 8 – Esqueleto de ‘Diálogos entre a vida e a morte’



## **Anexo 9 – Entrevistas**

### **Entrevista nº 1 - Rita Colaço, coordenadora da *Grande Reportagem Antena 1***

#### **Qual é a sua função enquanto coordenadora?**

A minha função é fazer uma certa articulação entre os repórteres e a direção de informação, e de programação. No fundo é definir quais são os temas que vamos tratar em antena, tentar definir, tanto quanto possível, um calendário de temas - que podem ou não acompanhar a atualidade, nem sempre acompanham, às vezes fazem-no, se forem temas muito fraturantes que estejam a fazer correr muita tinta na sociedade, nós tentamos acompanhar. Eu faço também grandes reportagens. Quando eu não estou a fazer grande reportagens, estou a acompanhar quem está a fazer. E aí, posso acompanhar desde o início, ou seja, a pesquisa do tema - pedir ao centro de documentação tudo o que tem saído no período X, Y, Z sobre aquele tema. O que é que já foi feito. Depois disso, eventualmente, até ajudar o repórter que está no terreno com contactos, que pessoas interessantes é que se pode falar, casos, etc. Mas essa parte já é muito mais o repórter a decidir e a escolher com quem quer falar, e depois vamos comunicando ao longo desse processo todo. Numa última fase, antes da reportagem ir para o ar, eu também faço a promoção desse trabalho. Não só em antena, como também nas redes sociais. Faço gestão de redes sociais, faço trabalho de designer gráfica, arranjando a imagem para, neste caso, o *Facebook* da *Grande Reportagem Antena 1*, os *teasers*, os clips de vídeo, e às vezes também sonorizo as peças dos repórteres que não têm tanto à vontade com a montagem de um conteúdo tão grande.

#### **Quais foram os princípios que quis trazer para a *Grande Reportagem Antena 1*?**

Em primeiro lugar tentei introduzir algumas inovações na forma de contar. Quis passar muito isso para os repórteres. Novas formas de narrativa, de gravação, de testar o som e de procurar temas que nunca tivessem sido tratados. Estar mais tempo nos lugares, fazer as coisas com mais tempo. Mas sobretudo, o meu "sonho" para o formato era que a *Grande Reportagem Antena 1* pudesse ser cada vez mais uma referência no campo da rádio em Portugal. Ou seja, com um conteúdo que, não só se afirma pelas histórias que conta, como também por novas formas de contar. Aliar a criatividade à urgência dos temas. E sem qualquer problema afirmar que dou prioridade aos temas que possam trazer as pessoas que estão mais na sombra, que nunca tiveram oportunidade de falar, enfim, não ir tanto pela agenda mediática, tentar fugir um pouco a isso, não deixando de acompanhar obviamente quando necessário. Mas o objetivo é trazer os temas

mais escondidos e no fundo, a sociedade e os temas que estão mais nas franjas, que não aparecem com tanta frequência nas notícias.

### **Contar histórias e informar são ações contraditórias?**

Não são contraditórias. Esse é o jackpot. É nós podermos informar ao mesmo tempo que estamos a contar uma história. Ou seja, que podemos dar dados novos sobre aquela história ao mesmo tempo que estamos a contá-la. Mas não fico demasiado dependente disso, ou seja, da informação pura e dura. Para mim uma grande reportagem não tem de necessariamente trazer notícia. Se trazer, tanto melhor. Mas se se trazer mais do que a notícia, a reflexão profunda, sobre o tema e aquela história de vida acho que isso é muito mais enriquecedor. Por isso é que eu às vezes numa grande reportagem prefiro estar concentrada apenas numa história de vida, porque aquela história vai-me conduzir para os subtemas do tema geral. Eu acho que as histórias, com informação ou não, mas sobretudo com reflexão, são muito mais enriquecedoras para quem ouve e até para o próprio jornalista.

### **Enquanto repórter sente que tem uma responsabilidade social acrescida?**

É um bocado a visão de um repórter que faz jornalismo com consequências. É isso em que eu acredito. Acredito num jornalismo com consequências, no sentido em que podemos mudar alguma coisa, não é o mundo, mas o pequeno mundo daquelas vidas que se encontram naquela história, das pessoas que ouviram. No fundo é a história que muda qualquer coisa. Mesmo que não mude o curso da História, mas a estória com 'E', que traz qualquer reflexão de novo às pessoas e que até altera o seu próprio comportamento e postura sobre o mundo e aquele tema em particular.

### **O autor Ryszard Kapuscinski na obra “Os cínicos não servem para este ofício” diz que o cinismo é uma atitude desumana, incompatível com a profissão de jornalista. O fator humano é essencial para o repórter? Que outra característica precisa de ter?**

Eu acho que essa frase diz tudo. "Os cínicos não servem para esta profissão". O que é que isso significa? Que um repórter que queira contar uma determinada história e que ele próprio já coloque barreiras, e que ele próprio não seja boa pessoa, se ele não for uma boa pessoa. E o que é uma boa pessoa? É algo subjetivo, mas uma boa pessoa é a pessoa que não julga os outros, logo, à partida. Que está disposta a calçar o sapato dos outros para entender melhor o mundo.

Uma pessoa cínica é uma pessoa que coloca demasiadas barreiras ao entendimento do mundo, ao entendimento do tema que está a tratar. Se há temas que eu não me sinto preparada para os tratar porque eu sinto que não os compreendo bem e que até de alguma forma os critico e tenho criticado ao longo da minha vida. Eu sinto que não estou a ser honesta nessa reportagem. Porque eu já estou a ir para uma história sobre a qual eu já tenho convicções demasiado fortes. No início de qualquer grande reportagem eu tenho de ser uma folha em branco. Tento ser. Se eu perceber que eu não vou conseguir ser essa folha em branco eu prefiro afastar-me do tema e não o tratar. Há temas que me tocam muito e sobre o qual eu sei que nunca iria conseguir fazer uma história. Porque iria estar sempre a tomar demasiada parte desse tema, dessa história.

**Na grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’ procurou ter duas visões diferentes sobre a eutanásia. É essencial este balanço?**

Esse tema era bastante sensível. Eu não tinha, e até hoje continuo sem ter uma posição formada sobre o tema. Isso, neste caso, foi o melhor que me podia acontecer. Eu estou preparada, não tenho qualquer condicionamento, que me impeça de entender os dois lados. O lado de quem decide que a morte é uma decisão pessoal ou também o lado de quem entende que essa decisão não deve ser tomada por terceiros. Eu nesse aspeto fui preparadíssima para tratar o tema. Mas imagina que eu era uma pessoa demasiado religiosa e com um forte apego à vida, e completamente contra a eutanásia. Podia correr o risco de eu tentar diabolizar demasiado quem defende a despenalização da eutanásia. Porque as vezes foge-nos o pé com facilidade. Nessa grande reportagem em concreto consegui ser uma folha em branco e ainda hoje continuo com linhas por definir.

**A grande reportagem oferece uma grande liberdade criativa grande quando comparada com outros géneros jornalísticos. A literatura, o cinema ou a música são influências que transporta para a narrativa da grande reportagem radiofónica?**

Eu digo sempre isto. Eu acho que uma grande reportagem, no cenário ideal, claro nós não podemos balizar o tempo que uma grande reportagem leva a fazer, porque às vezes em dois ou três dias conseguimos fazer uma boa grande reportagem, mas quando temos tempo, o primeiro tempo seria a par da pesquisa que temos de fazer, era uma semana em que o repórter pudesse estar fora da redação, do ambiente da rádio, exatamente a receber essas influências todas, ou seja, ver filmes que possam ter sido feitos sobre aquele tema, ir ver exposições que possam de

alguma forma convocar para aquele tema ou para outro qualquer. Ir ver documentários, que até possam não estar relacionados com o tema, mas que têm abordagens diferentes aos temas e ir recolher essas formas diferentes de contar para conseguir aplicar numa grande reportagem. Ou seja, no fundo, é beber o mundo que nos rodeia e sobretudo o mundo da criatividade, como é o mundo da produção de documentários, de livros, de literatura. São linhas que se cruzam. Acho que deveríamos ter a oportunidade de ter essa semana de emersão no mundo criativo, de uma forma geral.

### **O que diferencia a grande reportagem na rádio do mesmo género em outros formatos?**

É a matéria-prima, o som. Se uma grande reportagem de rádio, tal como está feita, pudesse ser reproduzida em televisão ou num jornal, então não é rádio. É uma peça jornalística. Mas que pode ter vida em diferentes meios. Não está a ter um enfoque no som. O som ajuda-nos a estar mais próximos das histórias que contamos. Acho que um ouvinte se aproxima mais de uma história em rádio do que em TV ou na imprensa. Tem menos sentidos a funcionar. Está concentrada apenas num sentido, que é a audição. Tudo lhes está a entrar pelos ouvidos. E a capacidade de atenção tem de ser muito maior. E ao ser maior, o ouvinte vai estar muito mais atento à história. Está menos distraído. Não tem imagem a distraí-lo. No jornal tens o toque, a fotografia, as letras, o papel, podes voltar atrás, à frente. Não está distraído, está absolutamente focado naquela história. Como é que nós de olhos fechados, através de um único sentido, entramos na vida de uma pessoa? Será que eu teria entrado na vida daquelas pessoas de uma forma tão profunda, eu ouvinte, ou eu consumidora de media, se tivesse visto ou se tivesse lido? Se calhar não, porque tenho vários sentidos a funcionar ao mesmo tempo e não há nenhum que se destaque. É mais imersivo. E essa é a mais-valia da grande reportagem em rádio. É dar-nos uma maior imersão sobre os temas porque temos apenas um sentido a funcionar. E com esse podemos fazer uma data de coisas, a lavar a loiça, de olhos fechados, podemos estar a fazer imensas coisas, mas temos de estar atentos, muito atentos. Se perdermos alguma coisa, perdemos o foco da história. E aí entra o que? A arte de saber trabalhar bem o som. E não apenas fazer uma grande reportagem com texto-som, texto-som. Isso acaba por cansar.

**Na grande reportagem existe uma grande aproximação com os intervenientes. Olha para os intervenientes de uma grande reportagem como fontes ou como personagens?**

Nós entendemos a fonte como alguém que nos pode dar uma informação preciosa, única e exclusiva. Parece que a fonte não tem direito a ter sentimentos. Mas eu acho que se a fonte nos for dar o lado humano, então aí temos o casamento das duas coisas. Agora, é possível que possamos correr o risco de tornar os nossos protagonistas em personagens. No sentido em que romancemos em demasiado o tema, damos-lhe uma dimensão quase cinematográfica, não sei. Porque isto da informação que nos chega pelos ouvidos... Quando é imagem, quando te aparece a imagem, tu não tens lugar para a imaginação. Na reportagem em rádio, mesmo que sejas absolutamente honesto com o teu ouvinte, quando dás alguma característica que não seja aquela que nós repórteres vemos, dás origem à subjetividade da escuta. E aí estamos a amplificar e a potenciar a capacidade de imaginação do ouvinte. O ouvinte está a imaginar, ele próprio está a criar uma personagem na sua cabeça, e se calhar muitas vezes é uma personagem que na realidade não tem aquela dimensão. Se a nossa personagem, que eu prefiro chamar de protagonista, for uma fonte, para repensar o mundo, então aí temos o casamento perfeito.

**A imaginação é um dos requisitos do ouvinte de rádio. Existe uma preocupação especial por parte dos repórteres de rádio em criar as chamadas ‘imagens sonoras’ de modo a restituir a realidade?**

Sim, eu preocupo-me imenso, mais até que por vezes o próprio texto, com a matéria-prima da rádio. A matéria-prima da televisão são as imagens. Imagina que estás a ver um documentário na televisão em que todas as imagens têm grão, estão pixelizadas, têm ruído, foram mal captadas. Podes estar a ver o melhor documentário, mas tu não vais conseguir entrar bem naquela história. Vais achar que o documentário não foi tão bom.

Um mau som na rádio é uma má imagem em televisão. E portanto, temos de cuidar muito bem do som e perceber como é que se pode transformar imagens em sons. Temos de pensar numa fotografia e desconstruir as suas camadas para as reproduzir na rádio. Isso é dar a imersão aos ouvintes. É captar todas as camadas. É fazer com que o ouvinte, mesmo sem sons binaurais, sinta que está na ação. Ele faz parte daquele lugar, como se estivesse sentado ao lado da pessoa que lhe está a contar a história.

**É difícil seduzir um público cada vez mais formatado para a imagem?**

Eu pergunto-me muitas vezes. Por mais que tenhas o cuidado de criar a imersão, de ter um texto bem escrito com bons sons, boas histórias, uma boa estética. Será que as pessoas conseguem

estar 30 minutos apenas só com um sentido a funcionar? Será que não se distraem? Acho que faltam esses estudos. A rádio tem de perceber como é que é ouvida. Como é que as pessoas sentem os conteúdos em rádio. Até onde é que conseguem ir. Porque em função disso podemos: ponto número 1, podemos encolher os nossos conteúdos ou contá-los por episódios, por exemplo. Ou seja, permitirmos tomar a decisão audaz de "bem, 30 minutos e muito tempo, vamos contar isto com vários episódios de 5 minutos". Nós não temos estudos.

### **O jornalismo dos nossos dias é cada vez mais veloz. De que forma é que essa velocidade influenciou a rádio?**

Eu acho que atualmente a rádio tem uma vantagem que não tinha há 20 anos. Que é, eu hoje não sei se as pessoas aguentam 30 minutos de uma história, mas acredito que uma grande história, com bons sons, bom texto e estética, mesmo que a pessoa não tenha tempo, lá está essa ditadura do tempo em que vivemos, mesmo que a pessoa se sinta pressionada pelo tempo e não consiga ouvir aqueles 30 minutos agora, temos a oportunidade de fazer uma pausa na história e de voltarmos mais tarde, quando tivermos mais tempo. Antigamente isso não acontecia. A rádio só tinha direito a uma vez. Se não tivesses entendido aquilo que estavas a ouvir, perdias. Não tinhas a possibilidade de voltar a ouvir. Atualmente, com a internet, a rádio só ganhou. Com as redes sociais também, porque permite a partilha de trabalhos. E portanto, aqueles 5 minutos iniciais, para agarrar o ouvinte são fundamentais, mesmo sem estudo eu acredito piamente nisso. Para que a pessoa sinta vontade em ouvir essa história. E depois temos de ir criando aqueles picos durante a grande reportagem de modo a darmos uma "palmada no ombro" ao ouvinte, chamando-lhe a atenção e fazendo o ouvinte aumentar o volume. Mas se a pessoa efetivamente não tem tempo, ou não quer ouvir mais naquele momento, faz pausa, volta a ouvir amanhã. Muitas pessoas me dizem isso através das redes sociais. "Comecei a ouvir hoje, mas não consigo terminar, oiço mais tarde". A rádio só veio beneficiar. O digital matou um bocadinho a televisão, também os jornais, mas a rádio só beneficiou. Pode ter perdido na qualidade do som, que é cada vez mais comprimido, num formato mais leve. Se formos a ouvir as reportagens gravadas em fita magnética têm uma qualidade de som brutal, límpido e maravilhoso. Durante esta pandemia tenho recuperado muitas dessas grandes reportagens de arquivo e disponibilizado nas redes sociais para os ouvintes, com a possibilidade de ser escutadas a partir do *Facebook*. E essa conversão só pode ser feita para MP3, para ser reproduzida naquelas plataformas. Tira logo o brilho ao som. Aí perdemos. Mas entre a memória e a

qualidade, eu prefiro preservar a memória, mantendo-a viva. Uma coisa morta, esteja boa ou má, está morta, ninguém a ouve.

**Recorre muito à música nas suas grandes reportagens. Que função tem este elemento?**

Não gosto que a música seja encarada como a ‘palmada no ombro’ do ouvinte. Acho que se anda a ensinar isso nas escolas de rádio, e mal, a meu ver. Eu própria cada vez mais acho que essa é uma forma cada vez mais artificial, fácil e preguiçosa de criar um pico numa história. Não tem de ser uma música. Pode ser um silêncio, um som ambiente. Pode ser um som de um carro que passa e que faz o oxigénio que precisamos. Pode ser o som de uma porta a bater, que de repente muda e altera o curso da história. Não tem de ser a música. Eu gosto de me distanciar um bocado das histórias e depois voltar a ouvi-las mais tarde. A história de ‘Diálogos entre a vida e a morte’. Há uma semana voltei a ouvir. E há ali uma parte em que eu usei muita música nesta reportagem como uma forma de diferenciar os dois protagonistas da história. E há uma parte em que eu coloco a música do Fernando, que eu fui ouvir aquilo e senti, quase três meses e meio depois, que a música se estendia durante demasiado tempo. Com esse distanciamento, não fazia sentido estar ali a música para mim. Porquê? Porque o discurso dele era tão forte, a história era tão forte, o próprio timbre da voz era tão marcante que aquilo estava ali a mais. Portanto, temos de ter esta capacidade de voltarmos a ouvir as nossas histórias. E apontar o que correu melhor e o que correu pior. Para depois percebermos que há outras soluções para além dessa fácil que é colocar uma música para respirar. Portanto, os picos fazem-se com coisas interessantes. E coisas interessantes não têm de ser música.

**Considera que como a utilização da música nos conteúdos jornalísticos se pode cair facilmente no sensacionalismo?**

Sim, porque isso pode transformar uma cena que está a ser já demasiado dramática numa cena melodramática. O piano que entra quando a pessoa está a chorar, por exemplo. Eu cada vez mais elimino os choros das minhas grandes reportagens. Eu deixo ficar quando compreendo que isso é importante para o ouvinte perceber a dor que alguém tem. Às vezes só um suspiro já fez o ouvinte entender para onde é que aquilo vai caminhar, caminhou para um choro, mas podemos sair da história. Não temos de estar ali a ouvir o choro todo da pessoa durante um tempo e ainda acrescentar uma música para estarmos todos a chorar. Temos de dar a possibilidade ao ouvinte, de o ouvinte ter a sua própria emoção. Não é estar a forçar emoções

aos ouvintes. A rádio tem a capacidade de fazer imaginar e não tem de impor emoções. Eu compreendi isto depois de ler, de ouvir muito. Faz-me lembrar uma expressão de um jornalista, o John Rosenthal, que usava a expressão ‘fascista emocional’. Ele dizia que muitas vezes a música é uma espécie de fascista emocional, ela impõe. Agora chora. Agora ri. Aconselho a todos a experiência de pôr exatamente o mesmo som com diferentes tipos de música. E o estado emocional da pessoa altera-se automaticamente. Isso faz-nos perder o foco da emoção daquela pessoa. Retirámos completamente ao ouvinte de ele próprio ter o seu entendimento, e a sua emoção sobre aquela história. É um jogo de pinças que nós temos de fazer.

**Na grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’ decidiu não utilizar texto jornalístico. Porquê?**

Por várias razões. Devido ao tema, lá está, como eu parti para a grande reportagem como uma folha demasiado em branco, tive algum receio que qualquer frase minha pudesse chocar os protagonistas da história. Embora isso possa acontecer pela escolha de sons que faço, que é uma tomada de decisão importante, eu estou a escrever um texto com os sons das pessoas e se eu uso uns em detrimento de outros estou a fazer uma decisão editorial. Não quis estar a acrescentar mais distrações e a tentar evitar correr riscos, desse ponto de vista. Depois, pelo tema ser tão sensível, e porque 30 minutos parece muito, mas afinal não é, eu quero cada vez mais nas minhas histórias dar tempo às pessoas para falarem. Quando eu coloco uma frase, estou a retirar um minuto, ou uma ideia muito importante que aquela pessoa disse. E eu não queria estar a pôr demasiadas vozes, como tinha dois homens e duas mulheres, dois casais, quis exatamente fazer com que eles estivessem a dialogar e a contrapor ideias, mesmo que nunca tenham estado juntos na vida.

**Principalmente nos primeiros encontros, tanto com o Fernando como com o Rogério, existiram muitos momentos de micro desligado. Que importância dá a estes momentos em *off*?**

Eu acho que é muito importante. Privilegio isso. Mas também reconheço que há cada vez menos tempo para fazer isso. Os repórteres atualmente não têm tempo para estar com as pessoas. Mas tanto quanto possível eu tento fazer sempre isso. É pôr as pessoas à vontade, e pôr-me à vontade com as pessoas. Perceber qual é a visão deles sobre o tema, perceber o que pensam sobre o tema que estão a tratar, perceber quais são as coisas mais sensíveis onde eu não vou poder tocar ou

explorar depois já quando estivermos com o microfone ligado. Mas sobretudo para pôr as pessoas, que têm coragem em falar, para as pôr a vontade. Para não aparecer junto delas e espetar-lhes um microfone. Que é uma coisa tão avassaladora. Principalmente neste tipo de temas, como a eutanásia. Pessoas que têm uma sentença à sua frente. Que têm um prazo de vida. Isso é de uma coragem muito grande, seja qual for o tema. A exposição mediática de si próprio que a pessoa tem de ter tempo para te ver, para te olhar nos olhos, e saber que não estás ali só para sacar o som, só para sacar a história dela. Nós temos de ganhar alguma confiança com aquelas pessoas e aquelas pessoas ganhem confiança em nós. E verem primeiro a pessoa, e não o repórter. Primeiro são duas pessoas que estão a conversar. E depois então explicar à pessoa o que se vai passar. Quando o microfone está *on* é o jornalista e a pessoa que está a contar a sua história. Nós podemos é pegar nessa conversa que tivemos de microfone desligado, podemos ir apontando ideias importantes que aquela pessoa disse e puxar por essas pontas quando então o microfone estiver ligado. Porque aí a pessoa já nos disse aquilo uma primeira vez. E nós podemos voltar a tocar no assunto.

### **Existe uma relação direta entre a experiência e a grande reportagem?**

A experiência obviamente que conta. Mas vamos voltar ao Kapuscinski. Se fores uma boa pessoa, se um dos teus valores for o respeito pelo próximo, a reportagem pode ter precisado de afinações, de pormenor, mas tu vais saber contar a história de alguém mesmo que não tenhas muita experiência. Porque vais estar a respeitar aquela história, não vais querer ser sensacionalista, não a vais manipular porque não vais querer faltar ao respeito àquela pessoa. A estética da grande reportagem e isso tudo vai afinando-se ao longo do tempo. Eu ainda estou a afinar. Claro, a experiência ajuda-nos, como em tudo na vida. Mas os erros continuam a acontecer e vais continuar a fazer afinações mediante esses erros. E isso vai dar-te uma maior disponibilidade para experimentar novos elementos à medida que vais ganhando experiência.

### **Qual é a diferença entre uma reportagem e uma grande reportagem?**

Uma grande reportagem não é uma reportagem grande. Quem faz a primeira vez grande reportagem muitas vezes acaba por cair nesse erro, ou seja, usar os modos de produção para a pequena reportagem para a primeira. Que é o quê? Texto - som - texto - som, com a única diferença: o texto é maior e o som também é maior. Muitas vezes esquecem-se de contar uma história. Fundamentalmente, a diferença entre uma pequena reportagem de rádio para uma

grande reportagem de rádio é a oportunidade que o grande formato nos dá de contar uma história. De respirar mais e contar melhor.

### **A falta de jornalistas na rádio pública tem travado a produção de grandes reportagens?**

Sim, ao nível da produção isso tem acontecido. Nós somos cada vez menos no caso da Antena 1, e é cada vez mais difícil cumprir a periodicidade da grande reportagem, que nós tentávamos que fosse de 15 em 15 dias. Mas isso implica que um repórter saia do turno porque nós não temos uma equipa. A rádio pública tem apenas uma pessoa, que coordena e articula a *Grande Reportagem Antena 1*. E essa única pessoa, que sou eu, cumpre demasiadas funções, para além de fazer grande reportagem. Porque não consegue ter gente suficiente na redação que possa estar única e exclusivamente dedicada à grande reportagem. A *Grande Reportagem Antena 1* neste momento conta com pessoas que querem fazer grandes reportagens, mas vão ter de sair do turno. O turno, como também tem poucas pessoas, não pode dispensar uma pessoa durante, por exemplo, quatro semanas para fazer um trabalho com a profundidade deste formato.

### **Está-se a dar primazia à qualidade em detrimento da quantidade?**

Eu acho que nem há qualidade. Porque, muitas das vezes, tens pouco tempo para a garantir. Para trabalhar as histórias. A falta de tempo faz-nos cair mais vezes no erro. Faz-nos errar mais. Imagina eu ter uma semana, como acontece muitas vezes, para fazer uma grande reportagem. Uma semana para tudo. Muitas vezes a grande reportagem está no ar e surgem-me várias questões: "Se calhar faltou o depoimento daquela pessoa, aquele corte não ficou bem aqui, há ali um salto". Com uma equipa que garanta, como por exemplo existe na RTP com o *Linha da Frente*, que é um programa semanal de grande reportagem. E como é que eles conseguem garantir essa periodicidade? Porque eles têm uma equipa de cerca de 10 pessoas em que mesmo que os repórteres de imagem não sejam fixos, têm uma pessoa para a produção, uma para coordenar, uma para fazer a pesquisa, e depois os repórteres para fazerem as diferentes reportagens. Não tendo isso, não se fazem omeletes sem ovos. E o que acaba por acontecer é haver muito esforço de apenas duas pessoas, que são o repórter do terreno e a pessoa que esta a coordenar, que muitas vezes também está a fazer outras tarefas como sonorizar, fazer promos nas redes sociais, clipes e tudo mais. Alguma coisa falha neste multitasking. As multitarefas não são uma coisa boa.

### **Hoje os repórteres de rádio não são só repórteres de rádio?**

Eu não sou só uma repórter de rádio. Não sou só uma coordenadora. Mas acho que é uma questão de aposta. Há que haver uma estratégia. Há que decidir o que é que queremos servir às pessoas. Queremos servir o almoço e o jantar, podemos querer servir o almoço e o jantar, neste caso os noticiários à hora certa, os mínimos. Mas eu posso ter o jantar na cozinha, mas não tenho ninguém para pôr a mesa. Ou faltam-me talheres na mesa. Ou eu apostar em servir almoço e jantar. Muito bem, mas de que forma é que posso dar refeições gourmet às pessoas?

### **Considera que a missão de serviço público está a ser cumprida?**

Obviamente que em primeiro lugar temos de informar as pessoas, os noticiários não podem deixar de existir. Mas o serviço público exige mais. As pessoas querem e precisam de conteúdos exclusivos, de conteúdos diferenciados, que surpreendam. Mas para isso é preciso gente e recursos. E neste momento, para além da falta de recursos, a grande falha que existe são os recursos humanos. Não temos pessoas.

### **A rádio de hoje fala cada vez menos com as pessoas?**

Eu acho que falamos cada vez mais. Acho que a rádio está cada vez mais próxima das pessoas. A internet e as redes sociais fizeram essa aproximação. Antigamente havia a carta do leitor. E essa carta era enviada para o jornal e posteriormente publicada. Mas depois não havia troca de correspondência. Atualmente, tu és escrutinado a toda a hora. A partir do momento em que a *Grande Reportagem Antena 1* partilha uma ‘GR’ na página de *Facebook* da Antena 1. Eu tenho de estar disponível para ter qualquer tipo de comentário, de feedback, de quem me ouve. Nesse sentido nós dialogamos mais. Estamos dispostos a receber feedback e temos que responder. Não podemos deixar as pessoas sem resposta. Temos a *Antena Aberta*, um espaço onde as pessoas podem intervir e exprimir opiniões. Agora, as pessoas pagam uma taxa de radiodifusão pelo serviço público, estamos a dar a refeição à pessoa que pagou? A medida certa? Ou estamos a dar os mínimos? A sopa e o segundo prato.

### **Como encara o futuro da rádio pública?**

Aquilo que te diria antes da pandemia era: isto só lá vai com investimento. Mas para fazer esse investimento temos de tomar decisões, definindo o que queremos ser enquanto rádio pública. O que é que queremos fazer? Queremos afirmarmos-nos pela diferença. Como? Com que objetivo? Onde queremos chegar? É com conteúdos com grande reportagem, de forma

periódica, em que nunca falhamos o compromisso com os ouvintes de 15 em 15 dias. Não, não é. Ok, então é com conteúdos mais pequenos. Que tipo de conteúdos? Isso são tudo decisões que não me cabe a mim tomar. Posso refletir sobre elas, mas que passa tudo por decisões superiores. Estratégia. O que é que eu quero e como é que posso lá chegar. Se calhar tenho de deixar de fazer, sem colocar em causa a missão de serviço público e até para lhe dar um acrescento. É noticiários mais curtos? Para dar a informação curta, clara e concisa, mas em vez de ter tantos repórteres a produzir pequenas peças para noticiários, alocá-los para contar histórias de uma forma maior, melhor, mais respirada, noutra tipo de formatos? Eu dir-te-ia nessa altura, em função dessas decisões, como é que nos podemos fazer. Com aquilo que temos, sem ter a hipótese de contratar mais ninguém, como é que podemos fazer melhor? Primeiro, esta reflexão. Se houvesse a oportunidade, antes da pandemia, de assumir que afinal existe uma bolsa de oxigénio e podemos ir buscar mais uma ou duas pessoas. Para fazer o quê? Para apostar no quê? Para continuar a cumprir, servindo o almoço e o jantar, ou é para ajudar a poder dar mais qualquer coisa, mais refeições gourmet às pessoas? Neste momento eu não vejo como é que se podem tomar decisões dessas, de investir mais na rádio, quando tu não sabes o dia de amanhã. Nós não sabemos.

### ***O freelance pode ser uma das soluções para a Grande Reportagem Antena 1?***

Eu não sou ortodoxa ao ponto de achar que só podemos fazer com a prata da casa. Mas entendo. Entendo que as pessoas sintam que se investe em produtos de fora em vez de se dar primazia à casa. Eu entendo isso, mas também compreendo que se calhar fica mais barato comprar à peça conteúdo. Ficará mais barato, de vez em quando, comprar uma grande reportagem a alguém do que trazer essa pessoa para a redação. Obviamente que eu preferia que se aquela pessoa trabalhasse bem preferia tê-la sempre comigo. Mas não sou ortodoxa a esse ponto de achar que não se pode comprar trabalhos lá fora. Já aconteceu. Alguém que seja um jornalista, que propõem reportagens. Não se faz muito em rádio, infelizmente.

## **Entrevista nº 2 – Maria São José e João Paulo Baltazar, direção de informação da Antena 1**

### **Como está organizada a secção de informação da Antena 1?**

#### **Maria São José**

Está organizada por turnos, ou seja, equipas que fazem determinados horários. A Manhã 1, o chamado prime time, Manhã 2, Tarde e Noite. Temos as equipas de Política e de Desporto. Temos jornalistas que estão dedicados à informação mais regional, um programa que nós temos que é o Portugal em Direto, uma das missões nobres do serviço público – estar mais próximo das pessoas, em todo o território nacional, temos algumas pessoas quer em Lisboa, quer no Porto e também nas outras delegações espalhadas pelo país que se dedicam a esse programa e a essa tarefa. E temos de facto uma jornalista solta dos turnos, que é a Rita Colaço, e que está a coordenar a *Grande Reportagem*. Editorias apenas existem a Política e Desporto.

#### **João Paulo Baltazar**

A informação rádio é uma área que fornece serviços a cinco antenas *broadcast*. A Antena 1, que é o navio almirante, tendo um ciclo de noticiários 24 horas, 7 dias por semana, e é o único meio da empresa audiovisual que tem este ciclo 24/7, mais nenhum tem nem sequer a Rtp 3. A Antena 2, que em termos de informação tem neste momento apenas 3 noticiários por dia, para além da informação própria que eles produzem. A Antena 3, que tem sínteses matinais e à tarde. Durante o estado de emergência tiveram em simultâneo com a Antena 1. Tem noticiários que são sínteses de 3 minutos – no período da manhã 4 e no da tarde 4. Este é o modelo que temos adotado, apenas interrompido pelo estado de emergência. Depois mais duas antenas, as antenas internacionais. A RDP Internacional, que tem uma equipa mínima e que, até à pandemia, produzia os jornais das comunidades. No topo da hora são simultâneos com a Antena 1 e depois 3 edições de jornais das comunidades. Finalmente, a RDP África, que é uma antena com grande autonomia – em que os jornalistas também fazem programas e há realizadores que também participam nos programas de informação – é uma equipa muito entrosada e que tem uma lógica de funcionamento mais autónoma. Portanto, esta direção tutela esta equipa, que é muito curta, no total tem 60 jornalistas, contando com Lisboa, Porto e delegações, para fazer toda a informação – tirando a RDP África – no *Desporto* são 10, RDP África tem 13 jornalistas, a isto soma-se um correspondente único que a rádio tem exclusivamente em Bruxelas. Isto excluindo as delegações das ilhas, que são autónomas. Quando esta casa tinha mais gente, na altura da

troika, chegámos a ter editorias de *Política, Economia, Desporto e Sociedade*. Com mais recursos, a organização é desejavelmente esta. Nós temos vindo a ver os nossos recursos minguar nos últimos anos, portanto temos vindo a tomar opções que não nos agradam, mas que são opções pragmáticas, nomeadamente concentrar numa só editoria o acompanhamento da *Política* e da *Economia*, isto resulta que fazemos o acompanhamento da *Política* e muito residualmente da *Economia*, infelizmente. E a *Sociedade*, não há gente especializada em nenhuma área de forma permanente, há gente com interesses e que acompanha com mais interesse essas áreas, mas que, devido ao facto de terem que acompanhar uma série de coisas e realizar uma data de tarefas rotineiras, não têm disponibilidade para aprofundar assuntos e sobretudo trabalhar fontes, sacando notícias e informações relevantes.

### **Qual é a linha editorial que a direção definiu para a *Grande Reportagem Antena 1*?**

#### **João Paulo Baltazar**

Primeira coisa que te devo dizer é que não há um programa chamado *Grande Reportagem Antena 1*. Há uma intenção de ter um espaço regular de grande reportagem, mas mais uma vez confrontados com a circunstância de não termos recursos – ao contrário por exemplo da RTP, que tem uma equipa dedicada a um programa chamado *Linha da Frente*, que é um programa semanal de grande reportagem. Têm uma equipa que apenas trabalha neste formato. Essa é a nossa primeira dificuldade, nós não conseguimos ter uma equipa. Nós no máximo, conseguimos ter uma pessoa, que para além de outras tarefas, coordena o formato grande reportagem. A Antena 1 tem um formato grande reportagem, que nós temos tentado, sem sucesso, manter com um formato quinzenal. Porque o nosso principal propósito é pôr no ar trabalhos jornalísticos de longo formato, no nosso caso trabalhamos com cerca de meia hora – que permite aprofundar a abordagem a um tema com o género jornalístico reportagem, ou seja, não é noticiário, não é uma entrevista, é ir à rua .. e todas as características que estão definidas academicamente para o género jornalístico. Quando esta direção começou, em 2015, havia um espaço de reportagem semanal, que era transmitido às segundas-feiras, às 3 da tarde, e que tinha 15 a 20 minutos máximo. Nós entendemos que dada esta obrigatoriedade de apresentar todas as semanas um trabalho, e dada a escassez de recurso, o resultado é que a qualidade oscilava muito, não quer dizer que os trabalhos fossem todos dignos e esforçados, mas o facto é que para se fazer um trabalho de longo formato, bem trabalhado em termos jornalísticos, ou seja pesquisa, gente

interessante, contraditório, informação relevante, e depois em termos estéticos, todo o trabalho de pós-produção. Estas coisas não se fazem em três dias. Preferimos sacrificar a regularidade em prol da qualidade. Vamos estender para meia hora, trabalhar com um formato de meia hora, que é um formato internacionalmente muitas vezes utilizado, de forma a permitir que seja aprofundado o assunto. Tentámos que fosse numa logica quinzenal, só que começámos a perceber que umas vezes funcionava e outras vezes não. Neste momento, o formato que temos, e é nisto que queremos apostar, é não haver um programa chamado *Grande Reportagem Antena 1*, mas termos um formato chamado *Grande Reportagem Antena 1* que pomos no ar quando temos. Portanto, neste momento, como não termos uma equipa que nos permita garantir regularidade e temos aliás algumas dificuldades de gestão de antena, de informação e programação, as coisas têm de ser negociadas. Nós decidimos: vamos trabalhar no formato grande reportagem como trabalhamos por exemplo com o formato grande entrevista.

Portanto, se me perguntares se eu gostava de ter um programa regular de grande reportagem? Gostava, é claro. Mas precisava de ter uma equipa. Gostava de ter algo com assinatura, de criar uma regularidade, que as pessoas soubessem que podiam contar ou em *broadcast* ou na assinatura de um *podcast*, com regularidade e ter uma equipa dedicada, em que se podia ter um núcleo de jornalistas mais dedicado à grande reportagem mas que podia ser um local onde pudessem ir passando jornalistas, tal como agora, que de vez em quando propunham um grande formato, mas tinha um núcleo duro de 3 pessoas, que garantia cada uma delas uma vez por mês uma grande reportagem, complementada com mais uma estava garantido o formato. Há a diferença entre aquilo que nós gostávamos e aquilo que temos. É uma gestão de frustração.

Eu acho que nos temos, no histórico de há muitos anos, tem vindo a ser mantido um nível de qualidade bastante apreciável dos trabalhos de grande reportagem, agora em particular com a Rita Colaço, que tem aquilo que é preciso para fazer bem isto, que é a paixão pelo formato e pela rádio. Se tu fores só um bom jornalista podes fazer boas peças jornalísticas, mas podem não ser necessariamente grandes reportagens radiofónicas, no sentido completo. Há o lado humano, da sensibilidade, e há o lado do gosto pelo meio e pelo conhecimento técnico do meio. A rádio é som. Por mais que agora possa ter imagem, a rádio é essencialmente som. Ou tu tens a paixão, o gosto e o conhecimento pelo som e a noção de que, para fazer determinadas gravações deves utilizar o microfone shotgun e para outras um dinâmico, ou então não aproveitas todos os recursos do meio.

**Existe uma relação direta entre a *Grande Reportagem Antena 1* e a missão de serviço público?**

**Maria São José**

Essa relação é clara. Existe uma intenção clara de termos um produto diferenciado, que respire fundo e que reflita. Que saiba contar uma história de vida. Há muitas vertentes numa grande reportagem. Tudo isto que estamos a falar, partir de uma história de vida e olhar com outros olhos para aquele problema daquelas pessoas que muitas vezes é o problema de milhares de pessoas.

**A grande reportagem ‘Diálogos entre a vida e a morte’ foi para o ar no dia anterior ao debate da despenalização da eutanásia no Parlamento. Cabe a este espaço informativo acompanhar os temas que estão na agenda mediática?**

**João Paulo Baltazar**

A *Grande Reportagem Antena 1* não tem uma relação direta com a atualidade, é difícil ter porque o tempo de produção não te permite. Tens razão. Identificou-se um acontecimento de agenda, tem muitas vezes a ver com isso. Há duas maneiras. Há um acontecimento de agente, discussão e votação dos projetos da Eutanásia. Vamos encontrar histórias para perceber o que é que é isto da Eutanásia vivido por quem está dentro da coisa, ou o contrário. Imagina, usando o exemplo dos ciganos, há uma discussão sobre os ciganos e em cima disso vamos lá ver a comunidade e acabamos por fazer um trabalho com aquela comunidade, que tem histórias e tudo mais e aquilo cresce para uma grande reportagem.

**Maria São José**

Não é obrigatório. Mas sim, algumas vezes acontece, e nesse caso aconteceu. O tema foi decidido em reunião de planeamento.

**João Paulo Baltazar**

Onde eu acho que isto acaba por ser mais interessante é, e vou dar o exemplo de uma das grandes reportagens da Rita quando cá cheguei, quando uma grande reportagem volta a apontar os holofotes para uma situação. A Rita Colaço fez uma grande reportagem sobre os apanhadores de amêijoas espanhola, que é ilegal, que tem problemas sanitários e onde há pessoas a morrer.

Com a grande reportagem, voltou a pôr no mapa aquele problema, que estava completamente escondido, e na sequência disso foram feitas várias reportagens de outros órgãos portugueses. É no fundo iluminar uma coisa que não está na atualidade, na agenda, que ninguém está a olhar para lá e tu chamas a atenção.

### **Maria São José**

Outro exemplo foi a grande reportagem sobre o bairro da Jamaica, também da Rita. Passou a estar sobre os holofotes. Já tinha sido notícia, já tinha sido falado, mas estava absolutamente adormecido, mas a Rita voltou a colocar o tema daquele bairro na agenda. Depois chegou a haver avanços, já houve realojamentos de muitas das famílias depois da grande reportagem da Rita.

### **Que importância tem a presença no digital da *Grande Reportagem Antena 1*, com a página de *Facebook* e também com os programas disponibilizados *on demand*?**

#### **João Paulo Baltazar**

Esta direção acha que o digital é absolutamente crítico e vital para se conseguir chegar mais longe. Uma das coisas boas atualmente é que a rádio não morre no éter - que era uma coisa bonita quando começamos no ramo, era tão efémera que era valiosa. Ou tu ouvias ou não ouvias. Gastavas rios de dinheiro e de tempo infinito com uma equipa de jornalistas a produzir uma hora de rádio e aquilo ia para o ar e acabava ali.

Antes de mais, o digital é bom porque te permite arquivo e partilha. Dá uma outra dimensão à rádio, dá sete vidas à rádio. Tendo consciência disto e tendo consciência que não há muito espaço de manobra, não há muito a fazer porque há resistência a todos os níveis para que as marcas de rádio ganhem protagonismo. O que nos propusemos foi explorar aquilo que depende de nós, as redes sociais, a começar pelo *Facebook*, a rede das redes, o *Twitter*, porque é uma rede corporativa que nos interessa porque é onde está os jornalistas, os políticos gente de influência está lá, e eventualmente se tivéssemos bracinhos iríamos também apostar no *Instagram* que é a rede que está a crescer mais e que pode trazer públicos novos. O que é que nos fizemos? Quando ainda tínhamos algum espaço de manobra mobilizamos um jornalista, o Luís Soares, para trabalhar a área das redes e do digital, ele fez muitas coisas interessantes, nomeadamente diretos no Facebook, produção de conteúdos específicos para a promoção dos

trabalhos. E depois temos a Rita, que tem uma consciência multimédia muito sólida e viva, e porque tem uma paixão enorme, isto implica paixão, faz não só a produção e pós-produção das grandes reportagens, como depois, como coordenadora, trabalha a dimensão da produção dos trabalhos nas redes, como recurso às ferramentas que domina.

### **O Jornalismo multiplataforma é uma realidade cada vez mais presente na rádio pública?**

**João Paulo Baltazar**

A Rita é particularmente uma grande repórter de rádio, mas vai fazendo algumas coisas muito bem feitas no digital. O ideal é teres uma equipa multimédia, como tem a Renascença, que te ajude a fazer o casamento perfeito, na minha opinião, que é juntar a rádio à fotografia. Porque o vídeo mostra tudo, e eu acho que uma das riquezas da rádio é deixar que as pessoas façam esse trabalho de imaginação, que participem na construção.

### **Essa é uma das características mais fortes da grande reportagem radiofónica?**

**João Paulo Baltazar**

É uma das características. Outra é, por exemplo, por via de ser apenas som, permite por exemplo abordar temas delicados e falar com protagonistas que se calhar não dariam a cara se estivessem na televisão por exemplo. Eu fiz na minha vida reportagens que provavelmente não teria conseguido extrair das pessoas o que extrai se tivesse uma camara de filmar ligada. Há temas de grande intimidade em que só consegues convencer as pessoas a falar porque está ali um gravador e tu nem dás por ele, e as as pessoas sabem que não vai aparecer a cara e os nomes até podes trocar, por aí fora. Estas são duas das grandes virtudes da grande reportagem.

### **Como é que a direção de informação perspetiva o futuro da *Grande Reportagem Antena 1*?**

**João Paulo Baltazar**

Como não temos condições no horizonte para termos uma equipa de grande reportagem, provavelmente o que vamos fazer é consolidar, entender este género como um formato que

pomos no ar quando podemos e quando temos alguma coisa de interessante para contar às pessoas. Um formato de qualidade, em que o tema é bem trabalhado, com rigor, obedecendo a todos os requisitos jornalísticos, mas depois com alguma riqueza sonora e tudo isso. E se tivermos, por via de uma coincidência, dois trabalhos para pôr no ar em duas semanas consecutivas, vamos pô-los. Se passarmos sem ter grande reportagem, não temos. E ao mesmo tempo tentar casar, lembrar que nem tudo se esgota no formato da meia hora. Isso não é novo, não vamos inventar a roda, mas é se calhar lembrar às pessoas que há temas que os jornalistas se propõem a fazer para meia hora que se calhar até é preferível ser um formato mais compacto de 10 minutos, 15 no máximo, e se calhar fica mais bem contado assim. Não temos hipótese de termos um espaço regular, quase de certeza, nem uma equipa dedicada e, portanto, temos de ser pragmáticos e trabalhar temas, ideias, projetos, gerir a disponibilidade das pessoas para os executar e pô-los no ar, promovendo-os o melhor possível com o recurso às plataformas digitais.

### **Maria São José**

Na prática, o que eu gostaria é o que todos nós gostaríamos ou aquilo que nós perspetivamos num futuro breve é se conseguirmos manter a qualidade que conseguimos nos últimos 5 anos. Não num formato absolutamente regular, mas sempre que o tivermos, se conseguirmos ter boas grandes reportagens no ar, bons produtos no ar, boas histórias para contar as pessoas, e tê-las bem contadas, com reações das pessoas, que normalmente temos nas grandes reportagens, sempre muitas e boas reações, é o ideal.

### **O freelance poderá ser uma solução?**

#### **João Paulo Baltazar**

A rádio não tem por tradição trabalhar com *freelancers*. No máximo alguém vai estar na China quando há um acontecimento, e fazemos um contrato com a pessoa mandar uns despachos, e fechou. Mas aquela ideia de me vierem propor um trabalho de folego e acertarmos um valor, a pessoa produz e pomos no ar. Não há essa tradição na rádio, nem nesta nem nas outras. Eu quero, se for possível, se depender de nos e se houver essa margem de manobra financeira, ver se é possível começar a explorar este caminho. Que é: dar prioridade às pessoas da casa, às suas ideias e à equipa que temos, mas não nos fechando, não nos blindando e abrimos a possibilidade de trabalharmos com gente talentosa, que tenha ideias boas, ou que esteja em sítios interessantes, com histórias interessantes, a quem possamos encomendar coisas, ou acolher ideias que nos proponham. Ou seja, sermos também um bocadinho curados de ideias

que possam surgir. Isso acontece sobretudo na programação, na informação não há essa tradição, e eu gostava de semear, de pôr essa semente. Isto tem um duplo objetivo. que é, como não temos recursos internos para garantir a quantidade de grandes reportagens que queríamos ao longo do ano. Há gente talentosa, porque é que se os jornais contratam e põe coisas dos jornalistas de fora, as televisões, sobretudo na área do documentário fazem-no também regularmente, porque é que a rádio não o pode fazer? Não vejo nenhum impedimento. Há agora em cima da mesa esta possibilidade, que pode fazer o seu caminho, pode ser um complemento num futuro próximo para este formato.

### **Entrevista nº 3 – José Manuel Rosendo, repórter Antena 1**

#### **É jornalista da Antena 1 desde 1993. Como é que a grande reportagem evoluiu ao longo dos anos na rádio pública?**

Infelizmente, em termos de quantidade há cada vez menos. Há menos gente, há desinvestimento. Em termos de qualidade, eu acho que temos mantido um bom nível, ou seja, aparecem bons repórteres a fazerem bons trabalhos com ângulos que são interessantes e penso que nesse aspeto estamos bem. É pena é não haver mais. Não digo em relação a todos os assuntos, como é óbvio, mas em relação a determinados assuntos que vão aparecendo na atualidade e que às vezes ficam apenas por umas declarações, por uma entrevista, por umas linhas. Às vezes seria interessante poder dedicar mais tempo a isso, e ir mais fundo, cavar um bocadinho para ir perceber toda a envolvência que está atrás dessa atualidade que nós tratamos, porque não há forma de fazer de outra maneira. São dez minutos de noticiário, tratamos às vezes, superficialmente, não vamos ao fundo da questão. E era bom, nalguns aspetos, nalguns assuntos, poder fazer essa grande reportagem.

#### **Este formato não tem conseguido cumprir com a periodicidade ao longo dos anos.**

##### **Porquê?**

A obrigatoriedade de ter alguns formatos em antena, das duas uma, ou há grandes equipas a trabalharem, e aí à partida todas as semanas ou de 15 em 15 dias, poderá surgir um produto de grande qualidade. Ou então, se as equipas são curtas e há a obrigatoriedade de colocar o produto em antena, muitas vezes é preciso fazer algo que seja mais fácil e se calhar menos interessante. É preciso sempre pesar.

**Existe uma dificuldade em definir formato de grande reportagem. O que distingue a reportagem da grande reportagem?**

Os conceitos são sempre subjetivos. É um bocado como nos tribunais, há um advogado de defesa e um de acusação, podemos sempre arranjar argumentos para defende tudo e mais alguma coisa. Para mim o conceito de grande reportagem é isto. Uma coisa é tu fazeres uma reportagem sobre a ligação fluvial entre as duas margens do tejo. Fazes duas ou três viagens, falas com gente e tens a reportagem feita. Dedicás talvez um dia, dois dias. Outra coisa é trabalhares assuntos que são mais complexos ou estão mais afastados da nossa realidade diária, em que tu tens até dificuldade em arranjar gente para falar sobre eles. No caso da TV, por exemplo, são assuntos em que tens dificuldade em teres imagem. Isso obriga-te a uma dedicação maior, tens de mergulhar naquilo, que dedicar tempo, recursos, tens de fazer a investigação, porque não é um assunto da ordem do dia. Para mim é esse o conceito de grande reportagem. É desenvolver determinado assunto, escolhendo um ângulo, e mergulhares nele, dando todos os elementos que são importantes para aquela atualidade.

**Contar histórias e informar são ações contraditórias?**

Não. De maneira nenhuma. Acho que contar uma história e informar são ações compatíveis.

**Num mundo cada vez mais ligado à imagem, é difícil para um repórter de rádio seduzir um público tão formatado para o visual?**

Não é. Depende muito do embrulho. Ou seja, da forma como muitas vezes as reportagens são promovidas ou a forma como elas são ligadas à atualidade de forma a captarem o interesse de quem está desperto para essa atualidade. Eu acho que não é difícil, o que acontece muitas vezes é que nos vendemos mal. Atualmente num mundo tão mediático como o nosso, para conseguires chegar as pessoas, para além do produto que tens, tens de o vender noutras plataformas, seja nas redes sociais, seja em entrevistas nos jornais, seja a rádio a vender a TV e a TV a vender a rádio. Aqui temos essa possibilidade e infelizmente isso funciona muito mal. Eu acho que nós somos um bocado críticos em relação ao gosto e às escolhas, quer dos ouvintes, quer dos leitores, quer dos espectadores. "Ah, só veem telenovelas, só veem futebol, isto ou aquilo". Nós temos de dar outras coisas. Se as pessoas puderem ouvir outras coisas aqui na rádio, se calhar gostam. Agora têm de ser alertadas que aquilo vai passar, tem de se dar duas ou três pistas. É assim que se vai conquistando algumas audiências. Eu acho que os bons produtos têm sempre

lugar e as pessoas ouvem. É isso que marca as pessoas. Enquanto o produto comum vai passando e amanhã ninguém se lembra. Essas coisas marcam as pessoas. Ou é uma realidade que elas nunca tinham ouvido falar e elas "wow, o que é isto".

### **Isso acontece bastante com as suas grandes reportagens no Médio Oriente, em que teve de mergulhar noutra cultura.**

Essas reportagens no Médio Oriente representam uma realidade que não está presente na nossa informação, se está é porque houve um atentado ou houve combates que provocaram não se quantos mortos, e ficamos por aí. Quase só por aí. Depois é preciso explicar todo o contexto em que isso acontece. E eu acho que é para isso é preciso ir lá. É uma coisa surpreendente. Ontem li uma notícia que dizia que uma dívida que havia do Chad a Angola foi paga com vacas. É surreal. Como é que nos contamos esta realidade vivendo nós aqui na Europa? Como é que nós nos integramos naquela realidade, para a poder descodificar e contar aos nossos ouvintes da melhor forma? Parece surreal porque nós temos os nossos filtros, a nossa grelha. Para nós é impensável, mas se formos lá e mergulharmos naquilo percebemos "bem, se calhar isto tem alguma razão, isto funciona assim, há motivos para que isto funcione assim"

### **A grande reportagem tem o objetivo de contar uma história sem filtros?**

Filtros haverá sempre. Agora nós temos às vezes de tentar tirar as lentes, porque nós vamos crescendo e acumulando lentes, podem ser elas boas ou más. É preciso tentar estar lá com as pessoas. A grande reportagem exige tempo. Não há outra forma. Grandes reportagens à pressa dão mau resultado. A grande reportagem exige que fiques, converses com as pessoas, e tens de ter tempo para observar. Não podes estar a correr à pressa, porque tens de fazer uma peça daqui a 10 minutos.

### **Quais são as características que os grandes repórteres devem ter?**

Em termos puramente jornalísticos, são as mesmas que os jornalistas que não saem da redação. Os nossos pilares profissionais são os mesmos, é tudo igual. Fazem uma reportagem aqui, numa manifestação em Lisboa ou num bairro social, num hospital, os nossos princípios são os mesmos do que estar no Iémen ou no Afeganistão. Nós temos os nossos princípios bem definidos. Há determinadas situações, determinados contextos que exigem coisas que algumas coisas, sendo bons profissionais, ou não estão dispostos a dar ou não conseguem. E não é por acaso que para este tipo de reportagens que eu costumo fazer, eu nunca vi na minha vida um

diretor obrigar ou forçar alguém para ir. Não seria justo estar a dizer a alguém para ir para uma zona destas. Seria contraproducente. Não é possível ir para uma zona destas com medo. Este medo a que me refiro é a noção do perigo. Não podemos ir com medo que nos incapacite. Não podemos chegar lá e ficar presos no hotel ou na casa onde dormimos. Tem de haver essa liberdade e essa disponibilidade que umas pessoas têm e outras não têm, é legítimo.

**Existe uma liberdade criativa associada a este género jornalístico. Que vantagens pode ter no trabalho final?**

Tem a vantagem de quando vais em reportagem para este tipo de sítio, não é sempre porque as vezes também há momentos que tu ou tens de estar em direto, coisas deste género. Por exemplo, eu a última vez que fui a Israel e aos territórios palestinianos, tive que estar em determinados momentos, em determinados dias, porque foi a transferência da embaixada de Israel para Jerusalém, nesses momentos tu estás lá tens de estar obrigatoriamente. Depois tive outros momentos de maior liberdade, em que não estava sujeito a esse tipo de pressão, de horários e acontecimentos, e pode ir para outros sítios. E isso é o que eu mais gosto numa grande reportagem, ninguém te marca a agenda, és tu que marcas. Tu é que sabes se vais de manhã, à tarde, onde é que vais, com quem, o que é que queres ver. É a tua liberdade. Tens essa liberdade e isso é fabuloso em termos de grande reportagem. E eu acho que a grande reportagem é isso, ou seja, isto não é crítica.

Eu acho que cada um tem o seu método. Temos maneiras diferentes de olhar para as coisas. Cada um tem a sua maneira de chegar ao objetivo. Agora, eu já assisti a colegas meus que as vezes saem para grande reportagem e quando saem já levam uma espécie de roteiro feio. Ao seja, já sabem com quem falar. Então e aquilo que te vai aparecendo no caminho, como é que tu fazes? E eu gosto mais de fazer isso assim. Levo referências, obviamente, sei quem são os protagonistas, informo-me sobre a história do local, sobre os últimos acontecimentos, aquela informação que nós precisamos. Mas depois gosto de me deixar ir. E muitas vezes, saio de manhã a pensar que vou para um sítio e a rota muda completamente. Porque, entretanto, pelo caminho vejo coisas, digo assim "isto é interessante, vou ver como é, o que é que está a acontecer, vou falando com as pessoas" e depois juntar isto tudo e dar um sentido àquilo. Mas eu gosto muito de fazer isso assim. Tentar perceber o que é que o próprio caminho me mostra. Sem forçar, sem ir com uma ideia preconcebida para aquilo que vou fazer. Nós próprios às vezes ficamos surpreendidos, para além de poder termos a possibilidade de surpreendermos os

outros, nos próprios muitas vezes acabamos por fazer coisas que não nos passava pela cabeça que conseguíssemos.

### **Existe uma relação direta entre a experiência e a grande reportagem?**

Eu acho que sim. Costumo dizer às pessoas jovens: não tenham pressa. Se não tiveres pressa, ganhas solidez, quando tiveres de fazeres coisas mais complicadas a tua capacidade de reposta é maior. Se tu saltas logo de um momento de inexperiência, em que acabas de chegar a profissão, e comesças logo a fazer uma coisa que tu queres e tudo mais, arriskas-te a que a coisa saia torta. Não tenham pressa, façam o vosso percurso.

### **Mas ao nível de contar a história, as suas linhas narrativas tendem a ser influenciadas por elementos como a literatura, o cinema ou a ficção?**

Não. Às vezes há dificuldade em escolher o arranque. O arranque tem de ser um murro no estômago. E existe muitas vezes essa dificuldade. Já comecei a montar reportagens e chego a meio e apercebo-me que não devia ter começado por ali. Depois tens de dar a volta, reescreves. Eu no jornalismo, costumo dar um exemplo, e acho que é a melhor coisa que se pode fazer, e que é a coisa que mais enriquece os jornais. Há uma cena de um filme, *O Clube dos Poetas Mortos*, em que o professor de literatura se vira para os alunos e lhes pergunta "O que é que vocês estão a fazer". Ao que eles respondem que estavam a estudar a métrica da poesia. O professor tira-lhes o livro, arranca as folhas da métrica e diz "Vá, escrevem poesia, façam poesia". E eu acho que o jornalismo deve ser um bocado isso, porque só assim é que se consegue reinventar o meio. Só assim é que se consegue. Se tu fores a seguir os parâmetros e a seguir as fórmulas vai soar a mais do mesmo. Isto não é fácil e nem sempre se consegue. E é assim a inspiração não deve ser forçada. No momento ou surge a frase ou não surge. Rasga a métrica e faz aquilo que tu achas. Desde que seja honesto, que não seja uma coisa com outro tipo de objetivo. Fizeste uma reportagem. Escreve aquilo como a tua cabeça e o teu coração estão a ditar.

## **Entrevista nº 4 – Arlinda Brandão, repórter Antena 1**

**A Arlinda faz parte da equipa do *Portugal em Direto*, essa bagagem de fazer reportagens curtas mais ligadas aos portugueses também é importante para se lançar na grande reportagem, com um formato mais extenso?**

Sim, porque o formato do *Portugal em Direto* é um magazine. É um magazine de informação regional, que dura cerca de 40 minutos. Isso permite que a reportagem respire e que possamos contar as histórias não pela rama, conseguimos aprofundar um bocado mais. E podemos por vezes fazer reportagens de 4 ou 5 minutos e nalguns casos especiais, em que existe um "tema destaque" podemos ir até aos 7 ou 8 minutos, o que é muito bom em termos de reportagem. Mas o *Portugal em Direto* tem uma outra faceta que nos permite também preparar de certa forma para a grande reportagem, principalmente porque tem em conta as questões mais sociais. Porque aos estarmos mais em contacto com as pessoas, ao andarmos muito lá fora, conseguimos identificar aquilo que preocupa e tendo em conta essas preocupações e ao conhecermos melhor a realidade conseguimos depois ir buscar temas que se podem depois aprofundar nas grandes reportagens o que dizem as pessoas. E o que é que podemos fazer de melhor? É de facto, encontrar questões que digam às pessoas porque só assim é que elas nos ouvem. As pessoas não são obrigadas a ouvir-nos, ouvem porque se identificam com o que estamos a contar e essa é uma mais-valia do *Portugal em Direto*.

**O autor Rizard Kapusciski diz que os cínicos não servem para este ofício. Para além do fator humano, que outras características um grande repórter deve ter?**

O fator humano é essencial, porque, eu costumo dizer que os repórteres estão na reportagem como estão na vida. Se nós na vida gostamos de ser corretos, ter princípios, na reportagem também o devemos fazer. Na reportagem temos de informar com rigor, não há espaço para a mentir. Tem de haver rigor, respeito pelas histórias que contamos, pelas pessoas que entrevistamos, pelos temas que queremos aprofundar. Tem de haver muita curiosidade, porque temos de escavar muitas vezes, e escavar esses assuntos que muitas vezes são assuntos desconfortáveis e temos de saber como lidar com isso. Temos de ter princípios para conseguir chegar às pessoas. Temos de respeitar uma ética, uma deontologia e acima de tudo acho que devemos fazer isso, respeitando a dignidade humana. Houve uma grande que fiz, sobre os cuidados paliativos, e que me marcou nesse aspeto. Foi inclusivamente premiada. Chama-se

‘Dar vida aos dias’ e conta a história de quem está em fase terminal da doença, de cancro neste caso, e que é ajudado por equipas, por pessoas que fazem com que tenham qualidade de vida e dignidade. E porque é que me marcou? Porque foi uma reportagem muito difícil de fazer, porque uma coisa é lidarmos com a vida, outra coisa é lidarmos com a morte, e as pessoas com quem contactamos nessa reportagem são pessoas que vão morrer daí a pouco tempo. Resta-lhes pouco tempo de vida e trata-se de mostrar ali que têm dignidade até nesses seus últimos dias e que para terem dignidade, precisam desses cuidados paliativos, que muitos não têm. A grande reportagem foi para se perceber a necessidade de se apostar mais nos cuidados paliativos, para ajudar essas pessoas e foi uma reportagem que de facto foi desafiante porque queria respeitar essas pessoas. E mesmo na própria reportagem tratá-las com dignidade. Foi ao ponto e mexeu. Lá está, o repórter não pode ser cínico e sem sentimentos, não pode ser distante.

#### **Apenas pelo rigor informativo.**

Exato, tem de ter distância, mas ‘qb’. Porque se não também não deixa transparecer as emoções. E na rádio há muitas emoções que são transmitidas e temos de as deixar passar. Muitas vezes, naquela altura, mantermos-mos firmes para contar as histórias, mas mexe connosco. É impossível não mexer. Eu lembro-me que na altura só consegui ultrapassar depois de ter ido fazer uma reportagem de um parto. A seguir a lidar com a morte, lidei com a vida. Fui ao hospital Amadora Sintra para fazer uma reportagem sobre o nascimento de uma criança, que foi para um magazine de informação que tínhamos na Antena 1, que se chamava *Só Neste País* e que era transmitido ao sábado. E para mostrar também essas emoções, essa alegria, esses sentimentos e isso fez com que eu conseguisse recuperar o meu equilíbrio, até mesmo em termos profissionais, consegui depois enquadrar o meu caminho, sabendo que nós nesta profissão lidamos com momentos mais tristes e momentos de maior alegria e satisfação.

#### **Os repórteres de rádio têm uma preocupação especial com a criação de imagens auditivas. É esse o maior desafio do repórter de rádio?**

É. Na rádio, o som fala por si porque são as pessoas que, na primeira pessoa contam as suas experiências, os seus sentimentos, o que defendem. Mas há ali algo que fica para enquadrar ao repórter. O repórter esteve lá é ele que tem de contar. O trabalho só fica completo se juntarmos a visão do repórter com o som. Apesar de haver situações excecionais em que uma grande reportagem pode ser feita só com sons. São situações muito excecionais e têm de ser feitas com uma grande preocupação estética e de edição para se conseguir. A visão do repórter, o contar

do repórter, os olhos do repórter são muito importantes numa reportagem. O repórter interage com as perguntas, com as conversas, com a forma como encaminha a reportagem no local.

### **O repórter tem de fazer parte do meio?**

Sim, e por isso é que o repórter é participante na reportagem. Sempre com essa preocupação de estar lá sendo isento. E quer contar o que se passa com verdade e rigor. Acho que os sons por si só, só muito exceccionalmente é que conseguem valer só por si. Nada substitui a história contada pelo repórter.

### **A grande reportagem não segue uma matriz, como a notícia por exemplo. A liberdade criativa associada ao género tem consequências positivas no resultado final?**

Tendo em conta que o repórter é que está a contar a história. O repórter é que esteve no momento dos acontecimentos, é que viu, é que foi testemunha, ele pode contar. Se o repórter fez os contactos, fez toda a produção, escolheu os protagonistas da sua história, foi aos locais e anotou tudo o que era relevante, tomou um banho de conhecimento sobre a matéria que está a tratar, só se ele for bem preparado é que consegue seleccionar a informação de maneira a contar bem a história. E quando chega com o material à redação, ele tem de ter toda a liberdade por onde começar, onde é que vai acabar, os sons que acha relevantes, aqueles que não. Só esse conjunto é que faz uma grande reportagem.

Há depois também a escrita, que é muito importante numa grande reportagem. Isso marca. Para mim é o que marca, é o som e a parte de repórter. O repórter até pode aparecer pouco, mas o papel do repórter para contar a história e orientar as várias fases também é importante. Muitas vezes o que acontece é que o repórter está a editar e nota que falta ali qualquer coisa, deteta uma falha, e vai ter de a emendar. Muitas vezes até acabamos uma reportagem e sentimos que dali a um tempo temos de voltar ao assunto porque ainda ficou alguma coisa que naquela altura não tivemos resposta e só o tempo é que a vai dar.

Também acontece isso. Para contar uma história, tem de se ir mais tarde perceber o que é que provocou, em que ponto é que está. E só assim é que conseguimos entender melhor o que fizemos anteriormente.

### **A narrativa que impõe na grande reportagem vai beber influências à arte, à literatura, à música e ao cinema?**

Eu acho que a grande reportagem tem uma forte componente estética. Nós às vezes, entre repórteres, comentamos "A GR está mesmo bonita". Significa que aquele trabalho mexeu conosco, que nos tocou. Até pode ser sobre um tema muito pesado, mas muitas vezes essas reportagens, mediante a abordagem correta, conseguem ser bonitas. Pode contar uma história que nunca mais vamos esquecer. As histórias que não esquecemos são essas histórias, que têm lá essas influências. Um jornalista ao longo do tempo vai acumulando registros daquilo que vamos lendo, dos livros que lemos e que nos marcam, dos filmes, do teatro, da música. E a música tem uma faceta muito importante. Nós muitas sonorizamos as reportagens, e por exemplo, nas minhas reportagens, sou eu que sonorizo tudo mas existem também técnicos que sonorizam. Eu acho que só um repórter sabe que sons usar e quando usar. Por vezes para contar essas histórias de forma mais fiel a música tem um papel a dizer na própria reportagem. Ao nível do ritmo, das passagens de um momento para o outro, das pausas. A música serve muitas vezes para nós fazermos contrastes. Nas grandes reportagens, há muitos protagonistas, são muitas vozes, no mesmo assunto existem vários episódios e capítulos. E a música ajuda-nos a fazer essa ligação, criando harmonia.

### **Fazer uma grande reportagem é um trabalho solitário, isso prejudica ou favorece o trabalho?**

É solitário naquele momento. Mas para se fazer uma grande reportagem é preciso fazer muitas outras pequenas para nos prepararmos. Geralmente nós fazemos muitas de formato mais pequeno e depois lá acabamos por fazer uma grande reportagem. É enriquecedor trabalharmos em conjunto e eu acho que quando se faz uma grande reportagem o que se lá vai colocar é um pedaço daquilo que somos, do que aprendemos, daquilo que vimos na nossa vida, do contacto que fazemos na própria redação, uns com os outros. Eu não sei se é assim tão solitário. Nós as vezes comentamos entre nós na redação aquilo que estamos a fazer, é normal. E às vezes há *inputs*, há partilha de ideias entre colegas. Eu gosto disso. "E se fizesses assim" "E se tentasses desta maneira?" Isso enriquece. A parte mais solitária é quando temos o material e depois temos de escrever e editar. É aquele desespero. Existem ali uns momentos de desespero em que nos perguntamos "Como é que começamos isto?" "Assim ficava interessante, mas desta forma também". Há dilemas. São momentos. E isso muitas vezes até acontece depois de termos terminado a reportagem. O processo criativo, para mim, traz-me um bocadinho de

desassossego. E isso é desafiante porque dá-nos adrenalina, inquietude. Há uma altura em que nos sentimos perdidos. Depois encontramos-mos e é aí que as coisas começam a fluir. Começamos a arranjar o fio condutor da reportagem, de tudo o que gravamos, de todos os momentos.

### **Um jornalista com mais anos de experiência vai ter mais facilidade em desenvolver este formato?**

Eu acho que um jornalista, mesmo em início de carreira, pode tentar fazer uma grande reportagem. E muitas vezes, existem jornalistas que conseguem fazer logo bem, no início de carreira. É com os erros que se aprende. Há muitos jornalistas que passam uma carreira sem fazer uma grande reportagem. Porque é um processo que não é fácil. Nem sempre é fácil. Acarreta uma grande responsabilidade. As grandes reportagens têm uma grande parte dedicada à investigação. Traz muito incomodo. Porque vai se escavar alguns assuntos que é importante conhecermos e que são até relevantes para a sociedade, mas que traz muitas arrelias, pessoas que nos trazem pressões. Durante o nosso percurso, quando abordamos determinados assuntos, nós temos de ter maturidade para não cedermos a certas pressões. São muitos assuntos que tratamos e que são desconfortáveis para os visados e nós temos de ter estofos para isso. Portanto, eu acho que, quem começa pode fazer, mas não pode ser muito perfeccionista, porque o grande problema de quem faz grande reportagem é que andamos sempre à procura do perfeito. E muitas vezes acontece que o perfeito para nós, daqui a dois meses já não existe. Depois também pode acontecer que a grande reportagem vai para o ar e nós achamos que não é bem aquilo que nós queríamos. Mas depois tem sucesso. É importante criar, fazer. E também é importante termos as vezes em que resulta bem, apesar de nós não termos feito como achávamos que devíamos fazer. É também preciso coragem e atrevimento para fazer as coisas de forma diferente.

### **Os repórteres da rádio pública têm muito presente o seu papel social?**

Nós na rádio pública temos muito essa preocupação de dar voz a quem não tem. E muitas vezes, hoje em dia, acontece que mesmo procurando ouvir essas vozes não conseguimos. É difícil chegar a algumas minorias. Por exemplo, na violência doméstica, precisamos de contar casos, até a outras pessoas que sejam vítimas. E tentamos conseguir alguém com quem falar, e é muito difícil. Outro exemplo, fiz uma reportagem a propósito da pandemia, que mostra casos de pessoas que estão no desemprego, que passam mal e que precisam de ajuda. O que acontece é que existe uma barreira da vergonha, as pessoas têm vergonha de contar a sua situação. Hoje

em dia noto cada vez mais isso. Existem barreiras que temos de ultrapassar e isso também é um desafio.

### **Como é que se combatem essas barreiras?**

Muitas vezes é através de pessoas ou instituições de confiança que consigam ajudar-nos a chegar até elas e que confiem no nosso trabalho. O problema é que muitas vezes veem alguma forma de tratar este tipo de informação que não lhes agrada, que não é a forma mais correta, que é alarmista, e depois não têm confiança no jornalista. Depende de nós, também, fazer com que as pessoas tenham confiança em nós e nos abram o coração, que nos contem algo que seja útil para ter repercussão. A senhora em questão, que representei na reportagem da pandemia, acabou por receber muitas propostas de emprego depois do lançamento da história. Acho que o serviço público também é isso. É nestes detalhes que se vê a nossa missão. Somos elos de ligação entre dar conhecimento da realidade, do que se passa, e depois fazer chegar essas vozes aos governantes, a quem pode mudar e ajudar essas pessoas. Essas pessoas não conseguem chegar a quem decide, e o nosso trabalho é esse. E quando tem um final feliz, melhor.

### **Como é que tem olhado para a evolução da grande reportagem na rádio pública?**

Tem tido altos e baixos. Já passei por várias direções e muitas equipas que estiveram a frente da rádio. Alguns deram maior prioridade à grande reportagem, outros deram menos. O grande problema deste formato é também a falta de jornalistas nas redações. As redações não têm capacidade de fornecer jornalistas para a grande reportagem. Isso supõe que esse jornalista esteja dedicado a um determinado assunto, fora dos turnos, e depois os turnos, como têm poucos jornalistas, as redações estão mais limitadas e precisam de quem acompanhe a realidade do dia a dia. Outras vezes é porque há jornalistas que não gostam tanto de aprofundar um tema. Cada um tem o seu perfil, e é preciso também ter perfil e capacidade para fazer uma grande reportagem, é uma questão de capacidade.

### **Existe uma tendência de a rádio falar cada vez menos com o público?**

É verdade. Mas não acontece só com as grandes reportagens. As redações vivem muito de sons que se gravam na própria redação. Hoje em dia temos melhor qualidade nas gravações que fazemos por *Whatsapp*, por *Skype* e até por telefone. Grava-se mais, sai-se menos da redação. Nestes tempos de pandemia tentámos o mínimo, ou seja, tentámos salvaguardar a segurança, mas tentámos também fazer reportagem quando eram assuntos que não se podiam fazer por

telefone. Mas em termos de reportagem, não há como ir aos sítios. E o que se faz muitas vezes é isso. É sons tirados da internet. Usa-se muito esse recurso. E não se vai aos sítios, e é nos sítios que está a reportagem propriamente dita. É lá fora que estão a acontecer as coisas.

### **Essa é uma das grandes dificuldades de um repórter dos dias de hoje, estar preso numa redação?**

Sem dúvida. Porque ao estar na redação contam-se as histórias não com os olhos de um repórter, contam-se as histórias com os sons que chegam. Agora até há partidos que fornecem sons, há muitas plataformas que têm sons. Até há declarações que nem permitem perguntas. O jornalista nesse aspeto está a ser ultrapassado de alguma forma.

O facto de não se ir aos locais, de não se questionar, porque os olhos de um repórter fazem com que se questione em relação ao que se está a passar, e muitas vezes a notícia não é aquilo que eles dizem de imediato. A notícia é o que respondem aos jornalistas. E hoje há cada vez menos jornalistas a questionar, não estamos lá para fazer as perguntas. Muitas vezes é só uma parte da realidade que aparece, o que de facto importava saber não é contado. Faltam elementos porque não há jornalistas nos sítios para se aperceberem o que está a acontecer. O que está a acontecer está lá fora. Não é o que surge através das plataformas digitais, da televisão ou do *Youtube*. Agora que existem mais valias hoje em dia, existem.

### **Abordado a questão da tecnologia, de que forma é que a evolução tecnológica veio alterar a forma de fazer grandes reportagens?**

Há mais valias porque hoje em dia, mesmo através do *Twitter* por exemplo, conseguimos apercebermos-nos do que está a acontecer. Mesmo em sítios longínquos. E conseguimos através desses novos meios, dessas novas tecnologias, apercebermos-nos do que está a passar-se no segundo imediato a ter acontecido. Isso enriqueceu muito o jornalismo, o facto de tudo chegar muito mais depressa. E muitas vezes conseguimos contactos de pessoas que estão do outro lado do mundo. Por exemplo, quando acontecem catástrofes no estrangeiro, conseguimos chegar à fala com muitos portugueses através dessas plataformas. Agora com o Covid-19 foi assim. Nunca conseguiríamos numa situação em que não tivéssemos acesso às novas tecnologias. Depois a qualidade do som que nos chega, o contacto com as próprias fontes. Mas mesmo as próprias pessoas, muitas vezes, até conseguem ser repórteres. E isso é uma mais-valia. É benéfico. E deverá acontecer cada vez mais. É bom o próprio cidadão alertar para o que está a acontecer e fazer chegar isso aos *media*. Isso é um instrumento que pode ajudar de certa

forma em termos jornalísticos. Mas nada substitui a visão do repórter. É como a questão do robot. Nada substitui os olhos do repórter. O estar no sítio, a forma como se conta a história. O repórter está formado para isso. Tem todas as capacidades para depois vir contar essa história e o resto é para quando não se consegue enviar o repórter. E hoje em dia, a tendência das redações é de diminuir essas idas à rua.

### **O que diferencia a grande reportagem em rádio do mesmo género na TV ou na imprensa?**

É igual à paixão da rádio. É semelhante. Com a grande reportagem, como é uma história que, pelo menos pretende ser, mais envolvente, mais aprofundada, contada de uma outra forma, por vezes mais apelativa e isso permite que haja um maior envolvimento do próprio ouvinte. O ouvinte entra na história muito mais facilmente através de uma grande reportagem na rádio. Sente-se, vive-se a reportagem de outra forma. É um meio mais quente, que apela mais à imaginação. Tudo o que se sente quando se ouve a história a ser contada, quase que compartilhamos a história, não ficamos fora dela, somos parte. Enquanto na televisão nós temos a imagem e muitas vezes há distrações, mesmo na própria imagem e é algo que passa, mas não ficamos a pensar sobre aquilo que ouvimos.

### **É mais honesto?**

O próprio meio rádio, é que permite que a informação consiga chegar mais pura. Tendo em conta que não há distrações e quando estamos a ouvir estamos a entender a mensagem de outra forma, mais interiorizada. A informação chega-nos sem filtros.

### **Entrevista nº 5 – Mário Galego, repórter e primeiro coordenador da *Grande Reportagem Antena 1***

#### **Qual é a sua ligação à origem da *Grande Reportagem Antena 1*?**

Eu fui, digamos que, a pessoa que começou a grande reportagem na rádio pública, no sentido em que era um programa. Até 1997, faziam-se grandes reportagens que passavam de vez em quando. Não havia regularidade, não era um programa. Não era regular, não tinha um período de tempo. Quem fizesse, depois arranjava-se um espaço na antena para pôr no ar. Quando havia material fazia-se, mas isso era raro. Havia sobretudo, e isso tem com a identidade da rádio naquela altura, muitos programas fixos que passavam grandes reportagens lá dentro e que nunca

eram identificados como grandes reportagens, também não tinham a preocupação estética que hoje têm, era completamente diferente. Os meios técnicos também eram completamente diferentes. Eu lembro-me de fazer grandes reportagens, mas que passavam ao sábado à hora de almoço e noutra magazine de informação semanal da altura. Nessa altura, a rádio pública era muito formatada, desde o princípio dos anos 80. Esta rádio tinha uma formatação muito de autor e a informação também era de autor. Ao fim de semana havia um programa de informação, à hora de almoço, ao sábado e domingo, e eram nesses programas que de vez em quando entravam reportagens, debates, peças. Não havia uma linha. Na altura em que o Luis Ochoa assume a direção, desafiou-me para fazer uma reportagem, uma coisa com corpo, que era o princípio de querermos por aqui alguma coisa regular no ar. Mas não havia espaço na grelha para ter regularidade. Mas eu fiz. E a seguir fiz outra, e fui fazendo. E em 1999, eu estava a fazer só este tipo de trabalho, de reportagem. Que eu não tinha concebido na minha cabeça que era grande reportagem. O Ochoa, enquanto diretor, andou nessa altura a lutar para ter um espaço. Nunca consegui. De vez em quando punha-se ao domingo à hora de almoço porque o Porto tinha esse espaço de 15 em 15 dias, e nós intercalávamos com Lisboa. Era um espaço com documentários, entrevistas, e quando eu tinha reportagens também elas iam para o ar. Inclusive, no programa que o Luís Ochoa tinha à sexta-feira, que era de uma hora, ele chegava a pôr no ar grandes reportagens. Já havia ali a necessidade de uma regularidade. Depois, começou a haver uma preocupação estética da grande reportagem - ter um indicativo, que identificasse que aquilo ia ser uma grande reportagem.

E como na altura ainda estávamos na transição da fita para o *Nemisis*, o primeiro sistema digital que tivemos, que tinha só duas pistas. Era quase a mesma coisa que a fita, só que o som era digital. Dava para pôr a voz por cima de um ambiente, ou de uma música, e pouco mais. Com a fita não havia pistas sequer. Montavas, guardavas. Nessa montagem acrescentavas mais um som, guardavas. Ias montando som em cima de som até teres o resultado final, mas isso dava-te um trabalhão gigante. Eu cheguei a montar uma GR, em 99, toda em fita, que me demorou uma madrugada inteira. Hoje em dia as possibilidades são quase infinitas. Depois de essa altura, 99, continuei a fazer reportagens, com formato médio de mais ou menos 15 minutos. A partir daí, eu lembro-me de fazer reportagens com média dimensão que entravam muito no Portugal em Direto, que nessa altura passou a ter só uma emissão nacional. Era um programa de 45 minutos em que tinhas a possibilidade de lançar uma reportagem de 10 a 20 minutos. Tínhamos essa liberdade. Essa tentativa de regularidade passou primeiro pelo *Portugal em Direto*, depois no programa da manhã também se começou a passar de vez em quando, pelo menos uma vez

por semana. E depois em 2005, na altura o diretor de informação, que era o Fausto, pediu-me uma reportagem semanal. Tinha quinze minutos para usar, passava às segundas ou as terças. Mas era regular. Foi a primeira vez que foi regular.

**Existia uma equipa dedicada a esse formato?**

Era eu. Comecei por ser eu. A que se juntaram as jornalistas Célia e a Rita. Eu era o coordenador do espaço de Reportagem, nem era de Grande Reportagem. Objetivávamos reportagem para aquele espaço semanal, com indicativos e com lançamentos, era um programa. Foi a partir dessa altura que passou a ter uma periodicidade semanal. Depois eu acumulei a coordenação da secção de Sociedade com a Grande Reportagem. A seguir a essa regularidade semanal, passou a haver uma regularidade quinzenal. Chamado *Grande Reportagem Antena 1*. É a primeira vez que a Antena 1 tinha um espaço identificado. E até hoje se manteve essa designação.

**A estrutura da *Grande Reportagem Antena 1* alterou bastante desse momento até hoje?**

Alterou sim. No tempo em que o Fausto me pediu para construir aquele espaço, ele não me impôs limite temporal nenhum, aquilo tinha que ter o tempo que uma grande reportagem merece. Pode ter 12 minutos e ser uma coisa do outro mundo, como pode ter meia hora. Objetivávamos a estrutura da grande reportagem e negociávamos com a programação. Hoje a redação sofre do problema de ter menos gente. De ter menos gente para fazer grandes reportagens. A consequência é ter menos e ter menos temas. Porque há só duas ou três pessoas que produzem este formato com mais regularidade. E as pessoas estão sempre muito viradas para uma determinada área, um determinado tema. Isso faz cortar o leque de reportagens que podemos colocar no ar. A falta de gente na redação obrigou a que haja menos gente a fazer. A equação é simples. Isto é matemático. Menos gente na redação, menos gente a fazer tudo, inclusive grande reportagem, e menos tempo. Sendo assim o leque é mais curto.

**Nesse sentido, considera que a rádio passou a falar menos para as pessoas?**

Passou a falar de uma maneira diferente. A rádio de antigamente ia à rua. Íamos à rua falar com as pessoas. Atualmente são mais as pessoas que ligam para cá para falar à rádio. Com os programas de antena aberta, com as pessoas que ligam para cá a dar notícias e depois nós gravamos. Inclusive os partidos e os agentes das notícias ligam para a rádio a mostrarem disponibilidade para falar, portanto, já não somos nós que vamos à procura. Eu passei dez anos no *Portugal em Direto*, em que fazia reportagens. Nessa altura ia fazer trabalhos nas aldeias

recônditas deste país e falava com gente que nunca sequer tinha ouvido telefonia na vida. Eu ia à procura, íamos à procura.de histórias. Hoje em dia não vamos. Hoje em dia praticamente não vamos. Vamos ao Marcelo, ao primeiro-ministro...

### **Qual é a essência da grande reportagem radiofónica?**

A essência é, e isto é lema para o resto da vida, ver e contar. Se não fores ver não podes contar. E a reportagem é contares aquilo que estás a ver. Se eu for à rua, à procura de uma história com pessoas, com sítios, serras, mares, o que for, se eu contar aquilo, isso é reportagem. Hoje em dia, contamos pouco, muito pouco. Se nós dermos boa rádio às pessoas, as pessoas ouvem. Se nós formos à rua e contar a rua na rádio, nós temos de ir à rua para a poder mostrar na rádio. Se dermos às pessoas boas histórias, elas ouvem.\_

### **O que é que diferencia a grande reportagem radiofónica do mesmo formato na tv ou imprensa?**

Numa grande reportagem, tu podes contar tudo o que estás a ver. Enquanto uma grande reportagem de tv, ou de um jornal, que tem fotografia, a rádio tem de te mostrar com sons. A capacidade de descrição e de envolvimento do ouvinte naquilo que tu estás a contar é que é a grande capacidade que a rádio tem de conquistar, e isso está-se a perder. Porque tu hoje em dia tens muito poucas pessoas a fazer grande reportagem. E quando há uma que sugere algum tema, é bem recebido. Mas se calhar esse tema é trabalhado dentro de um avião, ou dentro de uma casa. Não vais à rua contar. E é feito num espaço de tempo muito curto, que te delimita tudo, inclusive a escrita, que é o principal que uma grande reportagem deve ter. A escrita de rádio é a linguagem da rádio. Tu dizes ao ouvinte o que estás a ver com descrição e pormenor e ele está a ver. Se ele não estiver a ver, é porque está mal contado. Por exemplo, se estiveres a fazer uma reportagem aqui na rádio, os estúdios são todos iguais, é muito limitativo.

### **É essencial para um repórter ter tempo?**

Ter vagar. Porque eu quando ia fazer uma grande reportagem, eu ia. Não olhava para o relógio. Nem gravava. Ia, conversava, ouvia, sentia, cheirava e depois na minha cabeça começava a formular-se um objetivo. É isto que eu vou contar. Com quem? Como? Porquê? E depois começava a gravar e a trabalhar a plasticidade que aquilo possa ter. O embrulho todo que eu possa dar ao ouvinte.

### **Tentava envolver-se no meio.**

Sem perturbar, sem me mexer. Entrava, vivia, cheirava. Sentava-me ali ao lado. E depois, passado esse tempo, começava a gravar. Também é certo que há grandes reportagens que demoram 1 ou 2 dias a serem feitas. Há outras que demoram um mês - coisa que eu acho que hoje em dia já não acontece, hoje tentas sacar tudo para o mesmo dia, é tudo muito rápido. Não é vivido, não é sentido. Exemplo. Sem qualquer preocupação, em absoluto, eu fui o ano passado a São Tomé e Príncipe acompanhar Marcelo Rebelo de Sousa. Tive um dia e meio em que estava livre. Lá não há transportes. Conheci uma pessoa que tinha uma viatura, paguei-lhe e ele levou-me a conhecer São Tomé. Levou-me do aeroporto até ao hotel, etc. Como tinha esse tempo livre, aproveitei para conhecer a ilha. Meti-me dentro do carro dessa pessoa, sempre a gravar. Sempre a gravar, com ele a saber. Acontece que ele me levou a conhecer a ilha toda, dando-me a sua perspetiva. A perspetiva dele, o olhar dele. Fomos a uma escola, a uma farmácia, a um mercado. Às coisas onde as pessoas iam. Ele contou me como era a vida na ilha. E o microfone estava sempre ligado. Cheguei ao fim, nem ouvi o que lá estava. Quando voltei a Lisboa, passado um dia ou dois, já depois de ouvir, comecei a pensar o que fazer com aquilo. Lembrei-me que a Rita Colaço estava aflita. "Eu tenho ali uns sons", pode dar uma história. Fui ouvir, montei aquilo sem música, sem nada. Foi apenas ele a contar a ilha: os carros, as estradas, as escolas, as crianças. E deu uma história de ele a contar a ilha, como é atualmente. Fazia 40 anos da independência de São Tomé, veio a calhar.

Mas eu tive essa disponibilidade. Sentei-me no carro. E fui gravando. Esse tipo de disponibilidade de olhar, de libertares-te do microfone, mas tendo sempre a preocupação estética, de estares constantemente a ouvir aquilo que gravas. Auscultador sempre ligado, sempre. Porque há um som a surgir e tu basta-te virar o microfone. Na grande reportagem, o microfone às tantas são os teus ouvidos. Porque há um senhor que está a ralar lá fora tu viras o micro, sem precisar de te virares a ti. Essa disponibilidade, esse olhar, essa permanência, é interessante do ponto de vista estético para uma grande reportagem. E isso que contas dá origem a histórias como essa grande reportagem, chamada "Felisberto ao volante da liberdade".

### **O lado humano do repórter é importante?**

Eu gosto muito das pessoas. Gosto que me contem histórias. Para as poder ouvir na rádio. Para contar aos outros. E isto é a história de um país atual contada por uma pessoa. Que o vive diariamente. É a vida dele, mas é a história do país. É importante escolheres quem é que escolhes para falar. Por isso é que tens de ir falar, perceber, sentar, respirar. Tens de te aperceber do que está à tua volta.

### **Contar uma história e informar não são contraditórios?**

Não são nada contraditórios. Aliás, o que aquela pessoa me disse sobre São Tomé é informação atual. Ele conta a história dele. Tens o lado humano, dessa pessoa e das suas dificuldades. É uma história de vida, mas é também uma história do país. É informação. Não há nenhum antagonismo. Há reportagem que tem pouca informação, é verdade, mas uma grande reportagem não é obrigatória ter informação. Depende muito do repórter, de quem escreve, da abordagem.

### **A sua narrativa vai beber muitas influências à literatura, música e cinema?**

Tudo isso. Jogo com esses elementos. Sou um bocado de tudo. Tens de ser um bocado de tudo para teres o mundo todo dentro de ti. Não te podes ocupar muito de livros. No meu ponto de vista não podes deixar-te envolver muito numa coisa. Aquilo que eu trago para a reportagem é a literatura, é o cinema, é a rádio, é a música, é a poesia. É o futebol. É as condições de habitabilidade. É o governo. É tudo. Tens de ter um leque enorme, e depois, tens de ir buscar um pouco de tudo.

### **Um repórter com experiência é um repórter mais bem preparado para fazer grandes reportagens?**

Claro que sim. Mas isso no jornalismo é o que eu defendo. No jornalismo nós devemos fazer tudo. Até chegar a um ponto da carreira em que te defines, ou como repórter, editor, apresentador, o que for. Tu olhas para a BBC, rádio e televisão. Não vês ninguém com menos de 50 anos a apresentar um telejornal. Ou um noticiário da rádio. Mas vens para Portugal ou Espanha. E tens jornalistas com 20 e poucos anos que já estão no ar. Não pode. A experiência leva-te depois a um caminho. Há indivíduos na BBC que só fazem grande reportagem. Só aquilo. Não fazem mais nada.

### **Como projeta o futuro da rádio?**

Acho que o futuro vai ser muito difícil. Não sei em que termos. A evolução tem sido muito rápida, no sentido de perdermos qualidade nos meios de comunicação. É transversal. A rádio sofre no imediatismo. Tu vais a uma equipa, como a TSF, RR ou Antena 1, se falham duas ou três pessoas pões alguém com 20 e poucos anos a apresentar um noticiário. E é natural que haja

falhas, que não haja uma boa linguagem. É natural que não haja uma boa compreensão por parte do ouvinte.

**Enquanto repórter de rádio sente dificuldade em seduzir este público, que hoje em dia é tão ligado à imagem?**

Se tu contas uma boa história na rádio. Podes ter a certeza de que essa boa história será ouvida. Isso eu não tenho dúvidas. Não perde valor, nem hoje nem há 20 anos. Tu ainda tens ouvintes de rádio, tens é de saber contar. O grande drama da rádio não é perder os ouvintes. Os ouvintes estão lá. Os ouvintes estão na rua, em casa, no carro. Eles estão todos lá. Tens é de saber dar. Se não souberes dar, a rádio vai perder de certeza.

**Como é que a tecnologia veio mudar a rádio e as forma de fazer grandes reportagens?**

Ao contrário do que a maior parte das pessoas pensa, a tecnologia nova, a internet e tudo o que é avançado, vem ajudar a rádio. Temos é de perceber de que forma pode ajudar. Há 20 anos punha uma grande reportagem no ar e ela morria ali. Quem ouviu, ouviu, que não ouviu, ouvisse. Hoje tens plataforma de áudio, tens podcasts, tens outras antenas, podes voltar a ouvir quando quiseres, tens horários em que há abertura para isso. Tens muita coisa vantajosa. Tens é de saber usá-la. Tens de saber vender. Não podes replicar um podcast de uma grande reportagem sem saber como vender aquele produto. Tens de saber vender. Como vendes na rádio, com um spot a passar durante uma semana, onde vais anunciando e anunciando. O podcast também tem uma maneira de certeza absoluta. E consegues vendê-la. Ou quem está em casa com o telemóvel a ouvir, ou quem está no trabalho liga o computador e vai aos podcasts ouvir.

**Enquanto jornalista de rádio, sente que a tecnologia veio mudar o seu trabalho?**

Veio mudar no sentido em que o tornou mais rápido.

**No sentido em que hoje já não é só um jornalista de rádio?**

Esse é um grave problema de quem chega a uma altura da vida em que tem aquele objetivo já traçado e definido e depois tem de voltar 30 anos para trás na carreira. Eu fiz grande reportagem durante 24 anos, já perdi a conta. E agora estou a fazer noticiários, estou a ir para as conferências de imprensa. Isso é um trabalho que a malta nova faz quando entra na rádio. É outra das consequências de não haver gente e da falta de gestão na rádio.

### **Acredita que o poder da rádio está intacto?**

Com formatos diferentes, mas está intacto. Antigamente, nos anos 50 ouvíamos rádio em onda média. Hoje em dia clicas no telemóvel e estás a ouvir rádio. Não podemos ficar parados no tempo. A sociedade evolui. No sentido em que nós queremos que ela evolua. Isto é uma definição muito básica, mas é assim. A sociedade evolui no sentido em que nós queremos. Assim como a grande reportagem e a rádio. Neste momento há falta de meios, há falta de meios humanos sobretudo para fazer aquilo que faz trazer ouvintes para a rádio.

### **E qual seria a solução para contornar a falta de meios?**

Tem de haver boa gestão dos recursos e dos meio técnicos. Boa gestão. Não podes estar a fazer reportagem com um mau microfone. Como não podes estar a fazer grande reportagem com um mau jornalista. Tu não pões um jovem que vem das universidades a fazer uma grande reportagem como não pões um microfone que tem 50 anos a fazer o noticiário principal. Há coisas que têm de ser como têm de ser. E hoje em dia acho que é a gestão. A gestão de meios é um grave problema porque não há bons gestores. Não há meios, não há gente, e a gente que há é má gestora. Isso é gravíssimo.

### **A missão de serviço público da rádio pública está a ser cumprida?**

O serviço público de rádio é tão ou mais importante que isto: Em 2017, nos grandes incêndios da serra da estrela. Rede de telemóvel foi à vida. Rede de telefone fixou foi à vida. Televisão à vida. Internet à vida. Foi tudo à vida. Não havia comunicações. Só havia uma coisa que era o sistema de rádio dos bombeiros e outra coisa que era a rádio pública que lá chegava. Nesta circunstância de calamidade, de catástrofe, houve 2 presidentes de câmara, que se afastaram do município, deram-nos declarações, gravamos com eles para transmitir na rádio para quem estivesse em casa, a ouvir telefonia, sabia o que havia de fazer. E houve muita gente, que estava em perigo, e que disse que se não fosse a telefonia talvez a sorte deles teria sido outra. Foi aquele apelo, dado pela rádio, que salvou aquelas pessoas. Não tinhas telemóvel, internet, televisão. Como é que o povo sabe? Pela rádio. As rádios podem fechar todas, esta nunca fecha.